

BURITI MAIS

ARTE



Categoria 2: Obras didáticas por
componente ou especialidade
Componente: Arte

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida,
desenvolvida e produzida pela
Editora Moderna.

Editora responsável:
Flávia Delalibera Rossi

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 1
Código da coleção:
0027 P23 01 02 000 060





MODERNA

BURITI MAIS ARTE

5^o
ANO

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Flávia Delalibera Iossi

Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas
pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Atuou como professora de Ensino Fundamental
na rede estadual de São Paulo. Editora.

Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2021

Elaboração dos originais:

Catarina São Martinho

Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Artista, professora e pesquisadora, com ênfase nas áreas de teatro, dança e interlinguagens artísticas.

Lígia Aparecida Ricetto

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Paulista. Autora de livros didáticos e paradidáticos, arte-educadora. Editora.

Francione Oliveira Carvalho

Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná. Licenciado em Educação Artística, com habilitação na disciplina de Artes Cênicas, pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Concluiu o pós-doutorado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo. Atua no Ensino Superior na formação de professores.

Coordenação geral de produção: Maria do Carmo Branco

Edição de texto: Olívia Maria Neto, Regina Soares e Silva

Assistência editorial: Beatriz Hrycylo

Revisão técnica: Felipe Pagliato (Música)

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patrícia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Narjara Lara

Capa: Aurélio Camilo

Ilustração: Brenda Bossato

Coordenação de arte: Aderson Oliveira

Edição de arte: Ricardo Yorio

Editoração eletrônica: Grapho Editoração

Coordenação de revisão: Camila Christi Gazzani

Revisão: Diego Carbone, Fausto Barreira, Janaina Mello, Lilian Xavier, Sirlene Prignolato

Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi

Pesquisa iconográfica: Lourdes Guimarães, Marcia Sato, Vanessa Trindade

Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buriti mais arte : manual do professor /
organizadora Editora Moderna ; obra coletiva
concebida, desenvolvida e produzida pela Editora
Moderna ; editora responsável Flávia Delalibera
Iossi. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021. --
(Buriti mais arte ; v. 5)

5º ano : ensino fundamental : anos iniciais
Categoria 2: Obras didáticas por componente ou
especialidade

Componente: Arte
ISBN 978-65-5779-750-1

1. Arte (Ensino fundamental) I. Iossi, Flávia
Delalibera. II. Série.

21-63038

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
Fax (0__11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2021
Impresso no Brasil

Esta coleção foi planejada não apenas para auxiliar os estudantes a refletir sobre os fenômenos artísticos e a viver a experiência artística como prática social, mas também para oferecer a você, professor(a), possibilidades de encaminhamento do conteúdo curricular, por meio de atividades e sugestões elaboradas por professores com vivência em sala de aula.

Sabemos que trabalhar o ensino de conhecimentos relacionados à Arte, de maneira que contribua para a formação de cidadãos que atuem e reflitam sobre o mundo, requer estudo e aprofundamento em teorias e experiências educacionais. Por isso, compartilhamos algumas estratégias que provavelmente aparecerão nos trabalhos dos estudantes, com o intuito de auxiliá-lo durante a observação da execução das atividades e das discussões coletivas, além de propostas concretas e sugestões de intervenção. Acreditamos que, quanto mais informado você estiver sobre o modo como o estudante consegue resolver as situações, mais produtiva será sua intervenção pedagógica.

Embora o livro didático seja um material de uso individual, destacamos a importância da interação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Por essa razão sugerimos que, em algumas atividades, eles trabalhem em duplas, em pequenos grupos ou coletivamente.

Na reprodução comentada das páginas do Livro do Estudante pretendemos ampliar seus conhecimentos de referência e, conseqüentemente, auxiliá-lo nas intervenções em sala de aula, propondo, além disso, possibilidades de acompanhamento da aprendizagem e de avaliação que auxiliarão os estudantes em sua formação. Esperamos que este material contribua para sua prática pedagógica, identificando oportunidades de aperfeiçoamento constante.

Seção introdutória	MP005
1. Ensino e aprendizagem de Arte no Ensino Fundamental	MP005
O componente Arte e as áreas do conhecimento.....	MP005
Objetivos do ensino de Arte.....	MP005
O ensino de Arte nos anos iniciais.....	MP006
2. Proposta pedagógica da coleção	MP006
O trabalho com competências e habilidades.....	MP006
Quadro de competências gerais e competências específicas de Arte e de Linguagens.....	MP007
Quadro de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades.....	MP011
A abordagem de Temas Contemporâneos Transversais.....	MP012
As práticas artísticas e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).....	MP012
Avaliação e acompanhamento da aprendizagem.....	MP013
3. Principais práticas pedagógicas	MP014
4. Organização da coleção	MP016
Livro do Estudante.....	MP016
Manual do Professor.....	MP016
Seções que estruturam os volumes.....	MP016
Índice de conteúdos e sugestão de planejamento.....	MP017
5. Referências bibliográficas comentadas	MP019
Seção de referência do Livro do Estudante	MP021

1. Ensino e aprendizagem de Arte no Ensino Fundamental

● O componente Arte e as áreas do conhecimento

O componente Arte está inserido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na área de Linguagens e suas tecnologias. O documento reconhece esse componente em sua especificidade e conhecimentos próprios a serem construídos, mas sublinha, ao mesmo tempo, a importância de sua compreensão de maneira integrada a outros componentes curriculares, na condução dos processos de ensino e aprendizagem. De acordo com a BNCC, essa integração propicia aos estudantes, nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

[...] participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.

(BRASIL, 2018, p. 63)

Nesse sentido, as quatro linguagens da arte destacadas na BNCC – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – devem ser vistas em diálogo entre si e com outras áreas do conhecimento. Por isso, nesta coleção, existe a preocupação em articular as práticas pedagógicas específicas a saberes como a literatura, promovendo o estímulo à leitura, com propostas de atividades de compreensão leitora e de escrita, o acesso ao conhecimento das tradições e da cultura brasileira e de outros povos, entre diferentes saberes que envolvem as demais áreas do conhecimento.

Essa integração visa contribuir para a aprendizagem integral, voltada ao desenvolvimento de competências estéticas e artísticas nas diferentes linguagens e também de valores relacionados à cidadania, como o protagonismo, a valorização da diversidade, a reflexão crítica, a postura investigativa própria das ciências e a promoção do diálogo entre culturas e etnias para que os estudantes possam agir no mundo de maneira consciente e propositiva.

● Objetivos do ensino de Arte

O processo de criação artística tem ganhado destaque e valorização na contemporaneidade, com a trajetória criativa percorrida pelo artista estando intimamente ligada à obra em seu estado final. Profissionais de diferentes linguagens costumam compartilhar seus procedimentos com o público, lançando mão de encontros presenciais ou virtuais, publicações em diversas plataformas, exposições que incluem materiais processuais como cadernos de artista, entre outros recursos. Nesse contexto, o processo é visto em posição de igualdade com o produto, sendo indissociável da obra. Essas experiências estão em consonância com as novas abordagens metodológicas que valorizam o **processo de desenvolvimento** dos projetos do educando tanto quanto as **produções**.

Segundo a BNCC, mais do que valorizar o aprendizado de técnicas e códigos, é preciso valorizar os processos de criação dos estudantes, que são tão relevantes quanto os produtos finais.

A compreensão desses processos passa necessariamente pelas seis dimensões do conhecimento em arte, descritas pela BNCC:

- **Criação:** envolve o fazer artístico e está necessariamente relacionada à ação intencional e à postura investigativa do estudante. Ela se revela na materialização estética, individual ou coletiva, podendo resultar nas mais variadas produções possibilitadas pelas linguagens.
- **Crítica:** envolve as impressões capazes de impulsionar os sujeitos em novas direções e depende do estudo, pesquisa e experiência do indivíduo.
- **Estesia:** refere-se à experiência sensível como forma de conhecer-se e conhecer o mundo, tendo o corpo em suas sensações e percepções como protagonista.
- **Expressão:** significa a possibilidade de o indivíduo exteriorizar sensações, sentimentos e pontos de vista, manifestando-se por meio da arte.

- **Fruição:** envolve o prazer diante da participação na prática artística ou cultural, mas também o estranhamento, revelando a disponibilidade do sujeito em se sensibilizar.
- **Reflexão:** implica construir argumentos e ponderações sobre as fruções, experiências e processos criativos desenvolvidos pelos estudantes.

Tais dimensões não têm ordem hierárquica, tampouco sequencial. Elas perpassam todas as linguagens e aparecem de modo complexo e indissociável no processo de aprendizagem, podendo ser mais ou menos enfatizadas, dependendo da prática pedagógica em desenvolvimento. Ao criar, o estudante expressa, frui, percebe, avalia e reflete; ao fruir, ele amplia seu repertório e suas capacidades expressivas, e assim por diante.

Alinhada a esses princípios, esta coleção se apresenta como material que deve subsidiar o desenvolvimento de processos em sala de aula, de maneira contínua e integrada. Por meio da investigação das diferentes linguagens artísticas, norteada por temas específicos apresentados a cada capítulo, os estudantes são estimulados a se aproximar de conceitos e conteúdos, refletir sobre a relação das obras com seu contexto pessoal, experimentar materialidades de maneira autônoma e criativa, e propor soluções conjuntas em projetos coletivos. Para que os estudantes sejam contemplados em sua diversidade sociocultural e para que o processo de aprendizagem seja favorecido de maneira integral, a obra fornece estratégias pedagógicas variadas de modo articulado e progressivo.

● O ensino de Arte nos anos iniciais

Para que a formação integral da criança se realize de maneira plena, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, torna-se essencial a articulação do componente curricular aos processos de alfabetização e ao desenvolvimento da literacia, bem como ao conhecimento, ao acesso e à possibilidade de exploração dos meios digitais, que ampliam as formas de expressão e de criação.

Nesse sentido, o domínio das linguagens passa também pelas práticas de leitura e escrita, para alcançar seu potencial pleno, e deve estar ligado a experiências sensorio-motoras e contextualizado em propostas pedagógicas que respeitem a cultura infantil, ampliem o repertório artístico e cultural, valorizem a diversidade de saberes e envolvam a comunidade escolar, acolhendo e incentivando a participação das famílias dos estudantes. Esta coleção baseia-se nesses princípios, propondo atividades de leitura verbal e visual e de escrita, bem como práticas artísticas individuais e coletivas, que possibilitam a expressão criativa dos estudantes, por meio da ludicidade, contextualizando conteúdos relevantes pertencentes à cultura e à arte nacional e internacional, com o intuito de promover processos significativos de ensino e aprendizagem.

2. Proposta pedagógica da coleção

● O trabalho com competências e habilidades

A BNCC promove uma atitude inclusiva ao definir um conjunto de aprendizagens essenciais que os estudantes devem, de forma progressiva, desenvolver durante a Educação Básica. Espera-se que eles tenham, ao longo de todas as etapas, a possibilidade de desenvolver competências gerais que assegurem o direito de aprendizagem e de crescimento integral para atuar na sociedade de forma justa e participativa. Nesse documento competência é definida como a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que possam preparar os estudantes para o exercício da cidadania e do trabalho. São dez as competências gerais que perpassam todos os componentes curriculares. Elas se desdobram em competências específicas para cada componente da área de conhecimento, evidenciando suas especificidades. O desenvolvimento dessas competências é realizado por meio de um conjunto de habilidades relacionadas a conteúdos, conceitos e processos organizados em unidades temáticas.

Nesta coleção, todas as atividades e conteúdos foram elaborados com o objetivo de desenvolver todas as competências e habilidades da BNCC referentes ao componente curricular Arte. Isso pode ser observado na **Seção de referência do Livro do Estudante**, junto dos tópicos e atividades desenvolvidos.

A seguir, apresentamos um quadro com as competências gerais da Educação Básica e as competências específicas do componente Arte e de Linguagens, mostrando a ocorrência mais relevante nos capítulos do Livro do Estudante.

Quadro de competências gerais e competências específicas de Arte e de Linguagens

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	Volume 1 - capítulo 1 Volume 2 - capítulo 3 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulos 2, 3 e 4	1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.	Volume 4 - capítulos 1 e 4	2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.	Volume 1 - capítulo 1 Volume 2 - capítulo 3 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 4 Volume 5 - capítulo 5
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1, 2 e 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulo 1 e 2 Volume 5 - capítulos 1 a 5	3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1, 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 2, 4 e 5 Volume 5 - capítulos 2, 4 e 5	3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.	Volume 1 - capítulo 2 Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulos 3 e 5 Volume 4 - capítulo 5 Volume 5 - capítulo 2

Continua

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	Volume 1 - capítulos 1 a 3 Volume 2 - capítulos 1, 2 e 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - Capítulos 1 a 5 -	4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.	Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 2
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	Volume 1 - capítulos 2 e 4 Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulos 1 e 3 Volume 4 - capítulo 2 Volume 5 - capítulo 1	5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.	Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 2 Volume 5 - capítulo 1	5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1, 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.	Volume 2 - capítulo 2 Volume 3 - capítulos 1 e 3 Volume 4 - capítulo 2 Volume 5 - capítulo 5	6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.	Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulo 3 Volume 5 - capítulo 1
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.	Volume 1 - capítulos 2 e 4 Volume 2 - capítulo 3 Volume 3 - capítulo 3	7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.	Volume 1 - capítulo 2 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 2		
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.	Volume 1 - capítulo 2 Volume 3 - capítulo 3 Volume 5 - capítulo 3	8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5		

Continua

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 e 4 Volume 3 - capítulos 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 2, 3, 4 e 5 Volume 5 - capítulos 2, 4 e 5	9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5		
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 2 e 5 Volume 5 - capítulos 2 e 5				

Ao ingressar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a organização da aprendizagem, antes estruturada por campos de experiência na Educação Infantil, passa a ser estruturada por componentes curriculares inseridos em áreas de conhecimento. Para que o desenvolvimento das competências específicas desse componente seja garantido, é estabelecido um conjunto de habilidades que correspondem a objetos de conhecimento organizados em unidades temáticas. Segundo a BNCC:

[...] as **unidades temáticas** definem um arranjo dos **objetos de conhecimento** ao longo do Ensino Fundamental adequado às especificidades dos diferentes componentes curriculares. Cada unidade temática contempla uma gama maior ou menor de objetos de conhecimento, assim como cada objeto de conhecimento se relaciona a um número variável de habilidades [...]

(BRASIL, 2018, p. 29)

Para que fique claro esse agrupamento, no quadro a seguir, você poderá observar a relação entre as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades do componente curricular Arte desenvolvidos nesta obra no ano letivo em questão, capítulo a capítulo.

Quadro de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades

	Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Capítulo 1	Artes visuais	Contextos e práticas Matrizes estéticas e culturais Materialidades	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Teatro	Elementos da linguagem Processos de criação	(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.). (EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
	Artes integradas	Arte e tecnologia	(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.
Capítulo 2	Artes visuais	Contextos e práticas Elementos da linguagem Matrizes estéticas e culturais Materialidades	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.). (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Teatro	Processos de criação	(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, criativo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. (EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
	Artes integradas	Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Capítulo 3	Dança	Contextos e práticas Elementos da linguagem Processos de criação	(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. (EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e estas com o todo corporal na construção do movimento dançado. (EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado. (EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. (EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
	Música	Elementos da linguagem Materialidades	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical. (EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
Capítulo 4	Artes visuais	Contextos e práticas Materialidades Processos de criação	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Música	Notação e registro musical	(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
Capítulo 5	Artes visuais	Contextos e práticas Matrizes estéticas e culturais Materialidades Processos de criação	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Música	Notação e registro musical	(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
	Artes integradas	Processos de criação Patrimônio cultural Arte e tecnologia	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. (EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. (EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

● A abordagem de Temas Contemporâneos Transversais

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCT) têm como objetivo complementar e dar contemporaneidade aos objetos de conhecimento apontados na BNCC. A inserção desse documento nos currículos escolares visa superar a fragmentação na abordagem dos conhecimentos. A proposta de abordagem dos Temas Contemporâneos Transversais considera:

Educar e aprender são fenômenos que envolvem todas as dimensões do ser humano e, quando isso deixa de acontecer, produz alienação e perda do sentido social e individual no viver. É preciso superar as formas de fragmentação do processo pedagógico em que os conteúdos não se relacionam, não se integram e não se interagem.

[...]

Dentre os vários pesquisadores que investigam e discorrem sobre a relevância e responsabilidade da educação, parece ser consenso que, para atingir seus objetivos e finalidades há que se adotar uma postura que considere o contexto escolar, o contexto social, a diversidade e o diálogo.

BRASIL. Ministério da Educação. *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC*. Brasília, DF: MEC, 2019.

Para que a formação integral dos estudantes ocorra, é importante que a aprendizagem seja contextualizada e que faça sentido em relação à realidade e à vivência deles. Por isso, a transversalidade dos temas não só auxilia a integração dos diferentes componentes curriculares, garantindo que esses objetos de conhecimento ganhem significado para a vida dos estudantes, como também insere esses conhecimentos em um contexto social mais amplo, contribuindo para a reflexão e a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Espera-se que essa abordagem possa suscitar a reflexão dos estudantes sobre meio ambiente, multiculturalismo, cidadania e civismo, saúde, ciência e tecnologia e economia.

Nos volumes desta coleção você encontrará na reprodução do Livro do Estudante ícones indicando a abordagem de temas de relevância suscitados pelos objetos de conhecimento de Arte trabalhados, com sugestões de encaminhamento no Manual do Professor, ao lado da reprodução da página do Livro do Estudante.

● As práticas artísticas e a Política Nacional de Alfabetização (PNA)

As diretrizes que fundamentam a Política Nacional de Educação (PNE), na qual se insere a Política Nacional de Alfabetização (PNA), reconhecem que as práticas artísticas, incluindo as experiências motoras, a musicalização e a expressão dramática, contribuem para a alfabetização e a literacia. Desse modo, estabelece-se não somente a consonância entre o aprendizado artístico e o aprendizado linguístico, como também se reconhece o caráter dinâmico e integrado entre os desenvolvimentos cognitivo, motor e socioemocional.

De acordo com as evidências de pesquisas em ciência cognitiva da leitura, que se ocupa em estudar os processos linguísticos, cognitivos e cerebrais envolvidos nessa aprendizagem, a aquisição da leitura e da escrita não é um movimento natural e espontâneo como o ato de aprender a falar. Portanto, essa aquisição precisa ser ensinada de modo explícito e sistemático (BRASIL, 2019, p. 20, *apud* DEHAENE.S, 2011).

Por isso, torna-se importantíssima a participação da escola e da família no auxílio à aquisição de habilidades de leitura e escrita pelo estudante.

O processo de alfabetização é definido como o ensino das habilidades de leitura e escrita em um sistema alfabético. No entanto, o conceito de literacia vai além da aquisição de um sistema de representação gráfica dos sons e das letras:

Literacia é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades, empregando-as na aquisição, na transmissão e, por vezes, na produção do conhecimento.

(BRASIL, 2019, p. 21, *apud* MORAIS, 2014)

Dessa forma, entendendo a importância de uma ação integrada dos vários componentes curriculares para a consolidação da alfabetização e da literacia, esta coleção de Arte também assume o papel de promover práticas pedagógicas que possibilitem diminuir a diferença entre níveis de alfabetização e ampliar o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita. Por isso, em todos os volumes, no Livro do Estudante, a obra propõe:

- leitura com a ajuda do professor;
- atividades orais para que os estudantes possam desenvolver o repertório oral;
- leitura compartilhada;
- atividades orais e escritas em grupos e duplas a fim de que possam compartilhar conhecimentos em leitura e escrita;
- tarefas de leitura em casa com a ajuda de familiares (estímulo à literacia familiar).

Essas atividades estão sinalizadas com ícones, na **Seção de referência do Livro do Estudante**, e com orientações no Manual do Professor, junto dos tópicos e atividades desenvolvidos.

Para atender também ao disposto na PNA quanto à consolidação das habilidades voltadas à alfabetização e à literacia, esta obra apresenta atividades que levam em consideração os quatro eixos de compreensão de leitura:

- localizar informações explícitas nos textos;
- fazer inferências diretas;
- interpretar e relacionar informações;
- analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais.

As tarefas de casa propostas nos volumes desta coleção também têm papel de destaque para a consolidação das aprendizagens, pois os estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental sofrem forte influência do ambiente familiar. Em virtude disso, é importante que o professor estimule os pais ou familiares a desenvolver com eles as atividades propostas, que são diversificadas e podem mobilizar habilidades orais e escritas, entre elas, leitura compartilhada com familiares, leitura em voz alta, entrevista com pequenas anotações, ensaio de peça teatral com a ajuda de um adulto, entre outros exemplos que visam estabelecer um compromisso dos familiares com o desenvolvimento da literacia nas crianças.

● Avaliação e acompanhamento da aprendizagem

A avaliação em Arte deve estar de acordo com os mesmos princípios que regem as práticas pedagógicas, levando-se em consideração o caráter processual do fazer artístico, a diversidade de experiências e de saberes de cada estudante e o contexto sociocultural em que está inserido. Não somente o fazer artístico é visto de maneira processual, singular e contextualizada, como também os percursos de aprendizagem de cada um dos estudantes. Neste sentido, é imprescindível levar em consideração o caráter formativo dos processos de acompanhamento e verificação de aprendizagens.

A avaliação formativa engloba todos os recursos de monitoramento do processo pedagógico, tendo como premissa a continuidade e a progressão das observações, em todas as etapas do ensino, e privilegiando aspectos qualitativos em relação aos quantitativos. Tal continuidade tem como um de seus objetivos apoiar a aprendizagem e auxiliar o professor no planejamento do curso, em curto, médio e longo prazos. Neste sentido, é interessante salientar que essa metodologia, central no Ensino Fundamental, em especial no componente de Arte, não pretende ser um instrumento classificatório e muito menos punitivo. Ao contrário, ela deve estar integrada às demais práticas, constituindo-se como mais uma etapa da aprendizagem, e colaborando para que os estudantes continuem aprendendo.

Segundo o sociólogo suíço e pesquisador em educação Philippe Perrenoud (1999, p. 183), toda avaliação é formativa quando auxilia o estudante a aprender e a se desenvolver, ou melhor, quando participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo.

De acordo com Perrenoud, no processo de avaliação formativa, devem ser consideradas algumas características essenciais nesse processo:

- A avaliação só inclui tarefas contextualizadas.
- A avaliação refere-se a problemas complexos.
- A avaliação deve contribuir para que os estudantes desenvolvam mais suas competências.
- A avaliação exige a utilização funcional de conhecimentos disciplinares.
- A tarefa e suas exigências devem ser conhecidas antes da situação de avaliação.
- A avaliação exige uma certa forma de colaboração entre pares.
- A correção leva em conta as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas pelos alunos.
- A correção considera erros importantes na ótica da construção das competências.
- A autoavaliação faz parte da avaliação.

(PERRENOUD, 2002, p. 25)

As avaliações diagnósticas são um importante instrumento nesse processo, pois permitem analisar os estudantes, individual e coletivamente, em seu ponto de partida para a trajetória que se inicia. Nessa etapa, o professor avalia se as competências e habilidades dos estudantes são suficientes para o prosseguimento da aprendizagem ou se é preciso interferir nesse processo para que superem defasagens ou mobilizem habilidades que lhes possibilitem prosseguir.

Apesar de a avaliação formativa ocorrer ao longo de todo o processo da aprendizagem, privilegiamos alguns momentos de avaliação que podem servir como parâmetros. No início de cada volume, a seção intitulada *Para começar* propõe uma avaliação diagnóstica com o intuito de auxiliar o professor a verificar os conhecimentos prévios dos estudantes em relação aos temas que serão desenvolvidos durante o ano. A importância dessa etapa não é apenas constatar se os estudantes conhecem determinado conteúdo ou se dominam alguma habilidade, mas também identificar o repertório pessoal de cada um e observar os vínculos que apresentam com os temas e seu interesse em conhecê-los. Esses últimos aspectos, tanto quanto os primeiros, são fundamentais para que as aprendizagens sejam significativas, por levar em conta aspectos sensíveis e socioemocionais.

As atividades ao longo de cada capítulo também são ferramentas que possibilitam a observação contínua feita pelo professor de cada integrante da turma. Com a gradação do nível de dificuldade das questões, os estudantes devem expressar a maneira como compreendem e relacionam os conteúdos a experiências pessoais, em direção ao desenvolvimento das competências e habilidades exigidas em cada etapa. É importante observar seu envolvimento com as atividades, a intencionalidade de suas criações e proposições, além de sua disposição para aprender coletivamente, colaborando com o professor e os colegas. Para que isso aconteça, é fundamental que o professor planeje momentos de conversa em que todos possam elaborar oralmente seus aprendizados, suas dúvidas e interesses em relação aos conteúdos aprendidos.

Somam-se a tais ferramentas as avaliações de processo estruturadas na seção *O que aprendemos*. Embora a avaliação deva ser contínua, esta seção apresenta-se como um momento privilegiado de observar o que foi desenvolvido e o que ainda permanece como desafio para o professor e as turmas, após um conjunto de capítulos. Ela deve formalizar uma etapa de aprendizagem, permitindo tanto ao professor quanto aos estudantes verificar e dialogar sobre aquilo que descobriram, as relações que estabeleceram e as habilidades e competências que foram desenvolvidas.

Ao final de cada volume, a seção *Para terminar* configura-se como um instrumento de avaliação de resultado, retomando os principais conteúdos e competências desenvolvidos durante o ano. Esse é um momento em que o professor deve observar se os objetivos que foram planejados e alcançados ao longo das etapas, durante o ano, se consolidaram. Além disso, este material prioriza a reflexão dos estudantes sobre seu processo particular propondo uma autoavaliação, a fim de estimulá-los a apropriar-se de maneira crítica e autônoma de seus aprendizados e dos desafios que ainda devem enfrentar.

Ainda como forma de suporte ao professor, na conclusão de cada capítulo no Manual do Professor, há uma ficha de avaliação relacionando as habilidades trabalhadas aos conteúdos desenvolvidos. Esse instrumento pode ser usado como meio para a observação dos estudantes durante todo o processo, permitindo que a avaliação não esteja restrita a determinados momentos, mas seja, de fato, contínua. Ao fazer isso, o professor tem mais condições de verificar as aprendizagens, compreendendo e respeitando as singularidades e o tempo de cada estudante.

O desenvolvimento das habilidades e competências no componente Arte, com suas especificidades, também deve colaborar para a alfabetização e literacia, preparando os estudantes para as avaliações externas de larga escala. Tais avaliações são fundamentais para o diagnóstico da educação em âmbito nacional, contribuindo para a construção contínua de políticas públicas realmente efetivas.

3. Principais práticas pedagógicas

As práticas pedagógicas no componente Arte devem enfatizar a processualidade do fazer artístico, valorizar as singularidades dos estudantes, ampliar o repertório cultural e promover a reflexão crítica. Tais objetivos devem ser atingidos com metodologias que priorizem a cultura infantil, lançando mão da ludicidade para o desenvolvimento de ações criativas que explorem o universo simbólico e as potencialidades sensório-motoras dos estudantes.

Um dos aspectos fundamentais do ensino e aprendizagem em Arte é a **fruição**. As reproduções de obras de arte, presentes nesta coleção, constituem um material profícuo para o desenvolvimento de habilidades e

competências relacionadas à leitura de elementos, contextos e narrativas visuais. As propostas de atividade, respondidas de maneira oral e/ou escrita, apoiam o processo de ensino e aprendizagem apresentando diferentes caminhos para a compreensão das imagens e estimulando a fruição artística.

Dessa maneira, a fruição é acompanhada sempre da **reflexão** e da **crítica**, estimulando os estudantes a falar ou escrever sobre o que observam, comparando aquilo que descobrem com o próprio repertório.

São vastas as oportunidades apresentadas ao longo dos cinco volumes desta coleção, e devem ser utilizadas de maneira contínua pelo professor, podendo ser retomadas e comparadas sempre que necessário. Contudo, enfatizamos que essas oportunidades ocorrem especialmente na abertura de cada capítulo e também na seção *De olho na imagem*.

Outro aspecto central desse processo é a **criação**. O fazer artístico, seja ele individual ou coletivo, é peça-chave para o desenvolvimento de potencialidades do educando e favorece a aprendizagem significativa e integral. A coleção apresenta uma diversidade de práticas de exploração de materiais, de experimentação espacial, corporal e sonora. Tais práticas devem ser conduzidas com foco na postura investigativa dos estudantes e na habilidade de traduzir esteticamente os conteúdos aprendidos, comparando aquilo que já sabiam com aquilo que aprenderam recentemente.

Não se espera que os estudantes executem técnicas específicas em um nível especializado, mas que se apropriem dos procedimentos apresentados, de acordo com suas possibilidades, desenvolvendo a motricidade a favor de sua expressão. Na **Seção de referência do Livro do Estudante**, junto das atividades, o docente encontra informações para a realização das práticas propostas que indicam caminhos para a condução das atividades e para a discussão em sala de aula. As práticas de criação aparecem em diversos momentos, assumindo uma posição relevante em todos os capítulos. Os momentos em que é dedicada mais atenção a elas correspondem à seção *Mãos à obra* e à seção *Musicando*. Esta tem a especificidade de aprofundar conceitos, temas e práticas de composição musical.

Toda prática artística acontece em um contexto histórico, geográfico, social e cultural que tece uma rede de pressupostos, símbolos e condições materiais que possibilitam que a obra aconteça de determinada maneira e seja compreendida e apreciada por uma comunidade. A compreensão do contexto é fundamental para a reflexão e o exercício crítico, bem como para a valorização das diferentes culturas, matrizes estéticas e patrimônios culturais. Com esse intuito, a coleção apresenta diferentes recursos visuais e textuais para subsidiar a aprendizagem dos estudantes.

Embora não estejam restritas a elas, as práticas de leitura e escrita são fundamentais para a **alfabetização** e a **literacia** e para o desenvolvimento dos conteúdos do componente Arte. Os textos e as atividades do livro são pensados de maneira a colaborar com a progressão dessas habilidades, enfatizando aquelas que colaboram para o desenvolvimento dos quatro processos gerais de compreensão de leitura e para a consolidação de aprendizagens significativas. Com essa perspectiva, orientamos a realização da leitura dialogada dos textos presentes no livro, alternando práticas de leitura individual silenciosa e as coletivas em voz alta, que podem ser feitas pelo professor e/ou por integrantes da turma. Tais leituras devem ser realizadas respeitando o tempo dos estudantes e com pausas para que cada um tenha a oportunidade de sanar dúvidas, compartilhar suas impressões e fazer comparações com suas experiências e conhecimentos prévios. Dessa maneira, espera-se que o exercício da leitura e da escuta sejam feitos em paralelo, assim como o desenvolvimento das linguagens oral e escrita.

As atividades de leitura, na coleção, também contribuem para consolidar os quatro processos gerais de compreensão textual, organizando de maneira progressiva as habilidades de localização de **informações explícitas**, a realização de **inferências diretas**, **interpretação e relação de ideias e informações**, e a **análise e avaliação** de conteúdos e elementos textuais. A obra apresenta, ainda, atividades para serem realizadas em casa, dando espaço para a **literacia familiar** e o envolvimento de diferentes atores da comunidade no processo educativo.

Em alguns capítulos, o livro traz também propostas de atividades práticas coletivas, em que os estudantes são estimulados a rever seus aprendizados e a dialogar com os colegas em uma construção conjunta. Essas atividades pretendem consolidar os conteúdos e aprofundar o trabalho com as competências gerais e específicas, estimulando a autonomia, a colaboração, o diálogo e a reflexão sobre temas relevantes.

Por fim, é dada aos estudantes a oportunidade de serem acompanhados em sua aprendizagem, ao longo do processo, trabalhando atividades que possibilitam ao professor fazer avaliações diagnósticas, avaliações de processo e avaliação de resultados. Nessa ação contínua, os estudantes têm o papel de coautores em seu processo de aprendizagem, pois fornecem subsídios para que o professor possa retrazar rumos, de acordo com seu desenvolvimento.

4. Organização da coleção

● Livro do Estudante

O Livro do Estudante pretende subsidiar processos de ensino e aprendizagem que garantam aos discentes o desenvolvimento de habilidades e competências de modo significativo e trazendo os conteúdos de maneira clara, didática e lúdica, contemplando o universo infantil e possibilitando sua utilização de maneira autônoma.

● Manual do Professor

O material destinado ao professor oferece suporte ao docente por meio de indicações para a condução e a avaliação das práticas, além de sugestões de atividades com o objetivo de preparar uma sequência de práticas pedagógicas, consolidar e avaliar conteúdos por meio de sugestões de fichas de acompanhamento da aprendizagem e remediar dificuldades nos processos de aprendizagem e atividades de campo. As sugestões de atividades são um elemento que deve ser utilizado em caráter eletivo, com base na avaliação feita pelo professor do contexto de cada turma, observando a necessidade de aprofundar um tema ou de retomar uma prática por meio de uma abordagem diferente para contornar uma dificuldade. Já as atividades de campo devem ser planejadas em conjunto com a equipe pedagógica e os familiares dos estudantes, envolvendo os diferentes atores do ensino e da aprendizagem em uma experiência que fomente o contato com os conteúdos e a reflexão sobre contextos, promovendo vivências na conexão entre escola e comunidade.

● Seções que estruturam os volumes

A coleção está organizada em cinco volumes que correspondem aos anos iniciais do Ensino Fundamental, concebidos de maneira sequencial e progressiva. Cada volume reúne capítulos que partem de temas específicos para gerar oportunidades para os discentes desenvolverem as competências e habilidades da BNCC e os processos de literacia de acordo com as bases da PNA.

Cada capítulo apresenta um enfoque específico e busca estabelecer relações entre as linguagens artísticas e entre a Arte e outros componentes, em especial os de linguagens. As seções que aparecem ao longo dos livros colaboram para o aprofundamento de conteúdos e práticas, bem como para as abordagens interlinguagens e interdisciplinares.

● **Abertura dos capítulos:** propõe a leitura de uma imagem que sintetiza ou representa o tema central abordado, além de apresentar questões que visam à avaliação dos saberes prévios dos estudantes sobre o assunto.

● **De olho na imagem:** seção que apresenta telas de artistas ou fotografias, acompanhadas de textos e perguntas norteadoras com o intuito de auxiliar os estudantes na contextualização e na leitura das imagens, promovendo o exercício visual crítico.

● **Mãos à obra:** a seção propõe práticas de pesquisa e criação relacionadas ao tema do capítulo, podendo aprofundar a linguagem central abordada ou criar diálogos com outras linguagens.

● **Conheça o artista:** apresenta uma breve biografia de um artista relacionado ao tema em questão, com o intuito de ampliar o repertório cultural dos estudantes e contextualizar as obras.

● **Glossário:** quadro com palavras que subsidiam a ampliação do vocabulário dos estudantes e apoiam a leitura do texto de modo autônomo. É preciso destacar que as palavras contidas no glossário podem ter mais de um significado, contudo, por razões didáticas, apresenta-se no livro aquele que mais favorece a compreensão do texto pelo estudante.

● **Musicando:** seção que apresenta conteúdos de música e aborda aspectos técnicos e criativos de maneira lúdica, organizados de modo progressivo e contínuo ao longo de toda a coleção.

● **Para fazer com os colegas:** aparece sempre duas vezes em cada volume e finaliza um bloco de dois ou três capítulos com temáticas ou objetivos congruentes, organizando uma sequência de aprendizagens em torno de uma prática autoral e coletiva.

O livro apresenta atividades ao longo de todo o percurso, que devem ser acompanhadas e avaliadas de maneira contínua, e também conta com seções específicas para auxiliar alguns momentos da avaliação formativa. São elas:

- **Para começar:** seção que apresenta questões e atividades de caráter diagnóstico.
- **O que aprendemos:** auxilia a consolidação dos conteúdos e subsidia a avaliação de processo.
- **Para finalizar:** retoma os principais assuntos do ano, incluindo questões que avaliam as competências da BNCC trabalhadas no livro, amparando a avaliação de resultado.

Índice de conteúdos e sugestão de planejamento

O quadro a seguir apresenta um panorama dos conteúdos abordados neste volume, página a página, associando-os às práticas pedagógicas e à trajetória de aulas, que serão retomadas na **Seção de referência do Livro do Estudante** deste Manual. O quadro também indica momentos sugeridos para a realização de etapas da avaliação de aprendizagens e a distribuição de aulas do ano letivo.

Índice de conteúdos e cronograma anual

Observações: em geral, as disciplinas de artes acontecem uma vez por semana no ensino fundamental I, portanto aula equivale a semana neste índice. As aulas podem corresponder a um número maior ou menor de páginas, dependendo da quantidade e complexidade das atividades correspondentes.

AULA	PÁGINAS	CAPÍTULO	Seção ou título	CONTEÚDO	
1	p. 8	1	Para começar	Avaliação diagnóstica abordando conhecimentos prévios em relação ao conteúdo referente ao ano	
	p. 9		Continuação de Para começar	Avaliação diagnóstica abordando conhecimentos prévios em relação ao conteúdo referente ao ano	
2	p. 10		Abertura do capítulo A fotografia	Leitura de imagem e atividade preparatória	
	p. 11		Continuação da abertura do capítulo A fotografia	Leitura de imagem e atividade preparatória	
3	p. 12		Como surgiu a fotografia	História da fotografia	
	p. 13		A imagem fotográfica	História da técnica e equipamentos da fotografia	
	p. 14		A imagem fotográfica: Do daguerreótipo à selfie	Evolução da fotografia e sua presença no cotidiano	
	p. 15		Continuação de Do daguerreótipo à selfie e Atividades	Evolução da fotografia e sua presença no cotidiano	
4	p. 16-17		Mãos a obra e de olho na imagem	Leitura de imagem e criação de personagem	
5	p. 18		Continuação de De olho na imagem e Atividades	Leitura de imagem	
	p. 19		Conheça o artista	Repertório cultural: biografias	
6	p. 20		2	Abertura do capítulo Histórias em movimento	Leitura de imagem e atividade preparatória
	p. 21			Continuação da abertura do capítulo Histórias em movimento	Leitura de imagem e atividade preparatória
7	p. 22	O surgimento do cinema		História do cinema e suas técnicas	
	p. 23	Continuação de O surgimento do cinema		História do cinema e suas técnicas	
	p. 24	Atividades		O cinema no cotidiano	
8	p. 25	Mãos à obra		Materialidades e movimento	
9	p. 26	Cinema de animação		Técnicas cinematográficas de animação	
	p. 27	Continuação de Cinema de animação e <i>Stop motion</i>		Técnicas cinematográficas de animação	
	p. 28	Continuação de <i>Stop motion</i>		Técnicas cinematográficas de animação	
	p. 29	Continuação de <i>Stop motion</i>		Técnicas cinematográficas de animação	
10	p. 30	Griôs, os contadores de histórias		Contadores de histórias nas tradições africanas	
		Continuação de Griôs, os contadores de histórias e Atividades		Contadores de histórias nas tradições africanas	
11	p. 31	Os quilombos e a memória afro-brasileira		Cultura quilombola	
12	p. 32	Para fazer com os colegas	Criação cênica coletiva		
13	p. 33	Continuação de Para fazer com os colegas	Criação e apresentação cênica coletiva		
	p. 34	O que aprendemos	Avaliação processual		
	p. 35	Continuação de O que aprendemos	Avaliação processual		

Continua

Continuação

14	p. 36	3	Abertura do capítulo O corpo em ação	Leitura de imagem e atividade preparatória	
	p. 37		Continuação da abertura do capítulo O corpo em ação	Leitura de imagem e atividade preparatória	
15	p. 38		Dança contemporânea	Dança contemporânea	
	p. 39		A arte de criar espetáculos	Processos de criação em dança	
	p. 40		Continuação de A arte de criar espetáculos	Processos de criação em dança	
	p. 41		Continuação de A arte de criar espetáculos e Atividades	Processos de criação em dança e Percepção corporal	
16	p. 42		Mãos à obra	Exploração de movimentos e criação coreográfica	
17	p. 42		Continuação de Mãos à obra	Exploração de movimentos e criação coreográfica	
18	p. 43		Musicando	Andamento rápido, lento e moderado	
19	p. 44		4	Abertura do capítulo Pintando retratos	Leitura de imagem e atividade preparatória
	p. 45	Continuação da abertura do capítulo Pintando retratos		Leitura de imagem e atividade preparatória	
20	p. 46	Retrato e autorretrato		Gêneros da pintura e representação humana	
	p. 47	Continuação de Retrato e autorretrato e Atividades		Gêneros da pintura e representação humana	
21	p. 48	Mãos à obra		Materialidades e representação humana	
22	p. 49	Outros retratos		Representações não-realistas	
	p. 50	Outros retratos: Atividade		Materialidades e representação humana não-realista	
23	p. 51	Mãos à obra		Materialidades e representação humana	
24	p. 52	Continuação de Mãos à obra		Materialidades e representação humana	
25	p. 52	Música para uma exposição de quadros		Diálogos entre música e artes visuais	
	p. 53	Atividades e Conheça o artista		Arte e emoção e Repertório cultural: biografias	
26	p. 54	De olho na imagem		Leitura de imagem	
	p. 55	Continuação de De olho na imagem e Conheça o artista		Leitura de imagem e repertório cultural: biografias	
27	p. 56	Musicando		Notação: registro musical convencional	
	p. 57	Musicando		Notação: registro musical convencional	
28	p. 58	5		Abertura do capítulo A arte do cordel	Leitura de imagem e atividade preparatória
	p. 59			Continuação da abertura do capítulo A arte do cordel	Leitura de imagem e atividade preparatória
29	p. 60			A arte e a cultura popular	História do cordel
	p. 61			Continuação de A arte e a cultura popular	História e estrutura do cordel
	p. 62		A arte e a cultura popular: Atividades	História e estrutura do cordel	
30	p. 63		A gravura	Técnicas de gravura	
	p. 64		Gravuras coloridas	Técnicas de gravura	
	p. 67		Continuação de Gravuras coloridas	Técnicas de gravura	
	p. 66		Continuação de Gravuras coloridas	Técnicas de gravura	
	p. 67		Continuação de Gravuras coloridas e Identificação de gravuras	Técnicas de gravura	
31	p. 68		Continuação de Identificação de gravuras	Legendas e seriação na obra de arte	
	p. 69		Atividades	Legendas e seriação na obra de arte	
32	p. 69		Mãos à obra	Materialidades na gravura	
33	p. 70		Continuação de Mãos à obra	Materialidades na gravura	
34	p. 71		Do oriente ao ocidente	História da gravura	
	p. 72		Cordel cantado	Narrativas e musicalidade	
	p. 73		Cordel cantado: Atividades	Narrativas e musicalidade	
35	p. 74		Mãos à obra	Meios digitais e criação	
36	p. 74		Continuação de Mãos à obra	Meios digitais e criação	
37	p. 75		Musicando	Instrumentos no cordel	
	p. 76		Continuação de Musicando	Notação: registro musical convencional	
	p. 77		Continuação de Musicando	Notação: registro musical convencional	
	p. 78		Continuação de Musicando	Notação: registro musical convencional	
38	p. 79		Para fazer com os colegas	Organização, exposição e apreciação coletiva de trabalhos	
39	p. 79		Continuação de Para fazer com os colegas	Organização, exposição e apreciação coletiva de trabalhos	
40	p. 80		O que aprendemos	Avaliação processual	
	p. 81		Continuação de O que aprendemos até aqui	Avaliação processual	
	p. 82-83		Para terminar	Avaliação resultado	

5. Referências bibliográficas comentadas

- ANDRADE, C. R.; GODOY, K. M. A. *Dança com crianças: propostas, ensino e possibilidades*. Curitiba: Appris, 2018.
Por meio de experiências próprias, as autoras buscam fornecer ferramentas para que o docente possa incluir a dança no processo de ensino e aprendizagem das crianças, no componente Arte, despertando seu potencial criativo e ampliando suas possibilidades de expressão.
- ARSLAN, L. M.; IAVELBERG, R. *Ensino de arte*. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
A obra aborda métodos e aplicações do ensino de Arte no Brasil no início do século XXI e o modo como esse componente pode ser trabalhado na escola, com dicas práticas, indicações de atividades e fontes de pesquisa.
- BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
O livro de Ana Mae Barbosa, autora nacionalmente conhecida, trabalha a importância do ensino de Arte no Brasil e as mudanças que ele tem sofrido ao longo dos anos. Leitura fundamental para professores e escolas.
- BARBOSA, A. M. (org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
Organizada por Ana Mae Barbosa, a obra apresenta materiais sobre interdisciplinaridade e História da Arte e artigos sobre cultura e avaliação.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília: Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996.
Essa lei norteia todas as decisões a serem tomadas e os caminhos a serem seguidos por escolas e docentes para alcançar o objetivo educacional no país.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 1o jul. 2021.
Documento de caráter normativo que determina o conjunto orgânico e progressivo das aprendizagens essenciais que devem ser contempladas nos currículos da Educação Básica no Brasil.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de implementação da Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2020.
Esse guia tem como objetivo auxiliar escolas municipais, estaduais e demais instituições de ensino a repensar métodos e encaminhar a implementação das propostas curriculares para a Educação Básica no Brasil, a saber, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.
- BRASIL. Ministério da Educação. Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: *propostas de práticas de implementação*. Brasília: MEC, 2019.
Com esse documento, busca-se preparar o aluno para compreender temas importantes para sua vida em sociedade, indo além das quatro paredes da escola.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA: *Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/SEALF, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.
O caderno explicita os princípios, objetivos e diretrizes da Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto no 9.765/2019. Entre os destaques do caderno, está a explicitação dos chamados componentes essenciais para a alfabetização: a consciência fonêmica, a instrução fônica sistemática, a fluência em leitura oral, o desenvolvimento do vocabulário, a compreensão de textos e a produção de escrita.
- CAVALLEIRO, E. *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.
O livro faz uma análise dos sinais de racismo e antirracismo presentes na sala de aula e na Educação como um todo, além de promover uma reflexão sobre mudanças que podem e devem ocorrer nesse ambiente formativo.
- COHN, C. *Antropologia da criança*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Coleção Ciências Sociais passo a passo).
Esse livro aborda conceitos relativos a criança e infância em diversas culturas, abrindo, assim, um debate sobre a importância da antropologia.
- COLL, C.; TEBEROSKY, A. *Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2004.
Especialistas em didática e psicologia apresentam conteúdos relevantes para professores de Arte.
- COSTA, C. *Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
O livro aborda não só o papel da arte na sociedade, como também a função social do artista, além de fornecer orientações para o ensino da Arte, levando em conta aspectos sociais e sua importância para a sociedade.
- COSTA, D. S.; BASSANI, T. S. (org.). *Arte na Educação Básica: experiências, processos, práticas contemporâneas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. (Série Estudos Resumidos, v. 57).
Esse livro aborda discussões sobre as diversas linguagens artísticas do ponto de vista dos educadores, que destacam essa experiência como agentes transformadores da aprendizagem.

- COSTELLA, A. F. *Para apreciar a arte: roteiro didático*. 4. ed. São Paulo: Senac, 2010.
O autor e artista plástico busca incentivar a apreciação artística e despertar um olhar crítico, mas não normativo, para as obras de arte.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
Essa obra oferece uma base teórica e metodológica para que os professores possam viabilizar o ensino de Arte nas escolas.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. *Metodologia do ensino de Arte: fundamentos e proposições*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
Promove a reflexão sobre novas abordagens das práticas do ensino de Arte nas escolas e o modo como o educador pode intermediar o contato dos estudantes com essa linguagem.
- GAINZA, V. H. *Estudos de psicopedagogia musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.
Essa obra apresenta uma fundamentação teórica para a relação entre a psicologia, a pedagogia e o ensino da música.
- JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (org.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
Nesse livro, é abordada a importância da interdisciplinaridade, que ultrapassa a ideia de método, constituindo um fator fundamental para a construção da identidade e a valorização da diversidade.
- LIMA, M. A. M.; SOUSA, A. C. G. (org.). *Epistemologias para a avaliação educacional: fundamentos e aplicações*. Curitiba: CRV, 2019.
Qual é o papel da avaliação nos dias atuais? E, principalmente, como a avaliação é realizada na Educação Básica? Essas indagações são temas desse livro, que levanta questionamentos e convida o leitor a realizar uma reflexão.
- MACHADO, N. J. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
O autor trata de um tema importante entre as práticas de ensino e os métodos dos diferentes campos de conhecimento, passando por questões pontuais da área e mais gerais da formação do indivíduo.
- MASCELANI, A. *O mundo da arte popular brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/Mauad Editora, 2009.
Essa obra riquíssima apresenta imagens das obras de arte do Museu Casa do Pontal, um dos mais importantes museus populares do país, reunidas ao longo de mais de trinta anos.
- MOREIRA, A. A. A. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
Esse trabalho busca aproximar educadores do Ensino Superior aos do Ensino Fundamental por meio de produções artísticas e registros do cotidiano docente.
- PERRENOUD, P. *Avaliação – da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
O livro analisa questões cruciais que permeiam o processo de avaliação e suas complexidades.
- PERRENOUD, P. et al. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
O livro traz textos das apresentações realizadas por autores que participaram de um ciclo de conferências realizados no Brasil em agosto de 2001. Os assuntos abordados são relevantes e subsidiam discussões e tomadas de decisões por aqueles que desejam um trabalho diferenciado e construtivo na escola de Ensino Fundamental.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. 4. ed. São Paulo: LTC, 2010.
Uma obra fundamental entre as publicações e análises psicológicas de Piaget, repassando a formação da personalidade infantil com seus mistérios e características que definirão a vida adulta.
- SILVA, J. F. *Avaliação formativa: pressupostos teóricos e práticos*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.
Com sua experiência na prática docente, o autor apresenta reflexões sobre a formação do professor e das políticas educacionais e de avaliação. Destaca também o papel do educador no desenvolvimento dos estudantes.
- SPOLIN, V. *Jogos teatrais na sala de aula*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
Material amplamente utilizado nas escolas, reforça a contribuição do uso de jogos para a prática artística e sua importante função pedagógica.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
Seleção de ensaios fundamentais de autoria de Vygotsky sobre a teoria do desenvolvimento elaborada por ele.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
Uma das principais obras do autor, trata da importância da relação entre pensamento e linguagem para o desenvolvimento cognitivo e intelectual do ser humano.

BURITI MAIS ARTE

5^o
ANO

Ensino Fundamental • Anos Iniciais

Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Flávia Delalibera Iossi

Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas
pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Atuou como professora de Ensino Fundamental
na rede estadual de São Paulo. Editora.

Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte

1ª edição

São Paulo, 2021

 **MODERNA**

Elaboração dos originais:**Catarina São Martinho**

Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Artista, professora e pesquisadora, com ênfase nas áreas de teatro, dança e interlinguagens artísticas.

Lígia Aparecida Ricetto

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Paulista. Autora de livros didáticos e paradidáticos, arte-educadora. Editora.

Francione Oliveira Carvalho

Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná. Licenciado em Educação Artística, com habilitação na disciplina de Artes Cênicas, pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Concluiu o pós-doutorado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo. Atua no Ensino Superior na formação de professores.

Raquel Zichelle

Pós-graduada *Iato sensu* em Ludopedagogia e Educação Infantil pela Universidade Candido Mendes (RJ). Licenciada em Arte-Teatro pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora de Arte e Teatro.

Coordenação geral de produção: Maria do Carmo Fernandes Branco

Edição de texto: Olívia Maria Neto, Regina Soares e Silva

Assistência editorial: Beatriz Hrycylo

Revisão técnica: Felipe Pagliato (Música)

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patrícia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Narjara Lara

Capa: Aurélio Camilo

Ilustração: Brenda Bossato

Coordenação de arte: Aderson Assis Oliveira

Edição de arte: Ricardo Yório

Editoração eletrônica: Grapho Editoração

Coordenação de revisão: Camila Christí Gazzani

Revisão: Arali Lobo Gomes, Cesar G. Sacramento, Lilian Xavier, Nilce Xavier, Sirlene Prignolato

Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi

Pesquisa iconográfica: Monica de Souza, Daniela Baraúna, Odete Ernestina Pereira, Vanessa Trindade

Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(**Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**)

Buriti mais arte / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Flávia Delalibera Iossi. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021. -- (Buriti mais arte ; v. 5)

5º ano : ensino fundamental : anos iniciais
Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade
Componente: Arte
ISBN 978-65-5779-749-5

1. Arte (Ensino fundamental) I. Iossi, Flávia Delalibera. II. Série.

21-63037

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
Fax (0__11) 2790-1501
www.moderna.com.br

2021

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que é o mundo?

O mundo é o que você coloca nele:

Amigos

Sorrisos

Cores

Flores

Brincadeiras.

E quem sabe também

Fantasia, música, dança...

O mundo pode ficar bem melhor

Com um pouco mais de arte!

Desenhe nesse espaço como você quer que seja o mundo.



Conheça seu livro

Veja como está organizado seu livro de Arte.

Para começar
O que aprendemos
Para terminar

Nessas seções, você poderá acompanhar o desenvolvimento de seu conhecimento em arte: o que já sabe, o que ainda pode aprender e o que aprendeu ao chegar ao final do ano.

Abertura

Você vai observar e apreciar reproduções de pinturas, esculturas e fotografias.



O que eu vejo

Você vai perceber o que sabe sobre o assunto.

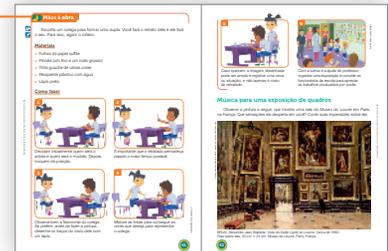


Glossário

Você vai aprender o significado de palavras ligadas à arte e aos assuntos estudados.

Mãos à obra

Você vai fazer atividades artísticas, sozinho ou com os colegas.



De olho na imagem

Você vai apreciar fotografias e reproduções de obras de arte e conhecer um pouco mais sobre elas.



Conheça o artista

Você vai conhecer a biografia de alguns artistas.

Conheça o artista
Maria Zilda de Azevedo nasceu em São Paulo, SP, em 1922. Ela é uma escritora, jornalista e educadora. Ela trabalhou por muitos anos no Departamento de Cultura do Estado de São Paulo. Ela também foi professora de português em várias escolas. Ela escreveu muitos livros e artigos. Ela também foi uma das fundadoras do Movimento de Educação de Base (MEB) no Brasil. Ela morreu em 2010.

Para fazer com os colegas
 Leia o texto e faça um cartaz com as informações mais importantes sobre a vida e a obra de Maria Zilda de Azevedo. Você pode usar fotos, desenhos e recortes de jornais. Depois, apresente seu cartaz para os colegas e conte sobre o que você aprendeu.

Musicando

Você vai ampliar seus conhecimentos sobre música e sons.

Musicando
A notação musical
 A notação musical é a forma de representar a música por escrito. Ela usa símbolos e sinais para indicar a altura, a duração e o ritmo das notas. Existem diferentes tipos de notação musical, como a notação para voz, para instrumentos e para piano. Cada tipo de notação tem suas próprias regras e convenções. Aprender a ler e escrever música é uma habilidade importante para quem quer se dedicar à música.

Para fazer com os colegas

Você e os colegas vão fazer atividades artísticas juntos.

Para fazer com os colegas
 Agora você já sabe um pouco mais sobre a vida e a obra de Maria Zilda de Azevedo. Vamos fazer algumas atividades artísticas juntos. Você pode fazer um cartaz, um mural ou uma apresentação. Você também pode escrever um texto ou uma música. O importante é trabalhar em grupo e compartilhar suas ideias e conhecimentos.

Vamos ler

Você vai ampliar seus conhecimentos com a leitura dos livros que recomendamos.

Vamos ler
Contos de Maria Zilda de Azevedo
 Este livro reúne alguns dos contos mais conhecidos de Maria Zilda de Azevedo. Ela escreve histórias curtas e interessantes que abordam temas como a vida cotidiana, a família e a sociedade. É uma ótima leitura para quem gosta de ler histórias curtas e quer conhecer mais sobre a obra de Maria Zilda de Azevedo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ícones utilizados

Ícones que indicam como realizar algumas atividades:



Atividade oral



Desenho ou pintura



Atividade em dupla



Atividade em grupo



Atividade extraclasse/Para casa

Ícones que indicam trabalho com temas transversais:



Sumário

Para começar 8

CAPÍTULO 1 A fotografia 10

Como surgiu a fotografia 12

A imagem fotográfica 13

 Do daguerreótipo à *selfie* 14

Mãos à obra 16

De olho na imagem 17

Conheça o artista 19

CAPÍTULO 2 Histórias em movimento 20

O surgimento do cinema 22

Mãos à obra 25

Cinema de animação 26

Stop-motion 27

Griôs, os contadores de histórias 30

Os quilombos e a memória afro-brasileira 32

 • Para fazer com os colegas 33

O que aprendemos 34

CAPÍTULO 3 O corpo em ação 36

Dança contemporânea 38

A arte de criar espetáculos 39

Mãos à obra 42

 • Musicando 43



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO

4

Pintando retratos 44

Retrato e autorretrato	46
Mãos à obra	48
Outros retratos	49
Mãos à obra	51
Música para uma exposição de quadros	52
Conheça o artista	53
De olho na imagem	54
Conheça o artista	55
• Musicando	56

CAPÍTULO

5

A arte do cordel 58

A arte e a cultura popular	60
A gravura	63
Gravuras coloridas	64
Identificação das gravuras	67
Mãos à obra	69
Do Oriente ao Ocidente	71
Cordel cantado	72
Mãos à obra	74
• Musicando	75
• Para fazer com os colegas	79
O que aprendemos	80
Para terminar	82
Vamos ler	84
Referências bibliográficas comentadas	85



ALAN CARVALHO

7

Para começar

Avaliação diagnóstica

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR01; EF15AR04

1. Observe de que maneira o estudante representa a si próprio e os outros. Note os elementos que foram usados na composição do desenho; perceba como ele utiliza o espaço da folha; analise a proporção entre os objetos e as pessoas que escolheu representar, as cores selecionadas, se todos aparecem de corpo inteiro ou só o rosto etc. Se necessário, peça que conte como foi o processo para chegar a esse resultado, no que ele pensou enquanto organizava os elementos do desenho. Retome esta atividade nos capítulos sobre fotografia e sobre retratos e autorretratos.
2. Verifique o repertório de filmes dos estudantes. Pergunte se eles têm alguma preferência por filmes de animação, por filmes de super-heróis, ou se gostam de filmes em geral. Peça que citem o título de um filme de que tenham gostado muito e pergunte se o viram juntos, em sala de aula. Eles também podem contar se já foram ao cinema e como foi essa experiência. Aproveite para observar o envolvimento da turma com esse tema, que será trabalhado no capítulo 2.

Para
começar

Olá! Vamos fazer algumas atividades e descobrir o que você já sabe?



1

Desenhe você e seus amigos realizando uma atividade da qual você goste.

Desenho pessoal.

2

Você costuma ir ao cinema? Quais são seus filmes preferidos?

Conte para os colegas e o professor e, depois, registre seu relato.

Respostas pessoais.



Avaliação diagnóstica

- 3** Vamos lembrar o que são rimas? Escreva nas colunas abaixo palavras que rimem. Observe o exemplo.

amarelo

chinelo

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

- 4** As rimas também estão presentes nas letras das canções. Dê dois exemplos de rimas nas canções que você conhece. Escolha uma canção e cante com o professor e os colegas. Depois, escreva aqui um trecho da letra.

Respostas pessoais.

- 5** Ouça a música que o professor vai colocar e dance explorando todas as partes do corpo. Fique atento às orientações que serão dadas por ele.

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR09; EF15AR10;
EF15AR13

- O conhecimento sobre rimas será importante nas atividades do último capítulo do livro. Observe se os estudantes compreendem o conceito e como se apresenta o repertório da turma. Caso demonstrem dificuldades, planeje algumas atividades em conjunto com o professor de Língua Portuguesa quando trabalhar o capítulo 5.
- Peça aos estudantes que digam o nome da canção em voz alta. Caso algum colega não a conheça, peça a quem sugeriu a canção que cante um trecho. Depois, solicite à turma que escolha uma das músicas, de preferência a mais conhecida ou a mais apreciada pela maioria. Caso eles não se recordem de nenhuma, sugira cantigas conhecidas.
- Escolha um espaço amplo na escola e reserve um tempo para a execução desta atividade. Permita aos estudantes que expressem livremente os movimentos. Observe o repertório deles ao se movimentarem. Estimule-os com instruções para mexer partes específicas do corpo relacionando-as entre si e com o espaço. Explore os planos alto, médio e baixo, bem como os movimentos grandes e pequenos, de aproximação e de afastamento. Aproveite esse momento lúdico para incentivar o envolvimento da turma com a dança e o movimento.

Capítulo 1: A fotografia

Introdução

O capítulo aborda a história da fotografia e do desenvolvimento de suas técnicas, desde a criação dos equipamentos fotográficos até as relações da fotografia com o cotidiano no mundo contemporâneo. O foco é aproximar os estudantes do tema e apresentá-lo em diferentes contextos, seja como forma de registro, seja como expressão artística.

As atividades propõem uma reflexão sobre uma possível importância do registro fotográfico na vida dos estudantes, resgatando histórias familiares. São propostas também atividades utilizando o meio digital, em que a turma é convidada a registrar o ambiente escolar. O capítulo apresenta ainda uma atividade de criação cênica a partir da fotografia, em que os estudantes utilizarão a imagem como ponto inicial para o desenvolvimento de personagens.

Objetivos do capítulo

- Conhecer elementos da história da fotografia, bem como o desenvolvimento de suas técnicas e tecnologias.
- Explorar os recursos da linguagem fotográfica como forma de registro e expressão artística.
- Utilizar a fotografia como ponto de partida para a criação em outras linguagens artísticas.

Competências favorecidas

Competências gerais

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competências específicas de Linguagens

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competências específicas de Arte

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR03)** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

- **(EF15AR19)** Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variações de entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
- **(EF15AR22)** Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
- **(EF15AR26)** Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares* etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
1	1	Apresentação dos estudantes. Realização da avaliação diagnóstica. Conversa com a turma.	p. 8-9
	2	Realização da atividade preparatória. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 10-11
	3	Leitura dialogada dos textos “Como surgiu a fotografia”, “A imagem fotográfica” e “Do daguerreótipo à <i>selfie</i> ”. Realização das atividades do livro. Realização de atividades complementares (opcionais).	p. 12-15
	4	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 16
	5	Leitura dialogada das seções De olho na imagem e Conheça o artista . Realização das atividades do livro. Realização de atividades complementares (opcionais).	p. 17-19

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Solicite aos estudantes que observem as imagens. Como a atividade visa promover o aquecimento sobre o tema e levantar os conhecimentos prévios da turma, deixe que façam comentários e apresentem respostas livres às questões propostas. Comente que as fotografias são registros de acontecimentos. Antigamente, eram tiradas com máquina fotográfica analógica e, para que fossem vistas, o filme tinha de ser revelado. Hoje, não há mais necessidade de seguir esse processo. As fotografias são produzidas em formato digital e podem ser vistas imediatamente após serem feitas, em computadores e outros dispositivos eletrônicos. Assim como as fotografias que passavam pelo processo de revelação em papel, as atuais também podem ser impressas para serem guardadas em álbuns e porta-retratos. As fotografias de casamento, de formatura e de eventos considerados importantes são guardadas assim.

Orientações e comentários das atividades

1. Comente que as pessoas tiram fotografias por diferentes motivos: para registrar um momento importante, para utilizar em documentos, para se divertir, para criar uma obra de arte.
2. Chame a atenção dos estudantes para as cores nas duas fotografias. Pergunte a eles se sabem por que uma delas é em preto e branco. Sugira que leiam as legendas e digam em que ano cada uma das fotografias foi tirada. A principal diferença entre elas é o ano em que foram tiradas. Há diferenças nas roupas e nos calçados, no uso de capacete de segurança, nos *designs* do triciclo e da bicicleta (enfeitada e colorida), na posição diferente dos pedais e no semblante dos meninos: um sério e o outro sorridente.

Capítulo

1

A fotografia



Menino em triciclo. Fotografia de 1900.

10

3. Pergunte aos estudantes se sabem como funciona uma câmera fotográfica e de que maneira as imagens são captadas. Questione também se acham que atualmente as fotografias precisam ser impressas para serem vistas e como eles imaginam que era antigamente.

[...] Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens. [...]

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

O que eu vejo

 Converse com os colegas. **Respostas pessoais.**

1. Na sua opinião, por que as pessoas tiram fotografias?
2. Compare estas fotografias. Que diferenças você identifica entre elas?
3. Você sabe como é o processo para fazer uma fotografia?



AFRICA STUDIO/SHUTTERSTOCK

Menino em bicicleta de rodinhas. Fotografia do momento atual, sem data.

11

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Depois de responder às perguntas, forme grupos com quatro integrantes e peça a cada grupo que localize e escolha uma fotografia no livro (não necessariamente neste capítulo). Incentive-os a escolher a que acharem mais interessante e que apresente um grande número de elementos para realizar a leitura da imagem. No primeiro momento, eles deverão descrever, em detalhes, tudo o que observam. Sugira algumas questões para direcionar a leitura: “O que está registrado na fotografia?”; “Há pessoas?”; “Como elas estão vestidas?”; “O que estão fazendo?”; “Há um cenário ou ambiente registrado na imagem?”; “O que faz parte dele?”; “Quais as cores presentes na imagem?”. Após responderem a essas questões, peça a cada grupo que interprete os elementos que observou. Proponha novas perguntas: “Que situação está sendo retratada?”; “Por que as pessoas estão nesse contexto?”; “Para você, o que essa imagem representa?”.

Os grupos deverão registrar as respostas por escrito. Para terminar, peça a todos que compartilhem as descrições e interpretações sobre as imagens. Se achar pertinente, sugira aos grupos que tentem identificar as imagens às quais se referem as descrições. Pergunte aos estudantes se eles acharam que a descrição da imagem ajudou nas interpretações. Retome essa conversa na seção **De olho na imagem**, e sempre que julgar necessário.

Sugestão de atividade complementar

A fotografia que aparece no nosso dia a dia pode estar associada a um texto escrito. Nos meios de comunicação, a publicidade, por exemplo, utiliza a fotografia em anúncios para divulgar um produto com o objetivo de transmitir uma mensagem.

► Faça com os estudantes uma pesquisa na internet, ou em jornais e revistas, em rótulos de produtos e em anúncios publicitários, de fotografias que chamem a atenção da turma. Peça que escolham individualmente uma imagem para analisar o contexto, e faça perguntas direcionando o olhar de cada um. Pergunte sobre o suporte no qual ela está inserida (jornal, revista, embalagem, internet) e que mensagem a imagem transmite. Caso haja legendas ou algum conteúdo associado à fotografia, sugira aos estudantes que leiam o texto em voz alta.

Se desejar, especifique um tema para a pesquisa: alimentação, vestuário, notícias, cartazes informativos etc. No final, promova uma discussão na sala de aula para que cada estudante apresente a análise que fez da imagem pesquisada.

Como surgiu a fotografia

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

Ao observar fotografias e pinturas, os estudantes entram em contato com a concepção dessas artes, enriquecendo o repertório pessoal.

É importante que observem e falem livremente sobre suas percepções para que possam adquirir experiência na leitura e interpretação de imagens. Faça perguntas para aprofundar a observação e a análise das obras: “O que está sendo retratado nessa tela?”; “Quais sensações ela provoca no observador?”; “Ela se parece com uma fotografia?”; “Quais são as cores predominantes?”. Peça aos estudantes que justifiquem suas respostas e estimule-os a ouvir as respostas dos colegas; assim poderão compreender que pode haver mais de uma interpretação sobre a mesma obra.

Na pintura de 1878, intitulada *Madame Georges Charpentier e seus filhos*, Renoir retrata Marguerite Charpentier, esposa do editor e colecionador de arte Georges Charpentier, e dois de seus filhos, Paul e Georgette. Além desse, o pintor Renoir fez vários outros retratos dessa rica família, que incluía ainda outros três filhos.

Se surgir alguma dúvida sobre a palavra “filhos”, do título da obra, esclareça que a criança menor, sentada perto da mulher, é um menino (Paul) e que, naquela época, era comum vestir os meninos menores de 5 anos com vestidos e também deixá-los com cabelos compridos.

A outra pintura, de 1937, retrata a musa Marie-Thérèse Walter, com quem Picasso teve sua primeira filha, Maya.

Como surgiu a fotografia

Antes da invenção da fotografia, quando as pessoas queriam retratar a família, reunindo filhos ou parentes, tinham de contratar um pintor para realizar esse trabalho.

Essa tradição começou a mudar no século 19, com o surgimento do registro fotográfico. A partir de então, havia a possibilidade de realizar retratos com essa nova técnica.

O desenvolvimento da fotografia foi uma revolução no mundo das artes, pois essa técnica registrava fielmente a realidade e acabou inspirando diversos artistas a procurar inovar seu estilo e se distanciar do estilo realista da pintura.

Assim, eles começaram a representar objetos e pessoas de acordo com o que sentiam e imaginavam, e não de acordo com sua aparência real. Além disso, passaram a explorar os elementos das artes visuais, como linhas, formas e cores, de modo pessoal.

Isso pode ser percebido nas obras de artistas como Pablo Picasso (1881-1973).

Com o passar do tempo, os artistas foram entendendo que a pintura e a fotografia eram linguagens diferentes, mas que podiam existir juntas, em harmonia.

Nessa época, muitos artistas plásticos se tornaram fotógrafos. Eles utilizavam a fotografia não somente como registro, mas também como criação artística.



RENOIR, Pierre-Auguste. *Madame Georges Charpentier e seus filhos*. 1878. Óleo sobre tela, 153,7 cm × 190,2 cm. Museu Metropolitano de Arte, Nova York, EUA.



PICASSO, Pablo. *Retrato de Marie-Thérèse*. 1937. Óleo sobre tela, 100 cm × 81 cm. Museu Picasso, Paris, França.

A imagem fotográfica

O químico francês Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) foi quem fez a primeira imagem fotográfica.

Ele criou essa imagem usando a descrição do princípio da câmara escura feita pelo artista e cientista Leonardo da Vinci (1452-1519) no século 16.

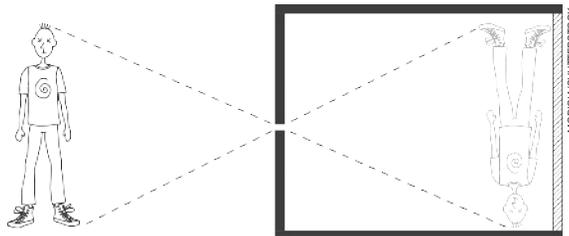


Ilustração do princípio de funcionamento de uma câmara escura.

A **câmara escura** é um tipo de caixa de paredes escuras que possui um pequeno furo em uma de suas faces. Quando um objeto é colocado na frente desse furo, sua imagem aparece invertida dentro da caixa, no lado oposto ao furo.

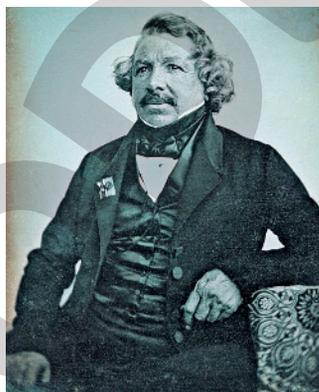
Louis Daguerre (1787-1851) aperfeiçoou a técnica da câmara escura e desenvolveu um aparelho mais eficiente para a captação de imagens, que foi chamado de **daguerreótipo** em homenagem a ele.

Para que um objeto fosse fotografado, era preciso que ficasse na frente da abertura do daguerreótipo por cerca de 30 minutos.

As imagens produzidas por essa máquina também eram chamadas de daguerreótipo, tal como o aparelho.



TOURNACHON, Gaspard-Félix (Nadar). *Retrato de Joseph Nicéphore Niépce*. Cerca de 1831. Litografia, sem dimensões. Coleção particular.



Daguerreótipo de Louis Daguerre. 1843. Imagem feita por Jean-Baptiste Sabatier-Blot.



Daguerreótipo fabricado em 1839, sem dimensões. Museu de Fotografia de Westlicht, Viena, Áustria.

A imagem fotográfica

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

Estimule os estudantes a apreciar todas as fotografias da página e a imagem do daguerreótipo, comparando-o com os aparatos fotográficos atuais. Pergunte no que esses aparelhos se diferenciam e se já viram máquinas fotográficas antigas e retratos de familiares feitos em preto e branco, como os dos bisavós ou parentes mais velhos, ou se já observaram isso no cinema. Há documentários e filmes que resgatem a história da fotografia e captam imagens de forma muito particular. Duas boas indicações, que podem ser utilizadas para ampliar seu conhecimento, ou para fazer recortes e apresentar aos estudantes, são a série intitulada *Os gênios da fotografia* e o documentário *O sal da terra* (2015), que conta um pouco da longa trajetória do fotógrafo Sebastião Salgado.

A fotografia como documento histórico

As fotografias servem como fonte de pesquisa porque são produzidas em um contexto e sob a perspectiva de quem faz o registro. Portanto, representam valores, padrões culturais, visões de mundo e estilos artísticos.

Os documentos históricos são fontes escritas, iconográficas, orais e materiais geradas em determinado período, em diferentes contextos sociais e com objetivos variados, que podem auxiliar em análises históricas. Alguns exemplos são as obras de arte, as fotografias, os textos de jornal, os utensílios, as vestimentas, os depoimentos, os diários, os relatos de viagem, os mapas, as legislações, os filmes etc.

Do daguerreótipo à selfie

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR01; EF15AR03

Sugestão de atividade complementar

Um trabalho interessante pode ser a comparação entre as máquinas fotográficas analógicas e as digitais, a fim de mostrar aos estudantes a evolução da tecnologia ao longo do tempo. O filme utilizado nas máquinas analógicas, ao ser exposto à luz, registra a imagem fotográfica. Para tornar a imagem visível, acontece o processo de revelação, em que são usados produtos químicos sensíveis à luz para fixar a imagem no papel. Antes de haver filmes que produzem as imagens coloridas, os filmes produziam imagens em preto e branco. O processo fotográfico digital, que surgiu muito tempo depois, tem muitas vantagens em relação ao analógico, pois não depende de um filme para produzir as imagens. A produção das fotografias não tem custo e permite que o fotógrafo veja imediatamente a imagem captada. Alguns aparatos eletrônicos permitem que as fotografias sejam enviadas para muitas pessoas ao mesmo tempo e sejam publicadas diretamente nas redes sociais da internet, sem necessidade de revelação no papel.

Pesquise na internet imagens de equipamentos fotográficos antigos, filmes fotográficos, negativos, laboratórios de revelação de fotografias, pessoas revelando fotografias e leve para a classe para mostrar à turma como acontece o processo fotográfico de maneira analógica.

Do daguerreótipo à selfie

Os daguerreótipos fixavam a imagem captada pela lente em uma placa de metal espelhada e fina, que quebrava com facilidade. Além disso, poucas pessoas podiam comprar um daguerreótipo porque era caro.

Com o passar do tempo, foram inventadas **câmeras fotográficas** que fixavam as imagens em chapas de vidro para produzir fotografias. Elas eram melhores do que as placas usadas no daguerreótipo. Como eram mais grossas, era possível produzir várias cópias de uma mesma fotografia no papel.



Chapas de vidro em negativo com imagens fixadas, cerca de 1870.

GLOSSÁRIO

Em negativo: no processo fotográfico, é quando os tons claros aparecem escuros e os tons escuros aparecem claros.

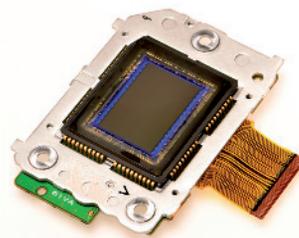
Futuramente, as chapas de vidro seriam trocadas por papel, e o papel seria trocado por filme. As máquinas evoluíram, ficaram menores e mais fáceis de serem transportadas e usadas, até chegarem aos **modelos analógicos**.



Câmera fotográfica analógica, filme fotográfico solto e rolo de filme da década de 1970.

Com a evolução das tecnologias, surgiu o **processo fotográfico digital**, que é parecido com o processo fotográfico das câmeras analógicas. O processo fotográfico digital também usa uma lente para direcionar os raios de luz que passam pela abertura da máquina, mas utiliza um sensor eletrônico no lugar do filme fotográfico.

Atualmente, os telefones celulares têm câmera fotográfica e as fotografias podem ser vistas logo depois de serem tiradas. Com essas facilidades, o número de fotógrafos e de fotografias produzidas cresceu muito e, nesse contexto, até surgiram palavras novas, como **clicar** e **selfie**.



Sensor eletrônico usado em câmeras fotográficas digitais, 2019.

P.1RSTUDIO/ALAMYFOTODARENA



DANIEL M. ERNST/SHUTTERSTOCK

GLOSSÁRIO

Selfie: retrato fotográfico de si próprio, sozinho ou acompanhado. Costuma ser feito com telefone celular para ser postado em redes sociais.

A fotografia deixou de ser apenas uma forma de registrar imagens para se tornar um meio de comunicação. Jovens tirando *selfie* no Rio de Janeiro (RJ), 2018.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas. **Respostas pessoais.**

- 1 Você já viu fotografias antigas de sua família? Conhece as histórias que estão registradas nessas fotografias, como o casamento de um bisavô ou a formatura de um tio? Escreva as histórias que elas retratam.

O estudante deverá conversar com os familiares para saber algumas histórias da família que estejam retratadas nas fotografias.

- 2 Você já fez alguma *selfie* com seus amigos? Onde?

O estudante poderá contar como foi esse momento, se era uma ocasião especial, se todos estavam se divertindo, se fizeram pose etc.

- 3 Crie uma sequência de fotografias mostrando a escola. Registre as pessoas, os objetos e os locais de que você mais gosta, desde a entrada até chegar à sala de aula. Imprima sua fotografia preferida e crie uma legenda escrevendo no canto inferior direito o ano em que ela foi tirada. Organize com os colegas um mural onde as fotografias ficarão expostas.

15

- Sugira que escolham as fotografias que melhor representam aquilo de que eles gostam na escola para serem impressas e colocadas no mural. Peça que anotem o ano no canto inferior direito da fotografia.

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que levem cópias impressas de fotografias antigas de familiares ou de locais como o bairro ou a cidade onde vivem para comentarem a respeito do momento registrado. Caso não tenham fotografias desse tipo em casa, podem pesquisar imagens na internet. Eles podem também descrever as fotografias e apresentá-las para a classe para que todos os colegas possam apreciá-las.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR26

Verifique com os estudantes a compreensão global do texto que está sendo lido. Caso haja dúvida em relação ao significado de palavras que não apareçam no glossário, anote-as no quadro e promova uma discussão na sala para que eles tentem inferir o significado sem precisar procurar no dicionário. Se houver dificuldade na compreensão, proponha que procurem juntos no dicionário.

Orientações e comentários das atividades

2. Comente que a palavra *selfie* foi considerada a palavra do ano em 2013, eleita pelo renomado *Dicionário Oxford*, da Grã-Bretanha. Naquele ano, com a popularização de “tirar fotografia de si mesmo”, o uso da palavra *selfie* cresceu 17.000% em relação ao mesmo período do ano anterior.

3. Converse com os estudantes sobre os espaços e as pessoas da escola que eles gostariam de fotografar. Sugira que façam também uma fotografia com toda a turma. No final, imprima as fotografias para que os estudantes possam montar um mural.

Comente que as fotografias podem registrar pessoas, animais, objetos ou paisagens. Estimule-os a contar suas experiências e a refletir sobre os espaços da escola que lhes são mais significativos. Faça perguntas: “O que a entrada da escola representa para você?”; “E o refeitório?”; “Que sensações você tem quando está na quadra?”; “Onde você mais gosta de estar com seus amigos na escola?”. Depois, oriente-os a decidir quais espaços eles vão fotografar sugerindo que devem tirar mais de uma fotografia do mesmo local, explorando diferentes ângulos, detalhes e distâncias, seja em relação à paisagem, à pessoa ou ao objeto fotografado. No final, realize um momento de apreciação e conversa sobre as imagens.

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR19; EF15AR22

Pesquise, com antecedência, fotografias que mostrem pessoas em diferentes situações, em ambientes distintos, como no cinema, na praia, em uma horta ou fazenda, em casa etc. A busca também pode ser por imagens de pessoas exercendo diferentes profissões: feirantes, cozinheiros, cientistas em um laboratório, esportistas, professores, engenheiros, dentistas, artistas, entre outros. Privilegie fotografias em que a pessoa esteja realizando uma ação, para facilitar a criação das personagens. Imprima as fotografias, ou apresente-as em uma tela digital, para que os estudantes possam escolher quem vão representar.

Disponibilize um tempo para que sejam observados os detalhes da fotografia escolhida. A mesma fotografia poderá ser selecionada por mais de um estudante, sem problemas; assim haverá diferentes interpretações da mesma imagem e eles poderão conversar entre si colaborando com ideias e observando as múltiplas possibilidades.

Durante a experimentação, dê instruções individuais ou coletivas para que explorem as emoções e os estados da personagem. Estimule-os fazendo perguntas que devem ser respondidas com gestos e ações, sem utilizar a oralidade: "O que a personagem faz quando está empolgada?"; "E quando está desanimada?"; "Como ela demonstra que gostou de alguma coisa?".

Caso os estudantes apresentem dificuldades para desenvolver as personagens, forme pequenos grupos para que eles colaborem entre si, de maneira mais formalizada. Escreva as perguntas sugeridas no parágrafo acima e distribua para que os grupos possam utilizar no processo de criação.

Mãos à obra

As personagens que vemos no teatro, no cinema, nos livros e que parecem existir apenas no mundo da ficção muitas vezes são inspiradas na realidade.

Para criar uma personagem, podemos nos inspirar em histórias que conhecemos, em pessoas com as quais convivemos e também observar outras pessoas em fotografias.

Nesta atividade, pesquisaremos fotografias de pessoas desconhecidas e criaremos uma personagem teatral com base no que vemos na imagem.

1. Observe com bastante atenção a pessoa retratada na fotografia escolhida por você.
2. Repare como ela está vestida, em que lugar ela se encontra e o que está fazendo.
3. Preste atenção na expressão facial e nos gestos registrados na fotografia.
4. Imagine quem é essa pessoa. Com o que ela trabalha? Com quem ela mora? O que ela mais gosta de fazer?
5. Explore os movimentos, a voz e as ações da personagem.
6. Por fim, crie um nome para ela e apresente-a para a turma.



16

- No momento das apresentações, organize uma roda para que as personagens se expressem com um gesto, digam seu nome e o que mais gostam de fazer. Ao final, converse com a turma sobre a experiência de se passar pela personagem. Questione se eles tiveram dificuldades e se foi possível se divertir e descobrir novos aprendizados. Pergunte como eles imaginaram a história daquelas personagens e que outras possibilidades haveria em relação às histórias das pessoas fotografadas. Pergunte também se eles acham que teriam criado uma personagem diferente se soubessem apenas a profissão daquela pessoa, sem ter visto a fotografia.

De olho na imagem

Observe as imagens a seguir. Elas foram feitas por dois artistas da fotografia: a brasileira Rosa Gauditano e o francês Pierre Verger.



GAUDITANO, Rosa. Sem título. Crianças indígenas kayapós, em Marapanim (PA), no ano de 2002.



VERGER, Pierre. *Criança empinando pipa*. Década de 1950. Acervo da Fundação Pierre Verger, Salvador (BA).

De olho na imagem

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

Chame a atenção para as fotografias da página e explique aos estudantes que elas foram feitas por diferentes artistas, em diferentes épocas e contextos, mas abordam o mesmo tema: a infância.

Proponha que comparem as semelhanças e diferenças entre elas e comentem livremente. Todas as hipóteses a serem levantadas por eles são válidas.

Depois, chame a atenção para os detalhes perguntando: “O que as crianças estão fazendo em cada uma das fotografias?”; “Como estão vestidas?”; “Qual é a relação dessa vestimenta com a cultura e com o tipo de brincadeira?”; “Em que lugar estão as crianças de cada fotografia?”; “O que sugere a expressão corporal delas?”.

Sugestão de atividade complementar

Proponha aos estudantes que façam um registro fotográfico da infância em situação espontânea. Eles podem fotografar os próprios colegas da turma (ou de outra turma) em brincadeiras que acontecem no intervalo. Você pode combinar de utilizarem alguns recursos fotográficos, como *zoom* ou filtros, e de tirarem várias fotografias para depois escolherem qual consideram a melhor. As imagens podem ser impressas e expostas em mural, com o nome do estudante que a fotografou e o título dado à fotografia.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

Antes de responder a essas questões, estimule os estudantes a se recordar da atividade preparatória realizada no início do capítulo. Retome o processo de descrição e interpretação que fizeram e as opiniões que surgiram, caso algum deles tenha escolhido uma das duas fotografias naquele momento.

Se você perceber que eles estão com dificuldades na leitura das imagens, refaça o percurso sugerido na atividade preparatória e peça que iniciem a resposta descrevendo todos os elementos que estão observando. Faça uma lista no quadro e, depois, solicite que leiam a pergunta 1. Verifique se compreenderam qual é o foco da pergunta (características culturais) e a partir de então, peça a eles que selecionem, entre todos os elementos listados no quadro, quais podem revelar características culturais. Se ainda assim apresentarem dificuldades, peça que tentem observar as diferenças entre as fotografias, começando pelas roupas, passando pelo ambiente, pela pintura corporal, pelas brincadeiras etc., detalhes que podem indicar aspectos da cultura de cada um.

Orientações e comentários das atividades

1. Peça aos estudantes que observem atentamente as fotografias, identificando os locais onde as crianças estão, como elas se vestem e o que estão fazendo. Esclareça que as fotografias foram feitas em lugares e regiões diferentes dentro do Brasil. Comente que brincar é um ato cultural e que também faz parte da pluralidade cultural em um país com tanta diversidade, como o Brasil.
2. Comente que toda fotografia mostra um ponto de vista, produzido pela pessoa que captou a imagem. Além disso, atualmente, há muitas maneiras de se promover a manipulação das fotografias, facilitada inclusive pelos meios digitais.

A fotografia de Rosa Gauditano registra crianças indígenas kayapós brincando na areia branca das margens do rio Marapanim, no Pará.

A fotografia *Criança empinando pipa*, de Pierre Verger, mostra um menino soltando uma pipa sobre uma mureta à beira-mar, na Bahia.

Na fotografia de Rosa Gauditano, o uso de filme em cores ressalta a alegria da cena retratada. Na fotografia de Pierre Verger, o uso de filme preto e branco valoriza os contrastes de luz e as formas da pipa e do menino.

Hoje em dia, é muito fácil fotografar. No entanto, isso não significa que todas as pessoas que fotografam sejam artistas como Rosa Gauditano e Pierre Verger.

GLOSSÁRIO

À beira-mar: situado na praia, próximo ao mar.

Contraste: oposição entre luz e sombra que ressalta as características de uma obra de arte.

Converse com os colegas e registre suas respostas. **Respostas pessoais.**



1. Quais características culturais podem ser percebidas nas fotografias feitas por Rosa Gauditano e Pierre Verger?

O estudante pode destacar as cores que aparecem nas fotografias, além de diversos aspectos das situações retratadas: as crianças indígenas e o garoto da cidade; as brincadeiras diferentes; a pintura no corpo dos indígenas, suas vestimentas e seus adornos, em contraposição às roupas mais convencionais do menino da cidade; o local onde as crianças estão.

2. A fotografia é um registro da realidade? Ela mostra apenas cenas e fatos reais? Explique sua resposta.

Resposta pessoal.

Sugestões de atividade complementar

O Museu Afro-Brasileiro, localizado na cidade de Salvador, Bahia, pode enriquecer o trabalho relacionado às produções fotográficas e à ampliação do repertório dos estudantes sobre a cultura afro-brasileira. Se a escola estiver localizada na cidade de Salvador, veja a possibilidade de organizar uma excursão até o museu. Lá, eles poderão conhecer, além das fotografias, outros registros históricos, geográficos e artísticos relacionados ao tema.

Conheça o artista

Rosa Jandira Gauditano nasceu em São Paulo (SP), em 1955, e estudou Jornalismo. Começou a fotografar em 1977, atuando como jornalista.

Também foi professora de Fotojornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em 1987, fundou uma agência de imagens para fotojornalismo e passou a registrar a vida de indígenas brasileiros em suas comunidades.

O trabalho dela está diretamente ligado à preocupação com a divulgação de tradições culturais e ao envolvimento pessoal com causas indígenas.

As fotografias de Rosa Gauditano mostram aspectos do dia a dia de povos indígenas, como trabalhos domésticos, artesanato, caça, brincadeiras infantis, rituais.

Essas imagens dão visibilidade a populações que frequentemente têm seus direitos negligenciados.



IFE TOLENTINO/STUDIO R

A fotógrafa Rosa Gauditano em 2021.

Pierre Verger nasceu em Paris (França), em 1902. Aos 30 anos de idade, descobriu a paixão pela fotografia.

Mudou-se para a Bahia em 1946 e, a partir dessa época, dedicou-se ao estudo da relação entre a África e esse estado brasileiro em particular.

Realizou um extenso trabalho de pesquisa e retratou o povo baiano, seus costumes e as festas e tradições afro-brasileiras, captando momentos significativos da vida das pessoas que fotografou.

Pierre Verger era também etnólogo e dedicou-se a pesquisas sobre a diversidade cultural no mundo e, em especial, sobre as culturas afro-americanas. Recebeu o título de doutor em Etnologia pela Universidade de Paris, na França, pelos trabalhos que realizou.

Fotografou por cerca de 50 anos. Morreu em 1996, na cidade de Salvador (BA).



ADENOR GONDIM

Pierre Verger fotografado por Adenor Gondim em 1988.

GLOSSÁRIO

Etnólogo: profissional que pesquisa as diferenças culturais entre diversos grupos e sociedades.

Conheça o artista

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Exposição fotográfica

Pergunte aos estudantes se já viram uma exposição de fotografias e em que espaço ela aconteceu (museu, galeria, *shopping*, praça, estação de metrô etc.). Peça que relatem um pouco dessa experiência, comentando se havia um tema para as fotografias que faziam parte da mostra, se eram todas de um único artista ou incluía outros.

Esclareça que o **curador** é o profissional que seleciona as obras que vão participar de uma exposição de arte, seja de pinturas, fotografias, objetos etc. Ele também organiza as obras de arte próximas umas das outras para causar efeitos de sentido em quem observa, além de pensar na altura em que as peças serão expostas – se ficarão na parede ou sobre um suporte horizontal, por exemplo. O curador é um profissional importante na criação do conceito artístico, na montagem e no resultado final de uma exposição.

Sugestão de atividade complementar

Pesquise outros fotógrafos cujas obras estejam ligadas aos temas indígenas e afro-brasileiros, como Sebastião Salgado, Araquém Alcântara, Sylvia Caiuby Novaes, Claudia Andujar, Mario Cravo Neto, José Medeiros. Selecione fotografias feitas por eles e que sejam adequadas para a faixa etária dos estudantes e traga para a sala de aula para mostrar à turma. Depois, cada estudante deverá escolher a fotografia de que mais gostou e justificar sua escolha.

Conclusão

O capítulo abordou as técnicas e o significado da fotografia em diferentes contextos. Espera-se que os estudantes conheçam a história da fotografia, explorem o meio digital como forma de registro e expressão e possam refletir sobre seus usos e possibilidades criativas. É esperado que eles realizem a leitura de imagens fotográficas, exercitando a observação atenta e o olhar crítico para identificar símbolos, paisagens e gestos. Os estudantes devem verbalizar suas reflexões e mobilizá-las para a criação, não somente nas artes visuais, mas também na criação de personagens, tendo a fotografia como ponto de partida.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante o ano letivo, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividade presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação a seguir poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades. Caso as dificuldades permaneçam ao final do processo, é sugerida uma atividade de remediação, presente nesta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 1

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco	Observações
(EF15AR01)	O estudante reconhece a fotografia como possibilidade expressiva em contextos do cotidiano e artístico?				
(EF15AR03)	O estudante compreende a história da fotografia, reconhecendo a contribuição da matriz europeia em sua técnica e usos estéticos?				
(EF15AR04) e (EF15AR26)	O estudante explora a fotografia como forma de expressão, reconhecendo as especificidades desse meio?				
(EF15AR19) e (EF1AR22)	O estudante estabelece relações entre a imagem fotográfica e as teatralidades cotidianas, utilizando a fotografia como modo de investigação para a criação de personagens?				
(EF15AR01)	O estudante observa diferentes fotografias e consegue descrevê-las, mobilizando seu repertório e ampliando seu vocabulário?				

Atividade de remediação

A atividade deve ser realizada individualmente e é importante que haja o envolvimento dos familiares. Os estudantes deverão criar um pequeno álbum de fotografias com legendas, contando um dia de sua vida. A fotografia pode ser feita pela própria criança, como uma *selfie*, ou pode ser tirada por outra pessoa. O estudante deverá escolher de três a seis momentos que gostaria de registrar e imprimir as fotografias para que possa colá-las em folhas avulsas e escrever as legendas. A atividade pode ser adaptada para ser feita na sala de aula com equipamentos emprestados de pessoas da escola, caso o estudante não tenha como tirar fotografias em casa. No final, converse com eles sobre suas rotinas, o que mais gostam de fazer e o que decidiram registrar nas fotografias. É esperado que retomem os conteúdos do capítulo, explorem possibilidades criativas se utilizando de meios digitais e estabeleçam um diálogo com suas emoções.



MODERNA

Capítulo 2: Histórias em movimento

Introdução

O capítulo aborda diferentes maneiras de contar histórias, partindo do curta-metragem *Òrun Àiyé* para tratar da história do cinema e da tradição africana de transmissão de conhecimentos feita pelos griôs. A história do cinema e as técnicas cinematográficas são o foco no início do capítulo. Os estudantes serão convidados a refletir sobre a presença do cinema em suas vidas e serão apresentados a algumas técnicas de animação. Ao longo do capítulo, eles serão convidados a pensar na importância de ouvir e contar histórias, tanto para seu aprendizado pessoal quanto para a preservação da cultura e a transmissão de conhecimento entre gerações; eles também poderão refletir sobre as formas de expressão na cultura quilombola.

As atividades propõem uma aproximação dos estudantes com os temas abordados, utilizando-se de práticas lúdicas. Com a criação de um taumatópio, a turma poderá explorar e compreender os efeitos da imagem em movimento no cinema, em especial o de animação. No final, os estudantes deverão mobilizar seus conhecimentos e os conteúdos abordados nos dois primeiros capítulos do livro como material para uma criação cênica.

Objetivos do capítulo

- Conhecer aspectos da história do cinema, bem como o desenvolvimento de suas técnicas e tecnologias.
- Conhecer e valorizar a matriz africana em diferentes contextos da história e da arte no Brasil.
- Experimentar formas de contar histórias oralmente por meio de criação coletiva e de exercícios teatrais.

Competências favorecidas

Competências gerais

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Competência específica de Linguagens

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competências específicas de Arte

3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR02)** Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
- **(EF15AR03)** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

- **(EF15AR20)** Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
- **(EF15AR21)** Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
- **(EF15AR25)** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
2	6	Realização da atividade preparatória. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 20-21
	7	Leitura dialogada do texto “O surgimento do cinema”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 22-24
	8	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 25
	9	Leitura dialogada dos textos “Cinema de animação” e “ <i>Stop-motion</i> ”. Realização de atividades complementares (opcionais).	p. 26-29
	10	Leitura dialogada dos textos “Griôs, os contadores de histórias” e “Os quilombos e a memória afro-brasileira”. Realização das atividades do livro. Realização de atividades complementares (opcionais).	p. 30-32
	11	Realização da atividade da seção Para fazer com os colegas .	p. 33
	12	Finalização e apresentação da atividade da seção Para fazer com os colegas .	p. 33
	13	Realização da avaliação processual.	p. 34-35

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Comente com os estudantes que o foco deste capítulo será o cinema e que eles também verão outras maneiras de contar histórias. Pergunte de que maneiras se pode contar uma história. Espera-se que eles mencionem a linguagem oral e escrita, que citem as representações teatrais, a linguagem dos quadrinhos etc. Caso não tenha sido citado, pergunte se é possível contar uma história por meio da música, da pintura ou da fotografia. Retome a atividade preparatória do capítulo anterior e pergunte se a fotografia que foi analisada por eles poderia representar um momento inserido em uma história, isto é, um momento que começou antes e terminou depois do registro fotográfico.

Peça que observem atentamente a imagem de abertura deste capítulo e respondam às perguntas. Chame a atenção para o cenário e a atuação da pessoa no cenário. Em seguida, solicite que leiam a legenda e deem sua opinião sobre o título do filme. Mencione que essa animação é *stop-motion* é brasileira. *Orun Àiyé* conta a história da criação do mundo do ponto de vista da cultura afro-brasileira. As palavras do título pertencem à língua iorubá: *òrun* significa *céu*, o plano espiritual; *àiyé* significa *Terra*, o mundo físico.

Orientações e comentários das atividades

1. Chame a atenção para o refletor de iluminação artificial e o teto com um tecido escuro, na fotografia. Pergunte aos estudantes se reconhecem o fundo pintado e os materiais utilizados no cenário. Peça que observem e descrevam o cenário.
2. Indique a artista na fotografia e pergunte a eles se imaginam o que ela está fazendo ali. Depois, peça que leiam a legenda para descobrir a resposta.

Capítulo

2

Histórias em movimento

O que eu vejo



Converse com os colegas.

Uma artista

1. O que esta imagem mostra? **manipulando um boneco dentro de um cenário.**
2. Para que este cenário foi feito? **Para a realização de um filme de animação.**
3. Você já assistiu a algum filme em que as personagens eram feitas de massa de modelar? **Resposta pessoal.**

20

[...] No cinema, a imagem que vemos na tela também passou por um texto escrito, foi primeiro ‘vista’ mentalmente pelo diretor, em seguida reconstruída em sua corporeidade num *set*, para ser finalmente fixada em fotogramas de um filme. Todo filme é, pois, resultado de uma sucessão de etapas, imateriais e materiais, nas quais as imagens tomam forma; nesse processo, o ‘cinema mental’ da imaginação desempenha um papel tão importante quanto o das fases de realização efetiva das sequências, de que a câmera permitirá o registro e a moviola, a montagem. Esse ‘cinema mental’ funciona continuamente em nós – e sempre funcionou, mesmo antes da invenção do cinema – e não cessa nunca de projetar imagens em nossa tela interior. [...]

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Cardoso. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 99.



Cenário de *Ôrun Àiyé*, filme de curta-metragem feito com a técnica de *stop-motion*. Cintia Maria, codiretora do filme, está alterando a posição das personagens para dar ideia de movimento, antes de fazer uma nova fotografia. Imagem de 2015.

21

Orientações e comentários das atividades

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

3. Verifique o conhecimento dos estudantes sobre cinema e filmes de animação. Chame a atenção para diferentes técnicas e observe o repertório dos estudantes. Anote no quadro os filmes preferidos da turma.

Depois de responderem às questões, pergunte: “A quais filmes vocês assistiram?”; “O que acharam interessante nos filmes?”; “Perceberam os efeitos visuais e sonoros?”; “Já viram um filme em 3D?” (Nesse momento, seria pertinente explicar que as três dimensões são altura, largura e profundidade). Peça aos estudantes que comentem os filmes a que mais gostaram de assistir. Continue perguntando: “A história era representada por atores?”; “Era um desenho animado?”; “Se era uma animação, os desenhos pareciam ter sido feitos à mão ou com o uso de computadores?”; “Sobre o que era a história?”; “Onde ela se passa?”; “Quem eram as personagens?”; “Como era o cenário?” etc. Organize-os em grupos, para que contem a história do filme predileto uns para os outros. No final, eles deverão inventar uma história diferente, usando elementos das histórias conhecidas pelo grupo, para compartilhar com a turma.

Sugestão de atividade complementar

Antes de uma obra de arte ser criada, seja um filme, um livro ou uma peça de teatro, as imagens e as ideias surgem na mente do artista. Comente com os estudantes que todos nós temos um “cinema mental” que projeta imagens em nossa “tela interior”. Peça, então, que imaginem uma história curta para um desenho animado e rascunhem as imagens para materializar a história. Quando trabalharem na criação de um *storyboard*, eles poderão aproveitar esses desenhos. Para essa atividade, os estudantes podem criar novas histórias ou aproveitar as histórias inventadas na atividade preparatória.

O surgimento do cinema

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

Peter Mark Roget (1779-1869) nasceu em Londres, Reino Unido. Foi físico, teólogo e lexicógrafo. Em 1824, Roget apresentou um artigo à Royal Society de Londres intitulado “A persistência da visão no que concerne a objetos em movimento” (tradução livre do título em inglês *The Persistence of Vision with Regard to Moving Objects*), no qual abordava a ilusão de se enxergar as rodas de uma caruagem em movimento contrário do que na verdade ocorria. Durante muito tempo, a teoria proposta por Roget foi aceita como explicação para o processo de percepção de imagens no cérebro. No entanto, pesquisas posteriores comprovaram que a teoria aventada por ele não é correta.

Eadward J. Muybridge (1830-1904) nasceu em Kingston, Reino Unido. Mudou-se para os Estados Unidos e lá tornou-se fotógrafo. Ficou famoso por suas experiências usando várias câmeras fotográficas para captar imagens. A partir desses estudos, Muybridge inventou o zoopraxiscópio, uma máquina que exibia sequências de imagens de pessoas ou animais se movendo gradativamente fazendo com que o observador tivesse a impressão de que o movimento era real. Esse sistema foi precursor da filmagem e suas apresentações eram muito apreciadas pelo público.

O surgimento do cinema

O cinema surgiu após a descoberta da fotografia. Entender como nosso cérebro percebe e processa as imagens que vemos proporcionou o aparecimento de novas invenções.

Criado em 1824 pelo britânico Peter Mark Roget (1779-1869), o **taumatrópio** é umas das invenções que fizeram parte da origem do cinema. Trata-se de uma peça em formato de disco atada a dois pedaços de barbante, com uma imagem diferente em cada um dos lados. Quando a peça é girada, as imagens se sobrepõem, formando apenas uma.



COLEÇÃO PARTICULAR

Taumatrópio de 1825, com imagem de troncos de árvores de um lado e de copas do outro.

Outra invenção foi o **fenacistoscópio**, criado em 1829 pelo físico belga Joseph Plateau (1801-1883). Ele desenhou movimentos de uma mesma dança ao longo de uma placa circular, com pequenas mudanças na posição dos dançarinos.

Quando essa placa era girada em frente a um espelho, criava-se a ilusão de que os dançarinos estavam em movimento.



Reprodução de disco de fenacistoscópio produzido por Eadward Muybridge. Cerca de 1893. Litografia. Biblioteca do Congresso, Washington, EUA.

22

Sugestão de atividade complementar

Forme grupos com a turma. Alguns dos integrantes de cada grupo improvisarão uma cena sem diálogo e sem som, somente com gestos. Outros participantes representarão os sons da cena utilizando voz, percussão corporal ou instrumentos musicais, de forma a construir a paisagem sonora da cena. Estimule-os também a criar algumas frases para representar o diálogo da cena. Comente que não há certo nem errado, e quem estiver representando deve aceitar as propostas dos colegas que estão sonorizando. Converse sobre a diversidade das interpretações, sobre os mesmos gestos e ações, questionando o grupo se concordam com a atuação de quem sonorizou a cena e se acham que os colegas o fizeram da maneira esperada, de acordo com a improvisação de quem estava atuando. Essa atividade pretende desenvolver o olhar para a cena e a expressividade dos gestos de maneira lúdica.

No entanto, o invento considerado o “pai” do cinema é o **cinematógrafo**, a máquina de filmar e projetar imagens criada por Léon Bouly (1872-1932) em 1892 e **patenteada** pelos irmãos Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948). Eles eram engenheiros e filhos do industrial Antoine Lumière, fotógrafo e fabricante de **películas fotográficas** na França.

A primeira exibição cinematográfica pública aconteceu em Paris, em 1895, e foi organizada pelos irmãos Lumière.

No início, o cinema mostrava apenas registros de cenas do cotidiano exibidos em branco e preto e com pouca nitidez.

Os filmes também não eram sonorizados porque, na época, não era possível **sincronizar** o som com a imagem.

Assim, as exibições eram acompanhadas de música ou de efeitos sonoros especiais ao vivo.



ISTITUTO LUMIERE. LYON, FRANÇA

Da esquerda para a direita: Auguste Lumière e Louis Lumière. Autoria desconhecida. Paris, França, 1895.

GLOSSÁRIO

Patentear: quando o órgão especializado do governo garante a alguém a autoria e o direito de uso exclusivo de uma invenção ou descoberta.

Película fotográfica: base plástica, flexível e transparente sobre a qual é depositada uma fina camada de gelatina que contém substâncias sensíveis à luz.

Sincronizar: ajustar som e imagem com precisão para que sejam transmitidos ao mesmo tempo.

Reprodução do cinematógrafo usado pelos irmãos Lumière na exibição de 1895, em Paris, França. Museu Nacional de Mídia, Bradford, Inglaterra.

Orientações

Os irmãos franceses Auguste Marie Louis Nicolas Lumière (1862-1954) e Louis Jean Lumière (1864-1948) eram filhos do fotógrafo e fabricante de películas fotográficas Antoine Lumière (1840-1911). Auguste e Louis se formaram em engenharia e trabalharam com o pai. Quando este se aposentou, passaram a dirigir a empresa.

Em 1895, depois de terem patenteado o cinematógrafo, produziram alguns filmes curtos para divulgar o invento. E, em 1896, na primeira exibição pública paga de um filme, a película “A chegada do trem à estação” (tradução livre do título em francês *L’Arrivée d’un train à La Ciotat*), a plateia fugiu da sala apavorada acreditando que o trem sairia da tela. Logo, o cinematógrafo se transformaria em um grande sucesso.

Em 1908, Auguste e Louis inventaram o primeiro processo de fotografia em cores, o *autochrome*. Para isso, sobrepueram três chapas coloridas e transparentes e o resultado foi uma fotografia colorida.



Orientações e comentários das atividades

HABILIDADES DA BNCC EF15AR01; EF15AR03

1. Caso a ida ao cinema tenha sido feita com a escola, estimule os estudantes a contar a experiência de ver um filme com os colegas.
2. Pergunte aos estudantes se eles têm o hábito de assistir aos filmes pela televisão; se usam ou conhecem os DVD's; se já assistiram aos filmes na internet pelo computador, em um *tablet* ou até mesmo pelo celular.
3. Converse com os estudantes sobre a facilidade de reprodução de uma obra cinematográfica e sua distribuição em cópias. Faça perguntas sobre a diferença entre a circulação de um espetáculo teatral e a de um filme. Peça que reflitam sobre os aspectos positivos e negativos dessas características.

No Brasil, o cinema se profissionalizou na década de 1930, com a criação da Cinédia, primeira empresa cinematográfica nacional.

Atualmente, o cinema brasileiro tem se destacado em produções de grande sucesso de público; é importante salientar que, há tempos, muitos filmes produzidos aqui têm sido reconhecidos internacionalmente.



FILMOTECA DE CATALUNYA, BARCELONA, ESPANHA

GLOSSÁRIO

Fotograma: cada uma das fotografias que formam um filme de cinema; o fotograma também é chamado de *quadro*.

Fotograma do filme *Viagem à lua*, de Georges Méliès (1861-1938), de 1902, um dos primeiros filmes a usar efeitos especiais nas imagens. O filme original é em preto e branco, mas foi colorizado em 2003. Filmoteca de Catalunya, Barcelona, Espanha.

1. Você já foi ao cinema? Conte sua experiência para os colegas e, em seguida, registre-a no espaço abaixo.

Respostas pessoais.

2. Além de ir ao cinema, existem outras formas de assistir a um filme. Cite algumas delas.

Respostas possíveis: Por meio de televisão, aparelho de DVD, computador, *tablet* e celular.

3. Por que os filmes chegam a tantos lugares diferentes?

Porque os filmes podem ser gravados em diferentes mídias e suas cópias, distribuídas a vários lugares em todo o mundo, podem ser vistas por muitas pessoas ao mesmo tempo.

Mãos à obra

Que tal construir um taumatrópio? Ele é feito de um círculo de cartolina com um desenho de cada lado. Pedacos de barbante presos nas extremidades servem para girar o círculo e criar a ilusão de que as imagens se combinam. Você pode, por exemplo, desenhar um aquário de um lado e um peixe do outro e então verá o peixe dentro do aquário.

Materiais

- ✓ Pedaco de cartolina de cor clara
- ✓ Tesoura com pontas arredondadas
- ✓ Furador de papel
- ✓ Régua
- ✓ Lápis preto
- ✓ Barbante
- ✓ Borracha
- ✓ Lápis de cor
- ✓ Copo plástico

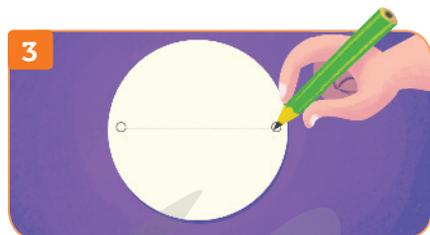
Como fazer



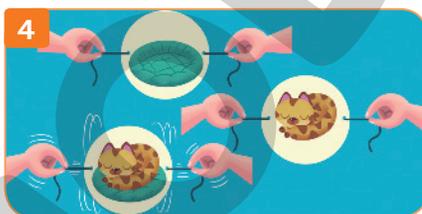
Com o lápis, trace um círculo sobre a cartolina usando a borda do copo plástico como molde.



Recorte o círculo com a tesoura.



Trace uma linha bem clara e fininha dividindo o círculo pela metade. Depois, com o furador de papel, faça dois furos, um de cada lado das bordas do círculo. Use a linha que traçou como guia para que os furos fiquem alinhados. Em seguida, apague essa linha.



De um lado do círculo, desenhe um objeto e, do outro lado, algo que o complemente. Amarre um pedaco de barbante em cada furo. Pronto, agora é só girar a peça pelos barbantes para ver como os dois desenhos se tornam um só!

ILUSTRAÇÕES: MARIOS DE MELLO

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC EF15AR02; EF15AR04

Converse com os estudantes sobre as formas de produção cinematográfica e a circulação dos filmes. Explique para a turma que, além das empresas e equipes envolvidas na produção de um filme, existem empresas especializadas na distribuição do filme depois de pronto. Elas são responsáveis por vender e lançar os filmes no mercado.

Faça uma comparação entre o modo como os filmes eram vistos antigamente e como são vistos nos dias de hoje. Explique o surgimento e o desenvolvimento de mídias que possibilitam que o cinema seja visto em casa, tais como VHS e DVD. Explique também que hoje em dia existem plataformas na internet chamadas de *streaming*, que funcionam como uma assinatura paga, através da qual o cliente tem acesso a conteúdos audiovisuais disponibilizados por quem produz esses conteúdos. Pergunte aos estudantes se já ouviram falar de algumas dessas mídias ou se já tiveram contato com elas. Peça que reflitam e comentem as diferenças entre elas.

Cinema de animação

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

Para introduzir o tema cinema de animação, busque na internet imagens e vídeos que mostrem o funcionamento de um **praxinoscópio**.

Se a escola não possuir equipamentos para projeção de vídeos, ou uma sala de informática, procure na sala de leitura ou na biblioteca da escola algum livro sobre o tema, com imagens diferentes como referência.

Ao trabalhar o conceito de *animação*, inicie sua explanação retomando o teatro de sombras, o teatro de bonecos e de objetos utilizados nesse tipo de apresentação, que faz parte do chamado teatro de formas animadas. Esse gênero teatral consiste em personificar objetos inanimados por meio da manipulação.

A palavra *animação* deriva da palavra latina *anima*, que significa, entre outras coisas, *alma*, *vida*.

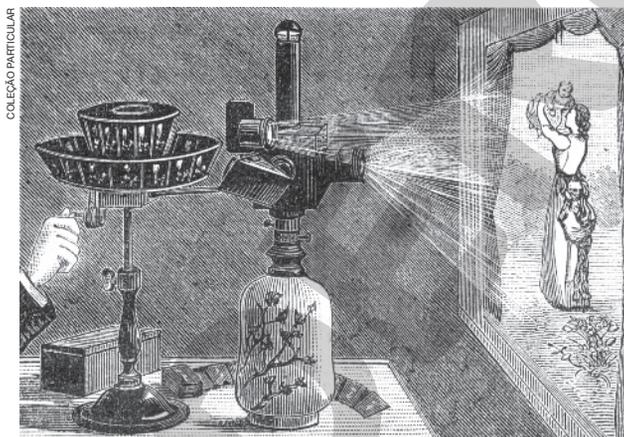
O cinema de animação “dá vida” a personagens, colocando-as em movimento. Essa concepção se estendeu à produção de filmes, mostrando que, ao serem deslocados rapidamente, os fotogramas dão a sensação de um movimento contínuo das imagens. Nesse processo, cada fotograma de um filme é produzido individualmente, podendo ser feito tanto por computação gráfica quanto fotografando, quadro a quadro, uma imagem desenhada repetidamente com pequenas modificações no desenho para dar ideia de movimento. Esse processo é chamado *stop-motion*. Quando os fotogramas são ligados entre si e o filme é visto a uma velocidade de 16 (ou mais) quadros por segundo, é criada a ilusão de um movimento contínuo.

Cinema de animação

Logo depois da invenção do cinema, apareceram os filmes de **animação**, chamados de desenhos animados.

O primeiro desenho animado foi feito pelo francês Émile Reynaud (1844-1918) em 1877, utilizando um aparelho criado por ele, o **praxinoscópio**.

Esse mecanismo tinha dois tambores. Na parede interna do tambor maior eram presas as imagens feitas sobre fitas transparentes. Essas imagens eram giradas e refletiam nos espelhos do tambor menor, que ficava no centro do aparelho, e então eram projetadas em uma tela. Veja a seguir a imagem de um praxinoscópio.



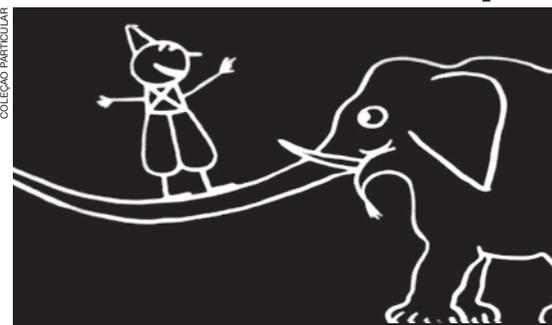
Reprodução de uma litografia de 1884 que mostra o funcionamento de um praxinoscópio. Coleção particular.

O primeiro filme de desenho animado foi criado pelo cartunista e diretor francês Émile Courtet (1857-1938) e exibido ao público em 1908, em Paris. O filme recebeu o título de *Fantasmagorie*.

Em 1912, Courtet levou a técnica para os Estados Unidos, tornando-a conhecida.

Os primeiros desenhos animados foram chamados de curtas-metragens porque tinham pouco mais de 10 minutos de duração.

Futuramente, surgiriam filmes mais longos, com mais de 60 minutos, que foram chamados de longas-metragens.

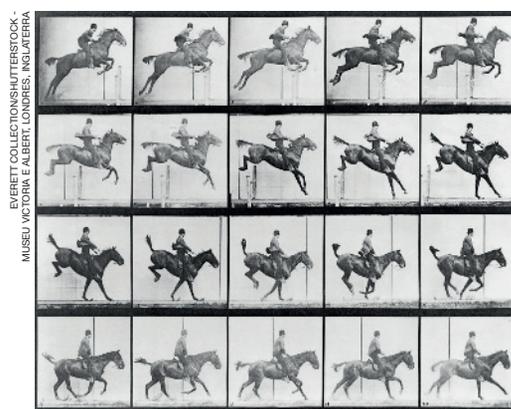


Fotograma de *Fantasmagorie*, de 1908, desenho animado com cerca de 1 minuto e 40 segundos de duração. Nesse filme, um boneco interage com personagens e objetos que encontra. Coleção particular.

26

- ▶ Antes do surgimento da era digital, a realização de um filme em *stop-motion* era um processo complexo, trabalhoso, que demandava muitas horas em tarefas manuais. Com a animação digital, esse processo mudou e pode ser feito em menos tempo.

A palavra *animação* também se refere ao processo de produção de um filme. Cada fotograma que compõe o filme é feito individualmente e pode ser gerado digitalmente, por meio de computação gráfica, ou fotografando-se as imagens desenhadas uma a uma.



EVERETT COLLECTION/SHUTTERSTOCK - MUSEU VICTORIA E ALBERT, LONDRES, INGLATERRA

Sequência de vinte quadros de um cavalo com cavaleiro pulando uma cerca, de Eadweard Muybridge (1830-1904), da série *Animal Locomotion*. Impressão em fototipia. Pensilvânia, EUA, 1887. Museu Victoria e Albert, Londres, Inglaterra.

Os fotogramas, isto é, os quadros, são ligados entre si, formando um filme. Quando esse filme é exibido na velocidade de 24 fotogramas por segundo, cria-se a ilusão de movimento contínuo.

Stop-motion

Stop-motion é uma técnica de animação que usa tanto a máquina fotográfica quanto o computador como recursos. As sequências de fotografias de uma personagem ou de um cenário são feitas com pequenas alterações entre uma fotografia e outra para simular movimento.

Na animação *stop-motion*, personagens e cenários podem ser construídos com diversos materiais. Antigamente, era comum os produtores usarem massinha de modelar em filmes de curta duração. Contudo, para produzir filmes para o cinema, o material tem de ser mais resistente e maleável, pois a produção pode se estender por meses e os modelos precisam durar até o término das filmagens.

Jamile Coelho, codiretora do curta-metragem em *stop-motion* *Orun Àiyé*, em cenário do filme. Fotografia de 2015.



DIANE LUZ/STANDARTEPRODUÇÕES

27

Sugestão de atividade complementar

Organize os estudantes em grupos e oriente-os a criar pequenas cenas, com base na técnica de *stop-motion*. A atividade pode ser realizada utilizando massinha de modelar ou objetos do cotidiano, como bolas, canetas, peças de vestuário etc. Comente que para criar movimentos detalhados e realistas são necessárias muitas fotografias por minuto. Contudo, é possível criar alguns movimentos curtos utilizando os recursos disponíveis em sala, com o objetivo de experimentar a criação a partir dessa técnica. Se houver sala de informática na escola, é possível baixar as imagens das personagens no computador e utilizar um programa exibidor de fotografias. Ao clicar rapidamente, é possível ver que as imagens exibidas dão a impressão de movimento.

Stop-motion

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Caso os estudantes apresentem dificuldade para compreender o conceito e visualizar o processo de criação de uma cena em *stop-motion*, pesquise vídeos que mostrem tutoriais descrevendo essa técnica e apresente-os para a turma. Depois de visualizar a sequência fotográfica e entenderem que ela é responsável pelo efeito de movimento no filme, peça que façam uma experimentação semelhante utilizando o corpo.

Solicite que realizem um gesto qualquer. Depois, oriente-os a dividir o movimento, fazendo pausas em várias partes. Por exemplo, ao levantar o braço, esse movimento pode ser feito em três momentos: braço abaixado, braço no plano médio e braço levantado. Comente que seria possível, ainda, realizar mais divisões e que quanto mais divisões houver, maior a sensação de continuidade do movimento. Permita que todos explorem diferentes movimentos contínuos por algum tempo e, em seguida, realizem o mesmo movimento com pausas. Peça que também observem os colegas. Depois, conversem sobre a experiência.

Espera-se que, ao assistirem ao vídeo e realizarem a atividade, possam sanar as dúvidas e consolidar o conteúdo. Além disso, a experimentação corporal poderá ajudar no desenvolvimento da atividade da seção **Para fazer com os colegas**, no final do capítulo.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Leia em voz alta com os estudantes o conteúdo do livro sobre *storyboards*. Caso tenham realizado a atividade sugerida no início deste capítulo, na página 21, em que teriam de rascunhar imagens para a história curta de um desenho animado, comente que esses desenhos podem ser considerados esboços de um *storyboard*. Essa prática serve como referência para os artistas definirem todos os elementos importantes da história e sua sequência, para facilitar a realização da animação.

Desenhos animados e filmes *stop-motion* são produzidos em estúdios de animação. A fotografia da abertura do capítulo mostra um cenário construído para o curta-metragem de animação chamado *Òrun Àiyé*, que conta o mito iorubá da criação do mundo.



Tela de um computador no qual estava sendo feita a edição do curta-metragem *Òrun Àiyé*. Fotografia de 2015.

Para produzir um filme de animação, são necessários tempo e esforço de toda a equipe envolvida. Às vezes, o trabalho pode durar mais de um ano. Por exemplo, para a realização de *Òrun Àiyé*, foram tiradas 25 mil fotografias; no entanto, a equipe produzia apenas 9 segundos do filme por dia, em razão da complexidade da tarefa. A produção durou 455 dias, ou seja, cerca de um ano e três meses de trabalho.

Antes da etapa de fotografar as mudanças de cenário e de movimento das personagens, é preciso escrever um roteiro visual da história que será contada. Esse roteiro é chamado de **storyboard** e é feito em um formato que une imagens e anotações, lembrando um pouco uma história em quadrinhos. Observe ao lado a fotografia de um trecho do *storyboard* de *Òrun Àiyé*.

Depois que o roteiro fica pronto, são feitos desenhos e estudos de materiais, para que se possa escolher a melhor maneira de modelar as personagens e os cenários.

Storyboard do curta-metragem em *stop-motion* *Òrun Àiyé*. Fotografia de 2015.

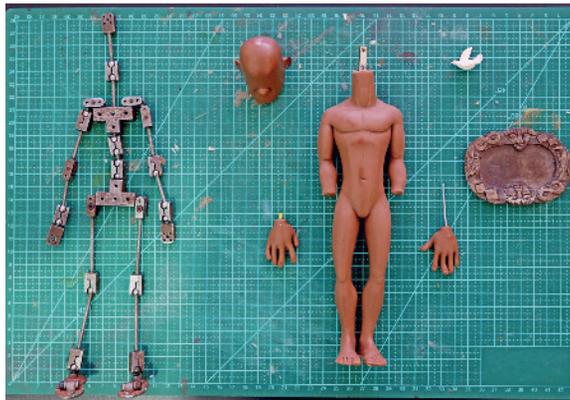


28

Sugestão de atividade complementar

Se possível, pesquise na internet ou em livros imagens de *storyboards* para que o entendimento dos estudantes sobre o tema seja ampliado. Também é possível acessar *softwares* gratuitos para a criação de *storyboards*; as ferramentas permitem automatizar várias tarefas, criar animações e fazer a transição entre os quadros.

Em *Òrun Àiyé*, as personagens foram produzidas com silicone sobre um esqueleto articulado de metal.



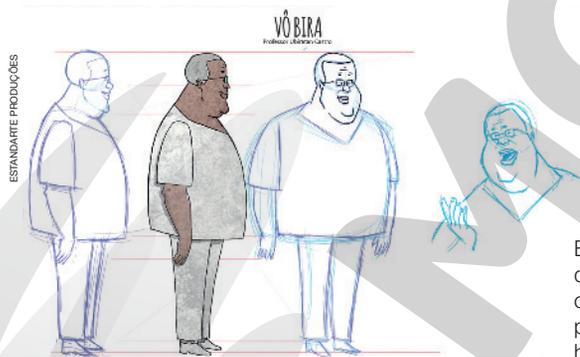
Esqueleto e boneco de personagens do curta-metragem *Òrun Àiyé*. Fotografia de 2015.

Nos cenários, foram usados materiais diversos, como fibra plástica e suportes de metal, empregados para construir a floresta de baobás mostrada na abertura deste capítulo, e tintas e telas, utilizadas para criar uma paisagem pintada com a técnica de grafite.



Pintura em grafite que fez parte da produção do cenário do curta-metragem *Òrun Àiyé*. Fotografia de 2015.

Os animadores também podem desenhar à mão ou no computador os modelos das personagens para testar e desenvolver os movimentos e as expressões de cada uma e observá-las de diferentes pontos de vista. Observe a seguir a imagem em 2-D, feita à mão, da personagem *Vô Bira*.



Em *Òrun Àiyé*, *Vô Bira* é um grîô que narra para sua neta Luna como os deuses africanos interagiram para criar a Terra e os seres humanos. Imagem de 2015.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

[...] Animação é animação, seja qual for a mídia. Quer você esteja desenhando no papel, modelando em massa de modelar (plasticina), manipulando algumas caixas de fósforos na frente de uma câmera Bolex ou animando com um computador, para tornar-se um animador você precisa entender o movimento e como criar emoções. [...]

Métodos para a animação 2D foram documentados há muito tempo. Desde a criação dos Estúdios Disney, sua ampla produção comercial significava que era necessário encontrar maneiras de transmitir seus conhecimentos a uma grande massa de trabalhadores que precisavam entender o estilo desse estúdio. Os animadores mais importantes começaram a analisar o que faziam como animadores e começaram a identificar regras e princípios norteadores com os quais trabalhavam. A maioria desses princípios também se aplica à animação de modelos ou bonecos – uma vez que eles derivam do estudo científico do movimento –, o efeito da gravidade, atrito e força sobre as massas. [...]

Você já terá visto animação que parece desajeitada e rígida ou os personagens deslizam e flutuam como se a gravidade nunca existisse. Isso ocorre porque nessa mídia relativamente nova a maioria dos primeiros profissionais tinha originalmente formação em computação e aprenderam as habilidades em computação, mas não necessariamente as habilidades de animação. [...] Nem todo mundo lida bem com as duas habilidades.

► Hoje em dia, os animadores recrutados para trabalhar em filmes gerados por computador têm formação em 2D e *stop-motion*, e se reconhece que o treinamento para animação gráfica de personagens deve seguir os mesmos princípios tradicionais da animação. [...]

SHAW, Susannah. *Stop-motion: técnicas manuais para a animação de modelos*. Tradução de Edson Furmankiewicz. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 1.

Griôs, os contadores de histórias

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Para entender a importância do griô no grupo em que ele está inserido, é preciso compreender que a sociedade africana é baseada na tradição oral, ou seja, os saberes são transmitidos oralmente.

A comunicação do griô é estabelecida por meio de diálogos. Ao contar suas histórias, o griô traz o passado ao presente, fazendo com que os ouvintes se reconheçam nelas por meio das histórias ouvidas de seus avós e bisavós.

[...] Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. [...]

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva.

In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África*, v. I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010. p. 189.

No Brasil, os griôs também estão presentes, embora tenham sido “reinventados” há pouco tempo como uma metáfora da memória e da ancestralidade do povo brasileiro. Em Lençóis, na Chapada Diamantina, estado da Bahia, o projeto Ação Griô Nacional, criado pelo ponto de cultura Grãos de Luz e Griô, propõe projetos pedagógicos que transitam entre a tradição oral e a educação formal.

Griôs, os contadores de histórias

A África é um continente extenso, que abriga um grande número de povos e culturas com características bem diferentes umas das outras. Mesmo com tanta diversidade, existem alguns elementos comuns a muitos povos africanos.

Um deles é a figura do **griô**, o contador de histórias que ensina as lendas e os costumes do povo ao qual pertence. Muito antes de os europeus chegarem à África, os griôs já existiam e transmitiam ensinamentos.

As histórias contadas pelo griô, muitas vezes, são cantadas. O instrumento musical ajuda a dar ritmo e musicalidade ao que está sendo narrado.

Como o griô está ligado à tradição oral de transmissão de conhecimentos, ele tem orgulho de contar as histórias repetidas vezes.

GLOSSÁRIO

Diversidade: diferença; pluralidade.



Griôs do país africano Burkina Faso acompanhados de um instrumento de corda regional. Fotografia de 2010.

Nas culturas tradicionais da África, a palavra é muito importante. Os africanos valorizam muito as pessoas que têm o poder de encantar e ensinar contando histórias.

30

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que se sentem formando uma roda. Eles criarão uma história coletiva. Aquele que for escolhido para começar falará apenas três palavras. Seguindo o sentido horário, o próximo continuará a contar, incluindo também mais três palavras, procurando seguir o que foi dito antes para que a história tenha coerência. E, assim, sucessivamente. A atividade pode ter várias rodadas ou acabar quando a fala voltar ao primeiro estudante. Aqui, a escuta se torna primordial, pois todos precisam saber o que está sendo contado para que a sequência da história tenha sentido.

Muitas culturas africanas entendem que, quanto mais velha a pessoa, mais histórias e experiências de vida ela tem para compartilhar. Por isso, os **anciãos**, admirados e queridos por todos, contam histórias até o fim da vida.

O historiador e griô malinês Amadou Hampâté Bâ (1901-1991) costumava dizer que, na África, quando um ancião morria, era como se uma biblioteca tivesse se incendiado.



Amadou Hampâté Bâ em 1969. Esse representante da arte dos griôs era considerado um grande pensador da cultura do povo malinês.

GLOSSÁRIO

Ancião: pessoa mais velha; idoso.

Converse com os colegas e registre suas respostas.

- 1** Você gosta de ouvir histórias contadas por pessoas mais velhas? Por quê?

Respostas pessoais.

- 2** Na sua opinião, o que essas histórias podem nos ensinar?

Resposta pessoal.

- 3** Amadou Hampâté Bâ costumava dizer que, quando um ancião morria, era como se uma biblioteca tivesse sido incendiada. Podemos entender que ele comparava a sabedoria do ancião à sabedoria contida:

- a) na arte. c) nos livros.
b) nos elementos do cotidiano. d) nas pessoas.



- 4** Para você, o que significa **ancestralidade**? Pesquise com os colegas e faça o registro desenhando em uma folha à parte. Depois, compartilhe seu desenho com a turma. **Resposta pessoal.**

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que formem duplas, explicando que eles terão de 4 a 5 minutos, cada um, para contar uma história. Eles devem decidir quem começa. O colega que ouvir representará a história com gestos e expressões faciais. Cronometre o tempo e, no final, dê um comando para que invertam os papéis: o estudante que representou a história do colega passará a contar a sua, enquanto o outro fará o gestual.

Orientações e comentários das atividades

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

- Pergunte aos estudantes se eles convivem com pessoas idosas e se têm o hábito de conversar com elas e ouvir suas histórias. Reflita com a turma sobre o aprendizado obtido na convivência com idosos e sobre a valorização dessas pessoas.
- Comente com os estudantes que essas histórias podem ensinar sobre o passado de uma família ou de um povo, transmitir valores, compartilhar conhecimentos e saberes, além de nos ensinar a lidar com nossas próprias emoções. Pergunte a eles se conhecem histórias que ensinam a lidar com as emoções e quais são elas.
- Proponha uma discussão sobre a importância das bibliotecas e do material que elas abrigam. Reflita com a turma sobre as diversas formas de transmissão de conhecimento.
- Converse com os estudantes sobre ancestralidade e estimule-os a compartilhar histórias da família e da comunidade da qual fazem parte. Antes de realizar a atividade, peça a eles que conversem com familiares e pessoas próximas.

Sobre o tema ancestralidade, pergunte aos estudantes que relação eles estabelecem entre esse assunto e a tradição oral. Sugira uma reflexão que estabeleça uma ponte entre os griôs e a matriz africana no Brasil. Destaque a importância da narrativa na tradição griô e pergunte se a ancestralidade e a tradição oral também podem ser retratadas pelo cinema, retomando o que foi estudado sobre a animação *Òrun Aiyé*.

Os quilombos e a memória afro-brasileira

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;

EF15AR25

Explique para os estudantes como se deu a formação dos quilombos e sua importância para a história do Brasil. Comente que a cultura quilombola foi e continua sendo fundamental para o desenvolvimento da cultura nacional, representando aspectos imprescindíveis de uma das matrizes de formação do Brasil. Por meio dessa cultura, são preservadas as histórias dos diferentes povos africanos que foram escravizados e trazidos para cá, garantindo a memória de sua ancestralidade.

Converse com a eles sobre memória e transmissão de saberes. Estimule-os a falar sobre coisas que aprenderam com os mais velhos. Pergunte se conhecem algum saber transmitido de geração em geração em sua família: uma receita culinária, uma profissão, cantigas, lendas, ou algum outro saber. Peça que compartilhem essa experiência com a turma.

Os quilombos e a memória afro-brasileira

Os **quilombos** são territórios que se formaram desde o período colonial da história do Brasil, quando a população africana era trazida em navios negreiros para trabalhar nas fazendas brasileiras como escravizados.

Ao serem arrancadas de sua terra natal e forçadas à escravidão, essas pessoas se rebelavam e fugiam, fundando comunidades onde poderiam viver livres.

Essas comunidades reuniam, além de africanos e seus descendentes, indígenas e mestiços de europeus. Atualmente, as populações quilombolas possuem seus direitos reconhecidos, com a demarcação de terras e outras políticas públicas de proteção.

A cultura quilombola envolve saberes artísticos, culinários, agrícolas, cuidados com a natureza, entre outros. A arte dos quilombos valoriza os aspectos do cotidiano e representa a vida em comunidade de seus moradores.

Valorizando sua cultura, as comunidades quilombolas mantêm viva a memória dos diferentes povos africanos que foram trazidos para o Brasil. A escultura, a música e a tradição oral são alguns dos meios pelos quais os quilombolas contam suas histórias.



RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

Artesã Irinéia Rosa Nunes da Silva, da comunidade quilombola Muquém, composta de descendentes do Quilombo dos Palmares que têm como principal fonte de renda o artesanato em barro. União dos Palmares (AL), 2015.

Converse com os colegas e, depois, faça o desenho.

Respostas pessoais.



1 Você conhece um quilombo? Já ouviu falar de algum? Onde ele fica?



2 Se você fosse fazer uma escultura para representar um momento do seu cotidiano, qual seria? Faça um desenho para expressar a sua resposta.

Desenho pessoal.

Para fazer com os colegas



Você e os colegas farão uma pesquisa sobre comunidades quilombolas para contar um pouco de sua história. Para realizar este trabalho, será preciso criar uma cena e escolher três momentos, como se fossem fotogramas de um filme, para representá-la.

Sigam as orientações.

1. Forme um grupo com três colegas para pesquisar a história de um quilombo. Essa pesquisa pode ser feita em livros de história, em documentários, textos ou *podcasts* veiculados na internet.
2. Façam um registro do que pesquisaram, destacando as informações mais relevantes.
3. Escolham um fato importante do quilombo para representar. Pode ser um acontecimento histórico que marcou aquela comunidade ou uma situação cotidiana, como a preparação de um prato típico ou o plantio de um alimento.
4. Imaginem a cena e escolham três momentos para representá-la de modo estático. Esses momentos serão como fotogramas de um filme.
5. Façam os desenhos no rascunho. Quando considerarem os momentos definitivos, desenhem em uma folha avulsa.
6. Apresentem as cenas estáticas para os colegas e apreciem o trabalho dos demais grupos da turma. Vocês poderão também expor os trabalhos em um mural.
7. No final, reúnam-se em roda e conversem sobre os aprendizados adquiridos com a atividade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ARTUR FUJITA



33

- ▶ Cada grupo deverá apresentar os três fotogramas em sequência para a turma. Peça a um integrante de outro grupo que fotografe cada um dos momentos. Depois, faça uma roda de conversa para avaliar os aprendizados. Pergunte quais foram as histórias que conheceram, quais foram as dificuldades da realização da atividade e se eles conseguiram contar a história que escolheram através das imagens.

Para fazer com os colegas

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR20; EF15AR21

Organize os estudantes em grupos e solicite que pesquisem um quilombo existente ainda hoje no Brasil. Eles podem encontrar informações sobre esses territórios no *site* da Fundação Palmares, responsável pela preservação da cultura quilombola e afro-brasileira, ou em outros *sites*. As pesquisas também podem incluir documentários e *podcasts* disponíveis na internet. Caso haja um quilombo próximo à escola, verifique se é possível realizar uma visita ou convidar algum morador para conversar com a turma na própria escola.

Após essa etapa, os grupos farão um registro dos aspectos mais importantes da história do quilombo pesquisado. Com esse registro em mãos, o próximo passo será escolher um fato histórico e criar uma cena para contá-lo, utilizando três fotogramas. Podem ser situações de relevância histórica ou então tarefas do cotidiano, como a preparação de um prato típico ou o plantio de algum alimento.

Explique para a turma que a cena, assim como toda história, deve ter começo, meio e fim. Os fotogramas podem contar com personagens e cenários; e cada grupo deve criar três cenas estáticas correspondentes ao começo, meio e fim da história que pretendem contar. Se quiserem, podem improvisar livremente, e depois, escolher três momentos da improvisação para “congelar”, “pausar” ou “fotografar”.

Depois da preparação dos três fotogramas, auxilie o grupo fazendo perguntas e intervenções do tipo: “Será que todos os gestos estão sendo representados de maneira visível para o público?”; “É possível entender o que está acontecendo naquele momento apenas observando uma das imagens?”; “Todos os elementos que foram imaginados estão sendo representados?”; “Como é possível tornar a cena mais visível e mais fácil de entender?”.

Conclusão

O capítulo abordou diferentes maneiras de contar histórias, desde as técnicas cinematográficas até a tradição africana da transmissão de conhecimentos pelos griôs. Espera-se que os estudantes compreendam a história do cinema e algumas de suas técnicas, estabelecendo relações entre os conteúdos apresentados no livro e suas vivências pessoais. Também é esperado que se envolvam com diferentes possibilidades de contar histórias, valorizando a cultura africana e a afro-brasileira. Eles devem ser capazes de mobilizar os conteúdos do capítulo e seus conhecimentos para realizar atividades individuais e coletivas, agindo com autonomia e postura investigativa. Além disso, espera-se que cooperem entre si em momentos de criação coletiva, ouvindo com respeito e acolhimento os diferentes pontos de vista e propondo soluções conjuntas.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante todo o ano letivo, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividade presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação a seguir poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades. Caso persistam dificuldades ao final do processo, proponha a atividade de remediação, presente nesta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 2

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco	Observações
(EF15AR01)	O estudante aprecia a linguagem cinematográfica e suas diferentes expressões, reconhecendo elementos da própria história?				
(EF15AR02)	O estudante compreende a ilusão do movimento criada pela sequência de imagens cinematográficas e compreende essa técnica como um elemento da linguagem visual?				
(EF15AR03) e (EF15AR25)	O estudante reconhece a presença da matriz africana nos exemplos apresentados no capítulo e em seu repertório pessoal?				
(EF15AR04)	O estudante mobiliza os conteúdos abordados na exploração de materiais, de acordo com as propostas de atividade do capítulo?				
(EF15AR20) e (EF15AR21)	O estudante reconhece aspectos narrativos e teatrais do cinema, utilizando-o como ponto de partida para a criação teatral?				
(EF15AR20)	O estudante mobiliza seus conhecimentos cênicos de forma dialogada, propondo e ouvindo pontos de vista diferentes do seu na criação coletiva?				

Atividade de remediação

A atividade deve ser realizada individualmente, com o envolvimento dos familiares. Os estudantes deverão conversar com um familiar, de preferência mais idoso, sobre como foi a infância dele. Oriente-os a conversar com o familiar sobre uma história positivamente marcante, ou sobre algum evento em que aprenderam algo que puderam compartilhar. Eles deverão ouvir e, em seguida, fazer um registro escrito da história, que será compartilhada na escola com o professor e os colegas. Essa história poderá ser narrada de várias formas: por meio de uma cena teatral, utilizando recursos como a interpretação com gestos e sonorização; com um desenho ou uma pintura que represente a parte mais importante do relato. Para finalizar, proporcione um momento para que eles façam a apresentação do trabalho e possam conversar sobre o processo, explicando o que mais gostaram de aprender com essa história. Espera-se que, durante o desenvolvimento da atividade, os estudantes retomem os conteúdos do capítulo; dialoguem com o professor, os colegas e os familiares; e consigam criar de maneira autônoma, mobilizando esses conhecimentos.



MODERNA

O que aprendemos

Avaliação processual

1. Peça aos estudantes que retomem a leitura do texto para localizar a resposta. Algumas alternativas podem confundir no momento de escolher a resposta.
2. Antes de responder, os estudantes devem se recordar do processo e pensar nos aspectos positivos durante o desenvolvimento da atividade e no que pode ser melhorado em novos trabalhos. Estimule-os a justificar a escolha comentando a relação pessoal com os espaços escolhidos e os aspectos estéticos, como as cores ou a iluminação do local fotografado.
3. Leve para a sala de aula as fotografias impressas para que os estudantes possam escolher antes de recortar e colar no espaço correspondente.

O que aprendemos

Olá! Agora você fará algumas atividades e descobrirá que já aprendeu muitas coisas!

- 1 Em uma câmera fotográfica, para que servem as lentes? Marque a resposta com um **X**.

- a) As câmeras fotográficas não possuem lentes.
- b) As lentes servem para direcionar os raios de luz que passam pela abertura da máquina.
- c) As lentes são simples acessórios; elas não possuem função no processo de fotografar.
- d) A lente apenas auxilia as pessoas a enxergar o que vão fotografar.



- 2 Em uma das atividades do primeiro capítulo, você tirou uma série de fotografias da sua escola e escolheu uma delas para criar uma legenda e expor no mural com as fotografias dos colegas. Escreva como foi esse processo e por que você escolheu aquela fotografia.

Respostas pessoais.

- 3 Cole a fotografia que você escolheu neste espaço.

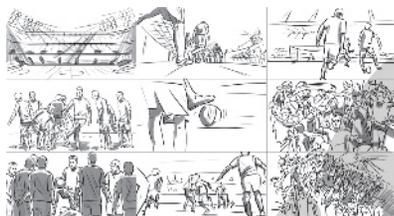
- 4 Depois do surgimento da fotografia, veio o cinema. Como era o cinema no início? Os filmes tinham imagem e som?

Os filmes registravam cenas do cotidiano, em preto e branco e com pouca

nitidez. Além disso, não eram sonorizados. Por isso, as exibições podiam ser

acompanhadas por música ou efeitos sonoros executados ao vivo.

- 5 Muitos diretores de filmes de animação costumam usar *storyboards* no planejamento de seus filmes. Por que os *storyboards* são parecidos com as histórias em quadrinhos?



MILA BASENKO/SHUTTERSTOCK

O *storyboard* é o roteiro visual da história que será contada no filme. É uma

sequência das cenas em quadros, como nas HQs, acompanhada de anotações

sobre o roteiro. Ao visualizar as cenas, fica mais fácil chegar ao final da história.

- 6 Os griôs são contadores de histórias muito importantes na cultura dos povos africanos. Escolha uma história que você conhece para contar para os colegas e seja um griô por alguns momentos. Se quiser, modifique partes da história, criando novas personagens ou acontecimentos. Depois, registre aqui um resumo da história que você contou.

Resposta pessoal.



Griô cercado por crianças em um vilarejo na Gâmbia.

CHRISTINE OSBORNE/ALAMY/FOTARENA

4. Solicite aos estudantes que localizem a resposta no livro. Se necessário, ajude-os a identificar as informações mais relevantes para compor as respostas. Para isso, sugira que circulem a lápis as principais informações no próprio texto do livro, ou escrevam em tópicos, no caderno ou em um rascunho, o que acham importante que foi localizado no texto, antes de escreverem as respostas.

5. Relembre o que já aprenderam sobre as histórias em quadrinhos, tanto em Arte quanto em outras disciplinas do currículo escolar. Se achar conveniente, disponibilize algumas HQs para que eles estabeleçam comparações. Eles podem relacionar as semelhanças e diferenças na utilização dos desenhos, a sequência da história dentro dos quadros, a combinação do desenho com a escrita, a importância do desenho na composição da cena, entre outras comparações. Chame a atenção para o cenário, tanto no *storyboard* quanto nas HQs, e para diferentes proximidades entre as personagens compondo os planos.

6. Essa atividade pode ser conduzida coletivamente ou, se preferir, com os estudantes organizados em pequenos grupos. Antes de iniciar, comente o aspecto cultural da presença dos griôs nas comunidades africanas. Pode ser feita uma comparação entre a difusão da cultura em nosso país e a forma como ela ainda acontece em muitos locais na África. Durante o processo, observe como eles se expressam em atividades que utilizam a oralidade. Estimule-os a contar detalhes da história, trazendo informações sobre as personagens e o lugar onde ela acontece. Depois, verifique se eles conseguem transpor a história da linguagem oral para a escrita, analisando a linguagem com a qual a turma tem mais facilidade de se expressar.

Sugestão de atividade de remediação

Em uma folha avulsá, escreva perguntas que ajudem os estudantes a criar uma história, por exemplo: Quem é a personagem principal? Onde a história se passa? O que há nesse lugar? Como a história começa? O que acontece no meio da história? Como ela termina? Organize os estudantes em grupos e distribua uma pergunta para cada integrante. Cada grupo deverá criar uma única história. Um componente do grupo fará sua pergunta para outro, até que todos tenham participado. Para que a história seja coerente, as informações dadas devem ser sempre incorporadas pelo próximo a responder. Se quiserem, eles podem acrescentar outras perguntas para o narrador da vez, ajudando-o a compor a história. Ao final, peça aos grupos que compartilhem todas as histórias.

Capítulo 3: O corpo em ação

Introdução

O capítulo aborda a linguagem do movimento, com enfoque na dança contemporânea. Os estudantes terão contato com algumas possibilidades de criação nesta linguagem, conhecendo elementos dos espetáculos de dança e o trabalho de seus profissionais.

As atividades proporcionam o desenvolvimento da percepção corporal e a exploração de movimentos, mobilizando e ampliando o repertório prévio de cada um. Elas também trabalham o diálogo e o desenvolvimento do vocabulário, de modo a estimulá-los na troca de experiências, e na representação simbólica de sensações e emoções, utilizando-se do movimento dançado e da oralidade.

Objetivos do capítulo

- Apresentar conteúdos relacionados à dança contemporânea.
- Estimular a percepção corporal, desenvolvendo a consciência e a simbolização da fisicalidade e os estados do corpo.
- Explorar o movimento por meio de exercícios e práticas de criação.
- Exercitar a criação coletiva, aprendendo a lidar com o próprio corpo, bem como respeitar e valorizar a diversidade, ao observar e dialogar com os colegas.

Competências favorecidas

Competências gerais

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Competência específica de Linguagens

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competências específicas de Arte

4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR08)** Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
- **(EF15AR09)** Estabelecer relações entre as partes do corpo e estas com o todo corporal na construção do movimento dançado.
- **(EF15AR10)** Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
- **(EF15AR11)** Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.
- **(EF15AR12)** Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

- **(EF15AR14)** Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
- **(EF15AR15)** Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
3	14	Realização da atividade preparatória. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 36-37
	15	Leitura dialogada do texto "Dança contemporânea". Realização das atividades do livro. Realização de atividades complementares (opcional).	p. 38-41
	16	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 42
	17	Finalização e apresentação da atividade da seção Mãos à obra .	p. 42
	18	Leitura dialogada e realização das atividades da seção Musicando .	p. 43

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR08

Chame a atenção dos estudantes para a imagem. Pergunte: “O que essas pessoas estão fazendo e em que local elas estão?”; “Como elas estão ocupando o espaço?”; “Será que fazem parte de alguma apresentação?”; “Quem será que está assistindo?”; “Como elas estão vestidas?”.

Orientações e comentários das atividades

1. Solicite aos estudantes que compartilhem suas experiências e lembranças relacionadas à dança perguntando se já assistiram a um espetáculo de dança. Pergunte também se, por algum motivo, já se apresentaram em algum lugar e se a dança faz parte do cotidiano deles. Incentive-os a mobilizar o próprio vocabulário para descrever movimentos e estilos de dança que conhecem.
2. Comente que os movimentos de um bailarino, ou bailarina, mostram as possibilidades de trabalho com o corpo e que esses movimentos e posturas são os meios de comunicação e de expressão que eles estabelecem com o público. A profissão de bailarino exige muita disciplina e estudo. As coreografias são repetidas exaustivamente pelos profissionais até que os movimentos estejam sincronizados e perfeitos. Reforce que, mesmo um espetáculo solo, criado e coreografado pelo próprio bailarino, precisará contar com a participação de outros profissionais, ainda que sejam da parte técnica e não da parte artística.

Capítulo

3

O corpo em ação



Bailarinos da Companhia de Dança Richard Alston durante ensaio do espetáculo *Voices and Light Footsteps* [Vozes e passos leves, em tradução livre]. Teatro Sadler's Wells, Londres, Inglaterra, março de 2020.

36

O que eu vejo

 Converse com os colegas.

Respostas pessoais.

1. Você já assistiu a um espetáculo de dança? Como foi?
2. Na sua opinião, um bailarino precisa estudar e se preparar para dançar profissionalmente?
3. Você acha que os bailarinos preparam sozinhos um espetáculo?



ROBBIE JACK/CORBIS/GETTY IMAGES

37

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR08

Depois de responderem às perguntas, peça aos estudantes que façam uma roda. Comente que uma das maneiras de criar uma coreografia é estabelecendo uma sequência de movimentos. Inicie a atividade realizando um movimento. Todos da roda deverão repetir o movimento proposto. Depois, o estudante que estiver ao seu lado deverá fazer o mesmo movimento e acrescentar um novo. Então, todos deverão repetir. A atividade deve prosseguir até que todos tenham proposto um movimento, criando assim uma sequência. Depois de repetir algumas vezes essa sequência, inclua uma música para acompanhar os movimentos. Você pode escolher mais de uma música e refazer a experiência.

Proponha uma conversa sobre a atividade e peça aos estudantes que comentem as dificuldades e se a música ocasionou alguma mudança na execução dos movimentos da dança. Incentive-os a opinar sobre essa experiência.

Sugestão de atividade complementar

O grupo de dança contemporânea Lagartixa na Janela foi formado em 2010, na cidade de São Paulo, a partir do interesse da coreógrafa Uxa Xavier em pesquisar e criar movimentos de dança, em diálogo com as crianças. Com olhar artístico e pedagógico, esse grupo realiza diversas *performances* em parques, ruas e outros espaços, convidando o público a participar de suas propostas. Pesquise vídeos de processos e apresentações do grupo Lagartixa na Janela, selecione trechos e apresente para a turma.

► Converse com eles sobre os movimentos de dança e como esses movimentos podem dialogar com as brincadeiras, os espaços e as ações cotidianas. Escolha com eles uma das brincadeiras para coreografar.

Para saber mais sobre o grupo, acesse: <<https://www.youtube.com/c/LagartixanaJanela/videos>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Dança contemporânea

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR08

Trabalhe com os estudantes a legenda e a imagem dos bailarinos da Companhia de Dança Richard Alston. Com base na imagem e no título *Mistura cigana* (tradução literal do inglês *Gypsy Mixture*), pergunte a eles se imaginam como seria a parte musical do espetáculo (o ritmo, possíveis instrumentos musicais utilizados, se é apenas orquestrada ou se também é cantada, entre outros elementos). Se possível, pesquise na internet e assista com os estudantes a um trecho do espetáculo para que constatem que a base musical também é cantada em certos trechos, e que a inspiração do espetáculo são a música cigana e a dança flamenca.

Explique para a turma que alguns estilos de dança possuem uma linguagem codificada. Ou seja, há um conjunto de movimentos que deve ser executado de uma determinada forma, em geral exigindo grande apuro técnico. Muitas vezes, referimo-nos a esses movimentos como “passos de dança”. Dentro desse conjunto de movimentos, os artistas podem compor diferentes coreografias.

Porém, há muitas outras maneiras de pensar e fazer dança. As danças moderna e contemporânea abriram caminhos diversos para técnicas e processos criativos no ocidente. O corpo e o movimento passam a ser pontos de grande atenção, em práticas investigativas que podem enfatizar a anatomia e a funcionalidade, a expressão, as ações, ou os movimentos cotidianos, criando diferentes diálogos. Além disso, são elementos importantes na dança contemporânea a relação que os corpos estabelecem entre si, com os objetos e com o espaço. Nesses espetáculos, a dança ganha autonomia e pode ser acompanhada ou não de uma música.

Dança contemporânea

Na fotografia a seguir, os bailarinos da Companhia de Dança Richard Alston se apresentam no espetáculo *Mistura cigana*, criado pelo coreógrafo inglês Richard Alston (1948-). Esse espetáculo não conta uma história com começo, meio e fim, mas a coreografia e a música juntas lembram um grupo de pessoas com a própria identidade, que é modificada enquanto viajam de um lugar para outro.



Espectáculo *Mistura cigana* apresentado no Teatro Sadler's Wells, em Londres, Inglaterra, 2017.

A **dança contemporânea** utiliza técnicas variadas e absorve influências diversas, permitindo aos bailarinos mais liberdade de criação e execução dos movimentos, diferente do balé clássico, que emprega passos e posições corporais específicas na criação das coreografias.

Esse estilo de dança pode ser praticado por qualquer pessoa, pois todo corpo é capaz de se perceber no espaço e criar movimentos de acordo com a sua individualidade.

38

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que formem duplas e caminhem juntos pela sala. Quando você bater palmas uma vez, as duplas deverão parar no lugar onde estão. Peça a eles que prestem bastante atenção nas sensações e na posição do seu corpo e percebam a relação com o corpo de sua dupla e com todas as duplas que estão ocupando o espaço. Repita essa indicação algumas vezes. Depois, peça às duplas que continuem caminhando juntas e tentem parar juntas, e novamente caminhar juntas, sem se comunicar pela fala. Estimule cada integrante da dupla a se concentrar nos movimentos do colega ao seu lado e tentar perceber o momento em que ele vai pausar. A ideia não é realizar a atividade em sincronia, mas estimular a percepção do movimento do outro, enquanto cada um deles se movimenta.

Existem muitas formas de criar uma dança. Podemos partir de uma história ou de um poema, de movimentos cotidianos ou de brincadeiras. É possível investigar como o nosso corpo cria relações com espaços ou com objetos. Podemos também perceber nossos gestos quando sentimos determinadas emoções e, com base neles, criar novos movimentos.

A arte de criar espetáculos

Assistir a uma apresentação de dança pode ser uma experiência emocionante, principalmente quando envolve o trabalho de criação de vários profissionais talentosos.

Cada **coreógrafo** tem o próprio modo de criar uma **coreografia**. Alguns se inspiram nas próprias experiências, em danças populares, ou observando as pessoas no dia a dia. Outros se inspiram no movimento de animais e em cenas da natureza.

Existem também os profissionais que se baseiam na vida e na obra de outros artistas.



GLOSSÁRIO

Coreógrafo: profissional que desenvolve a ideia de um espetáculo de dança e cria a coreografia.

Coreografia: conjunto de movimentos e passos de dança.

Sir Richard Alston, com seu título de cavaleiro, concedido por serviços prestados para a arte da dança, após cerimônia no Palácio de Buckingham, em Londres, Inglaterra, 2019.

Em uma companhia de dança, trabalham outros profissionais além dos bailarinos e do coreógrafo. Essas pessoas são indispensáveis para as apresentações, mesmo que não apareçam em cena. Cada grupo de dança pode ser formado por um tipo diferente de equipe.

A arte de criar espetáculos

HABILIDADE DA BNCC
EF15AR08

Sugestão de atividade complementar

Estimule os estudantes a re-tomar algumas experiências vividas anteriormente na sala de aula, perguntando quais são as articulações do corpo. Em seguida, conduza-os a um espaço livre e peça a eles que movimentem as articulações, seguindo suas orientações. Sugira que comecem mexendo os joelhos, depois os punhos, em seguida o tornozelo e assim por diante. Peça que observem a diferença entre as articulações, prestando atenção tanto nas pequenas quanto nas maiores, com grande ou pequena amplitude. Solicite a cada um que prepare uma pequena sequência de movimentos com as articulações e apresente para a turma. No final, faça uma roda de conversa sobre a experiência, perguntando quais foram as dificuldades nos movimentos e o que eles descobriram sobre o próprio corpo.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR08

Comente com os estudantes que a cenografia engloba o estudo do cenário, com base nas ideias do diretor artístico, em esboços e nos materiais disponíveis, até a concretização do projeto no palco. O mesmo se dá com o figurino. Toda a concepção das roupas tem como base o ideário do diretor; as cores e a movimentação dos bailarinos também são consideradas para o corte das vestimentas e a escolha dos tecidos a serem usados na confecção.

A iluminação e a sonoplastia também compõem o espetáculo, fazendo parte da ambientação e da construção de sentido. A sonoplastia consiste na produção de ruídos e nos sons próprios do cenário escolhido, seja ele realista, ou não. A iluminação compõe o cenário com as cores e a intensidade das luzes, por exemplo.

Iluminação e sonoplastia

O termo *iluminação* vem sendo substituído [...] pelo termo *luz*, provavelmente para indicar que o trabalho da iluminação não é iluminar um espaço escuro, mas, sim, criar a partir da luz. [...].

A sonoplastia é uma reconstituição artificial de ruídos, sejam eles naturais ou não. [...] deve ser distinta, ainda que nem sempre isso seja tarefa fácil, da palavra (em sua materialidade vocal), da música, dos resmungos e sobretudo, do ruído gerado pela cena.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 202 e 367.

Esses profissionais podem ser diretores artísticos, coreógrafos, músicos, iluminadores, sonoplastas, figurinistas, ou atuam nas áreas burocráticas, como secretários e administradores.

O **diretor artístico** cria e coordena o espetáculo, que pode partir de uma ideia original, uma obra literária, uma música, um roteiro ou qualquer outro tipo de fonte de inspiração. Ele estuda os elementos que farão parte do espetáculo e define com o coreógrafo, o figurinista, o cenógrafo, o iluminador e outros profissionais quais serão os recursos adequados para que o espetáculo tenha o melhor resultado.

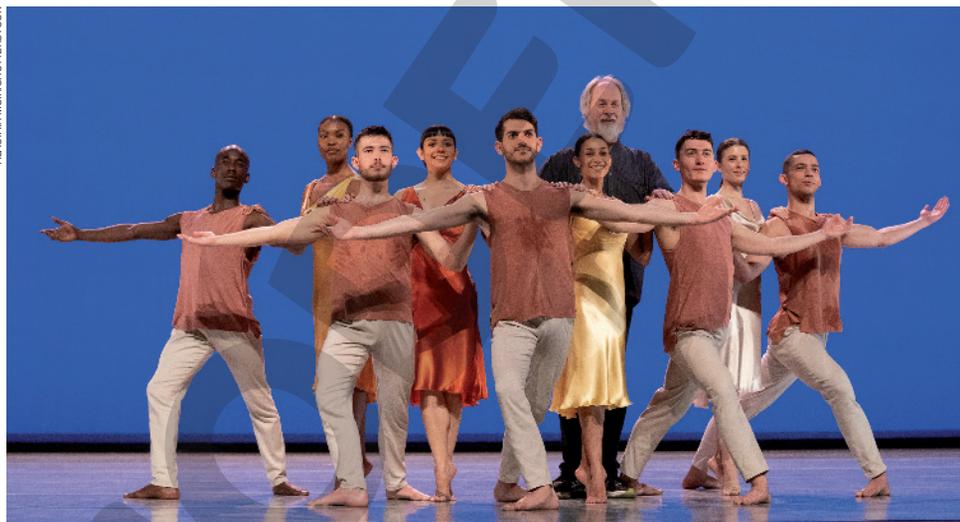
Ele também decide com o **produtor** quem fará parte das equipes técnica e artística do espetáculo.

Muitas vezes, os bailarinos e outros profissionais da equipe participam ativamente das etapas de criação do espetáculo, sugerindo movimentos, discutindo ideias e compartilhando as decisões.

GLOSSÁRIO

Produtor: profissional que se encarrega de providenciar os meios materiais e humanos necessários à execução de um filme, um espetáculo de dança, uma montagem teatral, um programa de televisão etc.

ALASTAIR MURFISH/SHUTTERSTOCK



Bailarinos da Companhia de Dança Richard Alston ensaiando. Teatro Sadler's Wells, Londres, Inglaterra, março de 2020.

Os ensaios são a etapa em que os bailarinos e outros membros da equipe desenvolvem e aprimoram a criação. Nesse período, eles executam a coreografia diversas vezes, a fim de aperfeiçoar sua *performance*.

No caso de uma coreografia improvisada, os bailarinos estudam as diferentes possibilidades de executar um mesmo roteiro.

O trabalho de toda a equipe é essencial para que o espetáculo seja apresentado ao público da maneira como foi planejado.

Bailarinos da Companhia de Dança Richard Alston ensaiam sob a supervisão do coreógrafo Martin Lawrance e da diretora executiva Isabel Tamen. Londres, Inglaterra, 2014.



JANE HOBSON/SHUTTERSTOCK

Com a orientação do professor, você e a turma farão uma atividade de percepção do corpo. Em seguida, registre suas sensações.

- 1 Permaneça em um lugar em que você possa ficar relaxado e de olhos fechados. Perceba como se sente e preste atenção em todas as partes do seu corpo. Depois, desenhe seu corpo nessa mesma posição.

Desenho pessoal.

- 2 Ao som de uma música, explore alguns movimentos, aproximando e afastando as partes do corpo que foram percebidas na atividade anterior. Ao final, converse com os colegas e registre suas sensações.

Resposta pessoal.

Sugestão de atividade complementar

Em um espaço amplo, peça aos estudantes que se organizem em pequenos grupos e explorem os movimentos de aproximação e distanciamento, ao som de uma música. Estimule-os a perceber a música e responder com qualidades de movimento correspondentes. Pergunte: “A música sugere movimentos leves ou pesados?”; “Seu fluxo é contínuo ou interrompido?”.

Em um primeiro momento, eles podem explorar os movimentos em relação ao próprio corpo e depois desenvolver novos gestos criando relações com o movimento do outro, aproximando-se e afastando-se dos colegas.

Orientações e comentários das atividades

HABILIDADE DA BNCC EF15AR09

Essas atividades podem ser realizadas na sala de aula, com as carteiras afastadas. As crianças podem se sentar ou deitar no chão, ou ficar de pé. Outra alternativa é realizar a atividade nas próprias carteiras, caso não seja possível afastá-las. O importante é criar um momento acolhedor e de introspecção, em que os estudantes possam relaxar e prestar atenção ao próprio corpo. Se houver possibilidade, realize a atividade com música.

Faça sugestões para que os estudantes reconheçam as partes do corpo que podem se aproximar e se afastar. Comece com as duas mãos, mude para uma mão e um pé, depois a cabeça e o joelho, e assim por diante. Permita-lhes experimentar os movimentos sozinhos, explorando novas conexões. No final, faça uma roda de conversa e pergunte como se sentiram realizando a atividade, se relacionaram a movimentação do corpo com a dança e se a música influenciou os movimentos realizados por eles.

1. Dê indicações aos estudantes para que direcionem a atenção para diferentes partes do corpo: começando nos dedos dos pés e passando por pés, tornozelos, pernas, quadril etc.
2. Conduza a conversa enfatizando as sensações que os estudantes experimentaram ao realizar os movimentos. Chame a atenção para as diferenças entre as sensações e no modo como cada um explorou os movimentos, estimulando a valorização da diversidade.

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR10; EF15AR11;
EF15AR12

Prepare o espaço da sala de aula para que os estudantes possam realizar a atividade, orientando os grupos durante todas as etapas. Converse com a turma sobre as atividades realizadas anteriormente, a observação das imagens e os vídeos apreciados por todos. Relembre aspectos do movimento que podem auxiliar a pesquisa. Chame a atenção para movimentos nos planos alto, médio e baixo, movimentos leves e pesados, diretos ou sinuosos, entre outros que tenham sido trabalhados em outros momentos, seja neste, ou nos anos anteriores. Auxilie os estudantes a reconhecer e fixar as descobertas, apontando pontos positivos nas improvisações feitas por eles. Ajude-os a elaborar os roteiros, deixando-os livres para escolher entre desenho e escrita, ou se utilizar de ambos. Essa prática poderá ser relacionada com as práticas de registro não convencional em música. Disponibilize um tempo para que eles ensaiem e posteriormente compartilhem suas coreografias.

Caso os estudantes apresentem dificuldades para realizar as indicações de movimento ou organizar uma sequência, lembre com eles a atividade preparatória, realizada no início deste capítulo. Sugira que sigam o mesmo procedimento. Eles devem fazer uma roda, em que cada um vai propor um movimento, acrescentando-o à sequência. A diferença será que, neste momento, eles deverão focar na indicação de aproximar e afastar partes distintas do corpo, em contraposição à primeira atividade, em que os movimentos eram livres.

Mãos à obra



Que tal criar uma coreografia?

Você e a turma podem realizar os movimentos tanto com música como em silêncio.

Antes da atividade

1. Forme um grupo com três colegas e relembrem o que aprenderam e experimentaram sobre dança neste capítulo.
2. Pesquisem os movimentos para criar uma pequena coreografia e compartilhar com os outros grupos.

Preparando a coreografia

3. Para começar, seu grupo pode explorar movimentos de aproximação e distanciamento entre vocês. Primeiro, retomem as aproximações e os distanciamentos em relação às partes do próprio corpo. Depois, façam o mesmo em relação ao corpo dos colegas.
4. Em seguida, experimentem esses movimentos no espaço. O grupo todo deverá se aproximar e se afastar de diferentes partes do espaço e dos objetos da sala.
5. Criem novas maneiras para explorar esses movimentos, como andar rápido, andar devagar; usar um plano alto, um plano médio ou um plano baixo; andar em linha reta ou fazendo curvas.
6. Agora vocês podem escolher alguns movimentos para compor a coreografia do grupo. Em conjunto, elaborem um roteiro, que pode ser escrito, desenhado ou conter palavras e desenhos. Esse roteiro deverá ser seguido por todo o grupo.
7. Se quiserem, escolham uma música para acompanhar, mas vocês também podem optar por realizar a coreografia em silêncio.
8. Ensaie o roteiro com o grupo. Ele servirá para criar uma sequência de posições, mas os movimentos podem variar a cada improviso.
9. Compartilhem a coreografia com a turma e assistam às coreografias realizadas pelos outros grupos.
10. No final, formem uma roda e conversem com o professor sobre a experiência. Contem como foi esse aprendizado, comentando as dificuldades e as descobertas. Aproveitem também para compartilhar com a turma os roteiros que foram criados.



MARCOS DE MELO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- No final, faça uma roda de conversa com a turma. Peça aos estudantes que relatem o processo criativo, comentando suas dificuldades e os aprendizados. Solicite que compartilhem os roteiros e converse com todos sobre as diversas possibilidades de organizar e registrar a coreografia. Peça que opinem sobre as coreografias às quais assistiram, destacando os pontos positivos no trabalho dos colegas. Estimule-os a reconhecer o que os grupos fizeram de diferente e como isso pode contribuir para o aprendizado de todos.



Musicando

Andamento: rápido, lento ou moderado

As músicas possuem ritmo e pulsação. Isso permite que acompanhem sua execução com palmas ou com movimentos do corpo.

Uma música também apresenta um **andamento**, isto é, uma “velocidade” na qual é tocada. O andamento pode ser rápido, lento ou moderado. Quando dizemos que o andamento é moderado, significa que ele não é nem rápido, nem lento, mas que tem uma velocidade mediana.

Por exemplo, imagine uma música que pulsa na mesma velocidade dos segundos de um relógio. Se contarmos a pulsação dela, descobriremos que, a cada minuto de duração, essa música pulsa 60 vezes. Assim, se estiver batendo palmas para acompanhar a pulsação, você baterá palmas 60 vezes por minuto. Essas 60 batidas de palmas por minuto representam o andamento dessa música.

No entanto, ela também pode ser tocada de maneira mais rápida ou mais lenta, mantendo o mesmo ritmo. Por exemplo, o ritmo de um *rock* pode ser mais lento ou mais rápido, assim como o ritmo de um samba.

Vamos testar?

Experimente diferentes andamentos com o corpo e com a música.

1 O professor baterá palmas enquanto todos deverão caminhar pelo espaço da sala acompanhando esse andamento. Isso significa que, a cada palma, todos darão um passo. Depois, o professor baterá palmas mais rápido e todos continuarão acompanhando. Se o professor diminuir o tempo entre cada palma, todos terão de diminuir a velocidade dos passos.

2 Forme um grupo com dois colegas. A tarefa de vocês agora será cantar uma canção em andamentos diferentes. Para isso, sigam as orientações:

- Escolham uma canção conhecida de todos: letra, ritmo e melodia. Pode ser uma cantiga de roda, por exemplo.
- Experimentem cantar essa canção no andamento original. Então, treinem para cantá-la em outro andamento, mais rápido ou mais lento que o normal.
- Primeiro, apresentem para a turma a canção no andamento original. Depois, apresentem no andamento que tiverem escolhido (mais rápido ou mais lento).
- Se possível, acompanhem a apresentação com instrumentos de percussão ou com palmas.



Musicando

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR14; EF15AR15

Como aquecimento para a atividade, solicite aos estudantes que batam palmas 60 vezes por minuto. Depois, que batam palmas uma vez a cada dois segundos. Também, ao seu comando, eles deverão alternar a velocidade das palmas para que a percepção da mudança de andamento fique ainda mais evidente.

Leia o texto com a turma e verifique se há dúvidas. Pergunte se algum deles estuda ou já estudou música. Em caso positivo, convide-o a falar um pouco sobre o assunto.

Orientações e comentários das atividades

- Para esta atividade, é importante que haja um relógio ou um metrônomo na sala de aula para auxiliar os estudantes (existem aplicativos gratuitos de metrônomo para celulares, *tablets* ou computadores). O andamento é contado por bpm (batidas por minuto).
- Auxilie a turma na escolha da canção, se for o caso.

No final da atividade, converse com os estudantes sobre o modo como percebemos o andamento de uma música com o corpo e através da audição. Reflita com eles sobre a importância do andamento na música e da velocidade do movimento na dança. Pergunte a eles se acham que seria mais fácil ou mais difícil cantar caminhando, de acordo com o andamento. Se achar oportuno, sugira que façam essa experiência.

Conclusão

O capítulo abordou a linguagem da dança, apresentando formas de criação e propondo práticas vinculadas a essa linguagem. Espera-se que os estudantes ampliem seu repertório sensório-motor, exercitando a percepção e o movimento, a partir das diferentes propostas. Eles devem explorar ações corporais a partir do vocabulário da dança, experimentando amplitudes, direções, velocidades e outras qualidades da movimentação. É esperado, também, que eles observem atentamente o trabalho dos colegas e estejam disponíveis para escutá-los, para dialogar de maneira respeitosa e valorizando as singularidades.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividade presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação a seguir poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades. Se persistirem dificuldades ao final do processo, é sugerida uma atividade de remediação nesta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 3

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco	Observações
(EF15AR08)	O estudante identifica e aprecia elementos da dança contemporânea apresentados no capítulo e os relaciona com suas experiências pessoais?				
(EF15AR09)	O estudante se concentra e percebe suas sensações reconhecendo partes do corpo e sua relação com a totalidade nas diferentes atividades propostas?				
(EF15AR10)	O estudante explora direções e diversidades de movimento, ouvindo as indicações do professor e também criando de maneira autônoma?				
(EF15AR11)	O estudante mobiliza sua experiência e conhecimentos para construir sequências coreográficas de maneira dialogada com os colegas?				
(EF15AR12)	O estudante é capaz de nomear seus movimentos e sensações ao dançar, expressando-se e respeitando a diversidade de manifestações corporais em relação aos colegas?				
(EF15AR14) e (EF15AR15)	O estudante compreende e explora diferentes andamentos da música, utilizando o movimento e diferentes sonoridades em sua experimentação?				

Atividade de remediação

Esta atividade deverá ser feita em duplas ou grupos. Os estudantes deverão criar uma coreografia, podendo ou não utilizar uma música. Proponha uma conversa com a turma e retome os movimentos que eles já exploraram ao longo de sua trajetória escolar e também em outros contextos. Auxilie-os a nomear os movimentos, usando, quando possível, termos relacionados à dança (como planos médio, alto e baixo; velocidade; direto ou sinuoso etc.). Peça a eles que façam anotações durante a conversa. Depois, eles deverão se reunir em grupos para explorar coletivamente as movimentações que forem retomadas. No final, devem organizar uma sequência de movimentos e criar uma coreografia. Disponibilize um tempo para que apresentem as criações e conversem sobre os aprendizados. Espera-se que os estudantes retomem e aprofundem os conteúdos do capítulo, relacionando-os com o repertório pessoal e ampliando o vocabulário. É esperado também que dialoguem sobre as sensações e emoções percebidas durante a atividade e exercitem a dança como forma de expressão e de cuidado consigo e com os outros.



MODERNA

Capítulo 4: Pintando retratos

Introdução

O capítulo aborda o retrato e o autorretrato como formas de representação humana na pintura. São apresentados artistas nacionais e internacionais, retratos realistas e não realistas, e também diferentes enquadramentos e relações com a paisagem. Os estudantes poderão experimentar maneiras de representar a si mesmos e os colegas, bem como refletir sobre sua produção e a dos colegas.

As atividades pretendem consolidar os conteúdos, promover a reflexão e a leitura de imagens. No final, a seção **Musicando** apresenta conceitos sobre notação musical convencional e propõe atividades sobre o tema.

Objetivos do capítulo

- Conhecer e apreciar distintas formas de representação humana na pintura.
- Refletir sobre o caráter expressivo da arte e sobre como ela pode gerar emoções no público.
- Criar retratos e autorretratos explorando formas de simbolizar a maneira como os estudantes se veem e veem os colegas, estimulando o respeito às diferenças.

Competências favorecidas

Competências gerais

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica de Linguagens

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

Competência específica de Arte

8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- **(EF15AR05)** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

- (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
- (EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
4	19	Realização da atividade preparatória. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 44-45
	20	Leitura dialogada do texto “Retrato e autorretrato”. Realização das atividades do livro.	p. 46-47
	21	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 48-49
	22	Leitura dialogada do texto “Outros retratos”. Realização da atividade do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 49-50
	23	Realização da atividade da seção Mãos à obra . Realização de atividade complementar (opcional).	p. 50
	24	Finalização da atividade da seção Mãos à obra e exposição dos trabalhos. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 51
	25	Leitura dialogada do texto “Música para uma exposição de quadros”. Realização das atividades do livro. Leitura dialogada da seção Conheça o artista . Realização de atividade complementar (opcional).	p. 52-53
	26	Realização da atividade da seção De olho na imagem . Realização das atividades do livro. Leitura dialogada da seção Conheça o artista . Realização de atividade complementar (opcional).	p. 54-55
	27	Leitura dialogada e realização das atividades da seção Musicando . Realização de atividade complementar (opcional).	p. 56-57

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

Peça aos estudantes que observem as imagens e leiam as respectivas legendas. Pergunte a eles o que observam de semelhante nas duas pinturas. Espera-se que respondam que ambas mostram pessoas retratadas pelo busto, sendo que a primeira obra retrata uma criança e a segunda, um adulto. Aproveite para chamar a atenção para as cores e os traços, entre outros detalhes. Nesse momento, pode ser interessante explorar a imaginação dos estudantes, pedindo que descrevam quem seriam essas pessoas e o que estariam pensando no momento em que posavam para o pintor.

Após a sondagem inicial, peça que releiam as legendas e questione se eles entendem a diferença entre retrato e autorretrato. Explique que ambos são representações de pessoas, mas, no autorretrato, o artista representa a si mesmo.

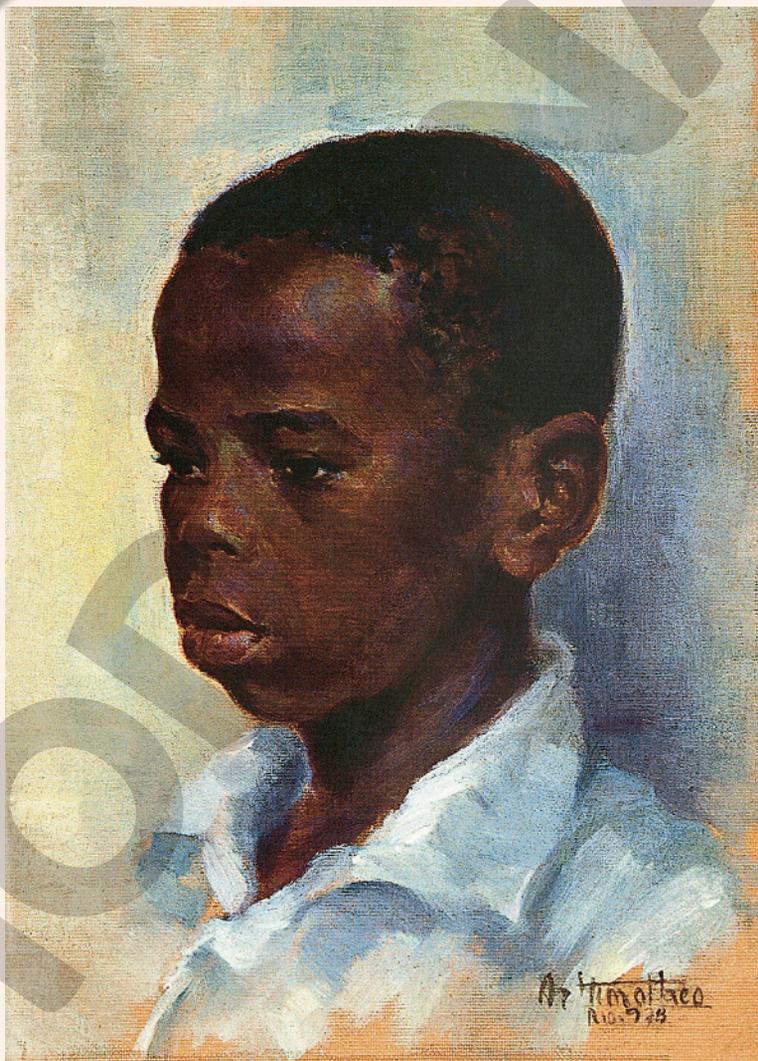
Orientações e comentários das atividades

1. Ao encaminhar as questões que serão trabalhadas com a turma, chame a atenção para a proximidade e a posição das pessoas no centro dos retratos.
2. Caso os estudantes não saibam responder, peça que leiam as legendas para que possam obter as informações.
3. Estimule-os a lembrar as atividades de desenho e pintura que tenham feito neste ano e durante os outros anos do Ensino Fundamental, bem como as produções que realizam espontaneamente.

Capítulo

4

Pintando retratos



COSTA, Arthur Timótheo da. *Retrato de menino*. 1928.
Óleo sobre tela colada sobre papel-cartão, 40,5 cm × 31,7 cm.
Museu Afro Brasil, São Paulo (SP).

ARTHUR TIMÓTHEO DA COSTA - MUSEU AFRO BRASIL, SÃO PAULO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Depois de responderem às perguntas, peça aos estudantes que formem grupos para folhear as páginas do capítulo e observar atentamente as imagens. Então, peça que escolham o retrato ou autorretrato que mais chamou a atenção do grupo e tentem descrever a obra salientando o motivo da escolha. Solicite também que leiam as legendas e identifiquem as principais informações. Se houver dados adicionais sobre o artista na seção **Conheça o artista**, peça ao grupo que também faça a leitura. No final, os estudantes deverão apresentar a obra escolhida para a turma e comentar as informações que descobriram lendo o texto. Se achar pertinente, peça também que façam um registro escrito das observações do grupo.



ARTHUR TIMÓTHEO DA COSTA - MUSEU AFRO BRASIL, SÃO PAULO

1. Representam duas pessoas sendo retratadas: um menino e um homem.
2. Retrato e autorretrato.
3. Respostas pessoais.

O que eu vejo

 Converse com os colegas.

1. O que estas imagens representam?
2. Você sabe como se chamam estes tipos de pintura?
3. Você já fez um retrato? E um autorretrato? Conte como foi.

COSTA, Arthur Timótheo da. *Autorretrato*. 1919. Óleo sobre tela colada sobre papel-cartão, 86 cm × 79 cm. Museu Afro Brasil, São Paulo (SP).

Sugestão de atividade complementar

Peça a cada estudante que faça um retrato e um autorretrato, usando uma câmera fotográfica. Caso eles tenham acesso a esse tipo de aparelho, podem fazer a atividade em casa, com o auxílio de familiares ou amigos. Ao posar para a fotografia, a pessoa retratada deverá demonstrar pela expressão facial algum sentimento ou um traço da própria personalidade, isto é, se é uma pessoa risonha, fechada, séria, indiferente, tímida etc.

Nesta atividade, eles perceberão como é muito mais rápido fazer um retrato ou um autorretrato se utilizando uma câmera fotográfica. Em uma fotografia não é necessário que o modelo permaneça na mesma pose por muito tempo, como acontece com as pinturas. Essa informação será relevante para a atividade da seção **Mãos à obra** da página 48. E as fotografias poderão ser aproveitadas nessa mesma seção como base para o autorretrato.

Retrato e autorretrato

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

O retrato é um dos gêneros da pintura. Algumas das pinturas mais famosas e apreciadas no mundo são retratos e autorretratos. Mencione que nesse tipo de pintura o artista pode representar, além do busto, o corpo todo. No retrato também podem aparecer outros elementos, como objetos ou paisagens. Contudo, o foco da pintura será sempre a pessoa (ou pessoas) retratada.

Solicite aos estudantes que observem atentamente a tela da página 46 e pergunte o que o menino está fazendo e se sabem o que significa o gesto que ele faz com o dedo. O garoto está olhando para o observador enquanto segura uma banana com a mão esquerda e, com a mão direita, faz um pedido de silêncio. Estimule os estudantes a pensar sobre essas ações do menino e o que elas podem significar.

Retrato e autorretrato

As duas obras do pintor brasileiro Arthur Timótheo da Costa (1882-1922), reproduzidas na abertura deste capítulo, retratam, respectivamente, um menino e o próprio pintor.

A tela que mostra o menino é um **retrato**. Nessa pintura, o artista procurou captar a expressão no rosto do garoto, incluindo parte de seu tronco e de sua roupa.

Assim como Arthur Timótheo da Costa, muitos artistas produziram retratos. O pintor brasileiro José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899) foi um deles. Veja a seguir a reprodução de um retrato pintado por ele.



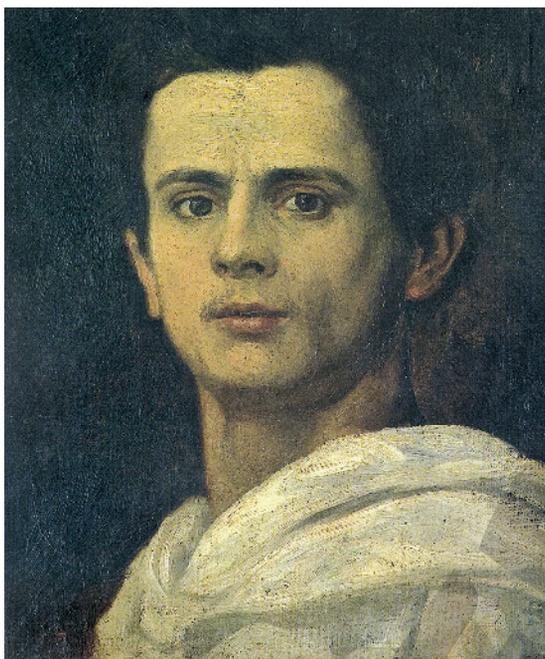
JOSE FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR - COLEÇÃO PARTICULAR

ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de. *Garoto com banana*. 1897. Óleo sobre tela, 59 cm × 44 cm. Coleção particular.

A maioria dos artistas, além de retratar outras pessoas, costumava pintar a própria imagem. A esse tipo de pintura damos o nome de **autorretrato**.

A segunda tela reproduzida na abertura do capítulo é um exemplo desse gênero de pintura.

Observe ao lado outro exemplo, o autorretrato do pintor José Ferraz de Almeida Júnior.



ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de. *Autorretrato*. 1878. Óleo sobre papel-cartão, 40,9 cm x 32,4 cm. Pinacoteca Ruben Berta, Porto Alegre (RS).

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1** Na sua opinião, por que os pintores fazem retratos e autorretratos?

Resposta pessoal. Muitos artistas escolhem esse gênero de pintura por terem facilidade para desenhar fielmente os rostos das pessoas, de modo que elas se reconheçam no retrato.

- 2** É possível identificar características da personalidade ou as emoções de uma pessoa observando seu retrato ou autorretrato? Por quê?

De modo geral, as pessoas olham diretamente para o pintor enquanto estão sendo retratadas, porém isso não impede que elas expressem suas emoções ou algum traço de sua personalidade.

Orientações e comentários das atividades

1. Comente com a turma que os retratos representam pessoas, por isso podem ter valor individual, como uma recordação; mas também podem ter uma intenção política quando são feitos para representar chefes de estado ou pessoas ligadas a cargos importantes. Os retratos podem também exprimir sentimentos relacionados à figura humana.
2. Embora os retratos e autorretratos comumente sigam um padrão em que a pessoa está olhando para a frente, sem expressões muito marcantes, pode haver traços da personalidade ou sinais de emoção aparentes no retratado. Proponha uma conversa e estimule os estudantes a justificar suas respostas, apontando, nos retratos, elementos que porventura identifiquem essas emoções.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Peça aos estudantes que comparem o retrato e o autorretrato reproduzidos na abertura do capítulo com as pinturas de Almeida Júnior. Questione sobre as cores, os materiais usados, as técnicas, os traços, as expressões das pessoas retratadas, os objetos, entre outros elementos. Deixe que os estudantes expressem tudo o que observaram de semelhanças e diferenças entre as obras.

Em seguida, proponha que respondam às questões. Anote no quadro as respostas recorrentes. Para ajudar os estudantes a fundamentar a própria opinião, retome o que conversaram sobre o retrato do menino feito por Almeida Júnior, que aparece na página 46.

José Ferraz de Almeida Júnior

José Ferraz de Almeida Júnior nasceu em São Paulo, em 1850. Em 1869, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Academia Imperial de Belas Artes. Em 1876, ganhou uma bolsa de estudos na Escola de Belas Artes de Paris, na França.

Ao voltar para o Brasil, em 1882, fez sua primeira mostra individual. Almeida Júnior é considerado o primeiro artista plástico brasileiro a retratar a vida no campo. Em suas telas figuram imagens da vida de pessoas no interior do estado de São Paulo, como a figura do caipira. O artista faleceu em 1899.

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR06

Providencie ou solicite aos estudantes que tragam, com antecedência, os materiais para fazerem o autorretrato. Eles podem utilizar as fotografias tiradas na atividade sugerida na página MP079 deste manual, caso ela tenha sido realizada. Também podem trazer de casa algumas fotografias. Ajude-os na organização do material, orientando-os, por exemplo, a fazer a mistura das tintas para criar as cores que desejarem. Para isso, retome o que estudaram sobre as cores primárias e secundárias e incentive-os a explorar novas cores.

O objetivo da atividade é que eles possam observar a si mesmos e experimentar elementos das artes visuais para desenvolver uma estética pessoal. Observe se os estudantes optam por representar outros elementos, como objetos e paisagens, ou se preferem mostrar apenas o rosto e parte do tronco, ou o corpo inteiro no autorretrato. Repare também na escolha das cores e se preferem se utilizar de elementos não realistas para compor o quadro. Posteriormente essas produções poderão ser retomadas para mostrar como esses elementos aparecem nas obras que serão analisadas pela turma.

É importante organizar uma exposição com os trabalhos para que haja um diálogo entre os estudantes, para que compartilhem experiências e impressões, e se percebam sob uma nova perspectiva: ver o autorretrato exposto e atentar para as sensações que isso traz. Estimule a escuta da fala dos colegas e o reconhecimento daquilo que cada um quis representar, estabelecendo um diálogo com suas identidades e emoções.

Mãos à obra



Que tal fazer um autorretrato? Para isso, siga o roteiro.

Materiais

- ✓ Folhas de papel sulfite
- ✓ Pincéis (um fino e um mais grosso)
- ✓ Lápis preto
- ✓ Tinta guache de várias cores
- ✓ Recipiente plástico com água
- ✓ Fotografia do estudante (uma *selfie*, por exemplo)

Como fazer

1



Observe sua fotografia com atenção. Use o lápis para fazer um esboço e preparar a pintura.

2



Misture as tintas para conseguir as cores com as quais você deseja se representar.

3



Espera a tinta secar bem e use o pincel fino e outras cores de guache para fazer os contornos e outros detalhes do seu rosto.

4



Não se esqueça de criar um fundo para o seu autorretrato.

ILUSTRAÇÕES: ALAN CARVALHO

48



5 Assine seu nome em um dos cantos da folha.



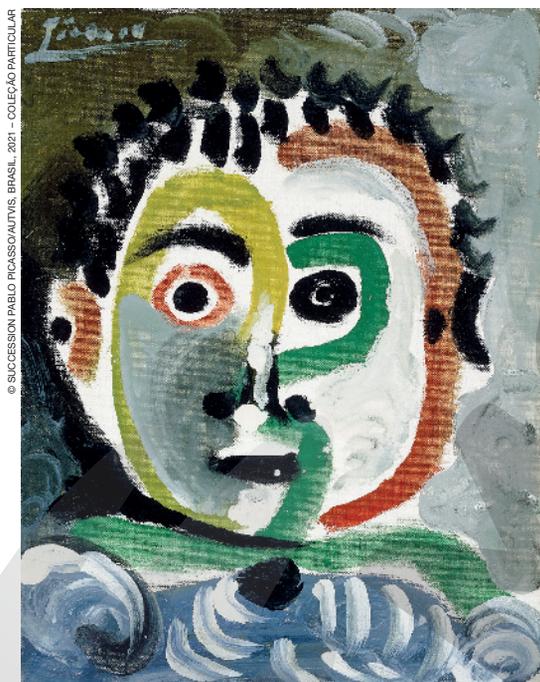
6 Compartilhe o autorretrato com os colegas. Guarde sua obra para a exposição que será montada posteriormente.

ILUSTRAÇÕES: ALAN CARVALHO

Outros retratos

Nas artes visuais, chamamos de retrato toda imagem que registra uma pessoa. Porém, essas obras não precisam ser **realistas**.

Observe como o artista espanhol Pablo Picasso (1881-1973) usou as cores e as pinceladas para compor este retrato.



GLOSSÁRIO

Realista: estilo artístico que pretende imitar a realidade ou se aproximar dela.

PICASSO, Pablo. *Retrato de menino* (série Retratos imaginários). 1964. Óleo sobre tela, 35,2 cm × 27,3 cm. Coleção particular.

Outros retratos

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR04;
EF15AR06

Peça aos estudantes que analisem o retrato feito por Pablo Picasso. Pergunte o que mais chamou a atenção deles na tela e o que pensam sobre esse tipo de retrato; que comparações podem ser feitas com as outras obras que aparecem no livro e se há semelhanças com os autorretratos que fizeram.

Questione o motivo pelo qual o pintor escolheu fazer um retrato não realista. Incentive-os a se manifestar sobre suas percepções, perguntando sobre as sensações causadas por essa pintura.

Após a sondagem, esclareça que, depois do surgimento da fotografia, os pintores tiveram mais liberdade para registrar emoções, sentimentos, objetos e pessoas imaginárias e não apenas a aparência real de objetos e pessoas.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR04

Retome as produções feitas pelos estudantes e reflita com eles sobre as cores escolhidas e os elementos retratados. Se possível, disponibilize outras imagens de retratos realistas e não realistas. Peça que explorem traços e cores livremente, podendo acrescentar outros elementos em seu desenho.

Caso os estudantes tenham dificuldades para realizar a proposta, auxilie-os dividindo a atividade em etapas. Pergunte, primeiro, que sensação eles gostariam de expressar. Depois, pergunte quais cores eles associam a essa sensação. Sugira que essas cores sejam predominantes no desenho. Peça então que separem as cores que serão utilizadas. Então, pergunte se gostariam de explorar formas geométricas para representar o nariz ou as orelhas.

Sugestão de atividade de campo

Visita ao ateliê de um artista

Pesquise artistas que vivam na sua região. Caso não encontre um ateliê individual, procure espaços culturais ou ateliês coletivos. Converse com a coordenação e a equipe pedagógica da escola para organizar uma atividade de campo com a turma, fazendo uma visita ao ateliê. Busque o contato de um desses artistas e veja a possibilidade de ele receber os estudantes para mostrar seu espaço de trabalho e conversar sobre seu processo de criação.

Forneça ao artista informações sobre a turma, a faixa etária, os interesses e os conteúdos que estão estudando. Agende uma data para a visita e a entrevista e pergunte se o espaço pode ser filmado, se podem gravar a entrevista em áudio e se podem fotografar o ateliê. ▶

- ▶ Inspire-se em Picasso e faça um retrato usando um estilo não realista. Pense nas sensações que você gostaria de expressar e explore diferentes cores e formas.

Desenho pessoal.

50

- ▶ Elabore questões em conjunto com os estudantes para realizar a entrevista. Pergunte a eles o que gostariam de saber a respeito da trajetória e do processo de criação do artista. Sugira perguntas sobre se o artista escolhe o que vai representar; como ele decide o suporte e os materiais que pretende utilizar; se ele pensa no público quando cria sua obra etc.

Organize com os estudantes os equipamentos e materiais que serão utilizados para o registro da atividade. Deixe tudo pronto para o dia marcado.

Ao retornar para a sala de aula, proponha uma conversa sobre a experiência. Pergunte se as respostas do artista correspondem ao que eles imaginavam. Pergunte também se eles relacionam a fala do artista com o próprio processo de criação.

Mãos à obra



Escolha um colega para formar uma dupla. Você fará o retrato dele e ele fará o seu. Para isso, sigam o roteiro.

Materiais

- ✓ Folhas de papel sulfite
- ✓ Pincéis (um fino e um mais grosso)
- ✓ Tinta guache de várias cores
- ✓ Recipiente plástico com água
- ✓ Lápis preto

Como fazer



Decidam inicialmente quem será o artista e quem será o modelo. Depois, troquem de posição.



É importante que o retratado permaneça parado o maior tempo possível.



Observe bem a fisionomia do colega. Se preferir, antes de fazer a pintura, desenhe os traços do rosto dele com um lápis.



Misture as tintas para conseguir as cores que deseja para representar o colega.

ILUSTRAÇÕES: ALAN CARVALHO

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR05;
EF15AR06

Providencie ou solicite aos estudantes que tragam, com antecedência, os materiais para o trabalho.

Nesta atividade, os estudantes compreenderão a diferença de tempo existente entre desenhar um retrato de alguém e fazer um retrato fotográfico. Pergunte a eles se pensaram sobre isso ao observar as obras e se acham que a pintura de um retrato pode levar mais de um dia, precisando o modelo retornar e posar novamente. Peça que falem sobre a experiência de ser retratado e de retratar o colega. Pergunte quais foram as dificuldades encontradas, do que eles gostaram mais: de produzir o autorretrato, de ser modelo de um retrato ou de retratar o colega.

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que tragam fotografias recortadas de revistas, ou jornais, de pessoas reconhecidas por sua atuação na sociedade. Eles vão pintar um retrato da pessoa escolhida, podendo optar por criar um retrato realista ou não realista.

Música para uma exposição de quadros

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR04;
EF15AR06

Solicite aos estudantes que observem atentamente a pintura. Peça que anotem as sensações e os pensamentos que tiveram durante essa observação. Estimule-os com perguntas: “Vocês já ouviram falar no Museu do Louvre?”; “Pela pintura, conseguem perceber a dimensão desse museu?”; “O que mais impressiona nessa obra?”; “Quanto tempo vocês acham que o pintor levou para concluí-la?”; “Vocês gostariam de visitar esse museu?”; “Que temas vocês percebem nos quadros?”. Faça outras questões que julgar pertinentes.

Entre 1848 e a Primeira Guerra Mundial, o Salão Carré foi aberto para abrigar novas obras de arte incorporadas ao Museu do Louvre. Essa tela oferece uma imagem fiel e meticulosa desse salão do museu, como era no século XIX. Nela é possível reconhecer famosas pinturas de Paul Veronese, Peter Paul Rubens, Leonardo da Vinci, Raphael Sanzio e Nicolas Poussin, entre outras.

Sugestão de atividade complementar

Selecione uma canção cuja letra descreva uma pessoa, comum ou conhecida na sociedade, como tema central. Se possível, faça a reprodução sonora da canção, escrevendo a letra no quadro. Peça aos estudantes que criem um retrato da personagem descrita na letra da canção. Eles podem utilizar materiais variados, como papel, cartolina, tampa de caixa de sapatos ou de caixa de pizza, giz de cera, lápis de cor, tinta guache, entre outros.

Canções sugeridas: “Iolanda” e “João e Maria”, de Chico Buarque; “Camila”, de Gustavo Lima; “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

5



Caso queiram, a imagem desenhada pode ser ampla e registrar uma cena ou situação, e não apenas o rosto do retratado.

6



Com a turma e a ajuda do professor, organize uma exposição e convide os funcionários da escola para apreciar os trabalhos produzidos por vocês.

ILUSTRAÇÕES: ALAN CARVALHO

Música para uma exposição de quadros

Observe a pintura a seguir, que mostra uma sala do Museu do Louvre em Paris, na França. Que sensações ela desperta em você? Conte suas impressões sobre ela.



ALEXANDRE JEAN-BAPTISTE BRUN – MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA.

BRUN, Alexandre Jean-Baptiste. *Vista do Salão Carré no Louvre*. Cerca de 1880. Óleo sobre tela, 24 cm × 32 cm. Museu do Louvre, Paris, França.

52

Em 1873, o compositor russo Modest Mussorgsky (1839-1881) ficou muito triste porque perdeu o melhor amigo, o pintor alemão Viktor Hartmann (1834-1873), que era também figurinista, cenógrafo e arquiteto.

Após visitar uma exposição **póstuma** de obras produzidas por Hartmann, Mussorgsky resolveu homenagear o amigo compondo uma suíte, isto é, um conjunto de peças instrumentais com o mesmo estilo e tema. Mussorgsky escolheu dez quadros dessa exposição e compôs uma peça musical para cada um deles.

GLOSSÁRIO

Póstumo: que acontece depois da morte de alguém.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1** Você já foi a um museu ou a uma exposição de arte? Em caso positivo, escreva o que sentiu ao observar as obras.

Respostas pessoais.

- 2** Ao visitar uma exposição de pinturas ou esculturas, assistir a um concerto musical, a uma peça de teatro ou a outro espetáculo ligado às artes, podemos nos emocionar? Por quê?

As obras de arte, em todas as suas manifestações, podem interferir em nossas emoções e sentimentos, pois nos levam a compreender o mundo de outra forma, assim como a refletir sobre ele.

- 3** Na sua opinião, observar um retrato é diferente de observar uma paisagem ou uma natureza-morta? Explique.

Respostas pessoais.

Conheça o artista

Modest Mussorgsky nasceu em Karevo, Rússia, em 1839. Aos seis anos de idade, começou a ter aulas de piano com sua mãe, que era professora. Aos dez anos, ingressou na escola de cadetes da Guarda de São Petersburgo e lá se tornou militar.

Fez estudos musicais durante a vida militar e, mais tarde, deixou essa carreira para se dedicar à música. Faleceu em 1881.



COLEÇÃO PARTICULAR

Orientações e comentários das atividades

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

1. Incentive os estudantes a refletir sobre a experiência de estar em um museu ou em uma galeria. Pergunte a eles se veem alguma diferença entre estar diante de uma pintura em uma exposição e observar uma reprodução em fotografias de livros ou na internet.
2. Converse com os estudantes sobre o efeito emocional causado nas pessoas por obras de arte e espetáculos musicais ou teatrais, por exemplo. Pergunte sobre a importância desse efeito. Comente que, ao nos emocionarmos com uma obra artística, podemos refletir e aprender a lidar com nossas emoções e sentimentos.
3. Pergunte aos estudantes se eles se lembram de ter estudado o gênero natureza-morta. Relembre o conteúdo e as práticas que realizaram no ano anterior. Comente com eles que o retrato representa figuras humanas. Já a natureza-morta representa animais, vegetais e objetos.

Caso os estudantes apresentem dificuldades para fazer a comparação recorrendo apenas à memória, traga para a sala de aula imagens de pinturas de paisagens e natureza-morta para que eles observem as diferenças em relação aos retratos. Todas as pinturas podem despertar no observador variadas sensações. Incentive-os a deixar fluir pensamentos e sentimentos e também compartilhar suas impressões.

De olho na imagem

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Peça aos estudantes que observem com atenção cada pintura. Eles podem estabelecer uma comparação com os retratos vistos anteriormente focalizando mais o rosto. Nessas obras foram pintados o corpo inteiro dos retratados e a paisagem do entorno. Pergunte o que acharam dessas obras, que sensações tiveram ao observar as pinturas, se preferem retratos de corpo inteiro ou retratos de meio corpo. Peça que justifiquem as respostas.

De olho na imagem

Ao pintar um retrato ou autorretrato, o artista pode escolher representar apenas o busto, isto é, os ombros e a cabeça do retratado, ou pintar o corpo inteiro, mostrando detalhes da paisagem onde a pessoa se encontra, além de objetos ou animais que compõem a cena.

Observe como os pintores franceses Pierre-Auguste Renoir e Henri Rousseau fizeram isso nas obras reproduzidas a seguir.

AUGUSTE RENOIR – GALERIA NACIONAL DE ARTE, WASHINGTON, EUA.



RENOIR, Pierre-Auguste. *Menina com arco*. 1885. Óleo sobre tela, 125,7 cm × 76,6 cm. Galeria Nacional de Arte, Washington D.C., EUA.

HENRI ROUSSEAU – GALERIA NARODNI, PRAGA, REPUBLICA TCHECA



ROUSSEAU, Henri. *Eu mesmo, retrato-paisagem*. 1890. Óleo sobre tela, 146 cm × 113 cm. Galeria Narodni, Praga, República Tcheca.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1** Em que lugar o pintor Henri Rousseau fez seu autorretrato?

Em uma rua, à beira de um rio.

- 2** Cite alguns elementos das duas pinturas que chamaram sua atenção.

Resposta pessoal. Poderão ser citados o aro e o bastão com os quais a menina parece estar brincando, a paleta e o pincel nas mãos do pintor, o barco com as bandeiras, as casas ao fundo, a ponte, entre outros.

- 3** Se você fosse pintar um autorretrato ao ar livre, que paisagem escolheria? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal.

Conheça o artista

Pierre-Auguste Renoir foi um importante artista plástico.

Ele nasceu na França, em 1841. Inicialmente, destacou-se na pintura e posteriormente na escultura. Renoir era tão apaixonado pela pintura que, mesmo sofrendo de artrite, uma doença que o impedia de mover os dedos, trabalhava com o pincel amarrado em seu pulso. O artista faleceu em 1919.



COLEÇÃO PARTICULAR



COLEÇÃO PARTICULAR

Henri-Julien-Félix Rousseau nasceu em 1844, também na França. Foi funcionário da alfândega e se aposentou aos 49 anos para se dedicar à pintura. Aprendeu a pintar sozinho e reproduzia nas telas o que via ao redor. No início da carreira, sofreu muitas críticas pelo estilo simples de suas obras, mas depois seu grande talento foi reconhecido. Rousseau faleceu em 1910.

Orientações e comentários das atividades

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

1. Peça aos estudantes que observem os detalhes da pintura e leiam a legenda em voz alta.
2. Na primeira imagem, chame a atenção para o aro do bambolê e o bastão que a menina segura. Na outra, aparecem a paleta e o pincel nas mãos do pintor. Peça aos estudantes que observem os elementos da paisagem, na terra e no céu, e indiquem se há outras pessoas no ambiente.
3. Peça aos estudantes que contem para a turma em que lugares mais gostam de estar. Estimule-os a comentar os espaços de seu cotidiano e os acontecimentos que marcaram esses lugares e os tornaram especiais.

Sugestão de atividade complementar

Se quiser aprofundar o estudo sobre os artistas, oriente os estudantes a fazer uma pesquisa sobre outras obras de Renoir e de Rousseau e depois compará-las com as pinturas reproduzidas no capítulo. Combine um dia para que apresentem à turma as informações colhidas durante a pesquisa.

Musicando

HABILIDADE DA BNCC EF15AR16

Retome com os estudantes os conceitos já estudados de andamento e ritmo. Explique que a notação musical é o registro gráfico que representa o ritmo, o andamento e as notas de uma música, além de outras informações. É como na escrita, em que os símbolos (as letras) representam os sons da fala e, quando grafados, possibilitam que o texto seja compartilhado, lido e entendido por outras pessoas.

Da mesma maneira, para que as músicas pudessem ser compartilhadas, foram criadas convenções de registro chamadas de notação musical. O músico que faz a leitura dessa notação sabe o ritmo, o andamento e as notas que devem ser executadas.

Pergunte a eles, então, se conhecem as notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Caso a resposta seja positiva, questione de onde conhecem; talvez algum estudante estude música. Nesse caso, peça que fale um pouco sobre o assunto.

Explique a eles que o formato ovalado para grafar as notas musicais é uma convenção internacional.



Musicando

A notação musical

Notação musical é a representação gráfica de elementos ligados à música. Nessa representação podem ser usados desenhos, símbolos e traços.

Para tocar uma música com partitura, o músico deve ler as notas musicais, que podem ter alturas e durações diferentes. Usamos sete nomes de notas:



Quando organizamos essas notas exatamente nessa sequência, temos a escala de dó – dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. A **escala** é uma forma de organizar as notas, partindo da mais grave para a mais aguda (chamada de escala ascendente) ou da mais aguda para a mais grave (chamada de descendente).

Se mudarmos a primeira nota, teremos outros tipos de escalas. Mas atenção: mesmo que a primeira nota mude, temos de manter a mesma ordem para as demais notas. Por exemplo: si, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si é uma escala que começa e termina com a nota si.



As notas musicais podem ser representadas em um conjunto de cinco linhas e quatro espaços.

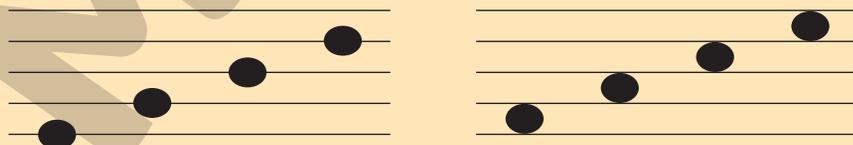
Esse conjunto de linhas é chamado de **pauta musical** ou **pentagrama**. Observe.



As notas musicais são escritas em cima das linhas ou no espaço entre elas e são contadas e lidas de baixo para cima, da esquerda para a direita.

O registro gráfico das notas musicais deve ter o formato ovalado.

Observe como notas musicais foram registradas nestes dois pentagramas. No primeiro, as notas estão em cima das linhas. No outro, as notas estão nos espaços entre as linhas.



FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Vamos testar?

- 1** Escreva o nome das sete notas musicais.

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

- 2** O que é escala musical?

É uma sucessão de notas musicais, organizadas da mais grave para a mais aguda ou vice-versa.

- 3** Escreva a escala de:

a) ré.

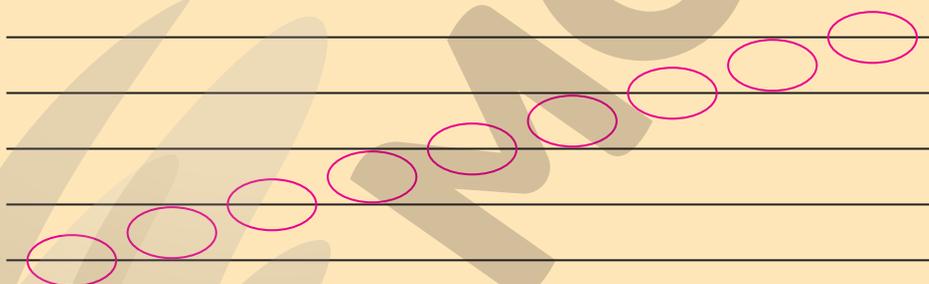
Ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, ré.

b) mi.

Mi, fá, sol, lá, si, dó, ré, mi.

- 4** No pentagrama a seguir, desenhe notas musicais utilizando as linhas e os espaços. Comece usando a primeira linha, depois o primeiro espaço e assim por diante.

Lembre-se de que as notas devem ser escritas de baixo para cima e da esquerda para a direita.



FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR16

Se possível, leve pentagramas extras para os estudantes treinarem o desenho das notas musicais antes de reproduzirem-nas no livro.

Sugestão de atividade complementar

Pesquise na internet o áudio da cantiga a seguir e leve para a sala de aula. Explique aos estudantes que será realizada uma atividade de solfejo. Informe que solfejar é ler ou cantar um trecho musical pronunciando apenas o nome das notas musicais. Então, toque o áudio e depois peça que solfejem a cantiga.

Dó, ré, mi, fá, fá, fá,

Dó, ré, dó, ré, ré, ré,

Dó, sol, fá, mi, mi, mi,

Dó, ré, mi, fá, fá, fá. (repetir 2 vezes)

Da tradição popular.

Conclusão

O capítulo apresentou diferentes possibilidades de representação da figura humana na pintura em retratos e autorretratos. Espera-se que os estudantes sejam capazes de reconhecer diferenças nas técnicas e nos contextos abordados, ampliando seu vocabulário e repertório visual. Também é esperado que exercitem formas de expressão, realizando autorretratos e retratos dos colegas. Nessas práticas, devem ser valorizadas as soluções encontradas por cada um, de acordo com seu repertório e suas possibilidades pessoais e materiais disponíveis. Além disso, espera-se que dialoguem de maneira respeitosa, expressando suas emoções e ouvindo com interesse os colegas.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante o ano, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividade presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação a seguir poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades. Caso as dificuldades persistam ao final do processo, é sugerida uma atividade de remediação, presente nesta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 4

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco	Observações
(EF15AR01)	O estudante reconhece e aprecia diferentes expressões do retrato e do autorretrato (realista, não realista, com ou sem paisagem e em diferentes enquadramentos)?				
(EF15AR04)	O estudante explorou possibilidades materiais e estéticas na realização de seu autorretrato, como forma de simbolizar a maneira como se percebe?				
(EF15AR04)	O estudante explorou possibilidades materiais e estéticas na realização do retrato do colega, de maneira interessada e respeitosa, expressando a seu modo as qualidades e valorizando as diferenças?				
(EF15AR06)	O estudante dialogou sobre sua produção e a dos colegas, expressando aspectos positivos e negativos da experiência de maneira respeitosa?				
(EF15AR16)	O estudante compreendeu os conceitos expostos sobre notação musical convencional, conseguindo identificar as notas no pentagrama, conforme a proposta?				

Atividade de remediação

Esta atividade deve ser feita individualmente. Os estudantes deverão realizar um autorretrato em uma paisagem ao ar livre, real ou imaginária. Peça que retomem os conteúdos do capítulo, em especial a seção **De olho na imagem**, e comentem o que observam. Então, solicite que eles pensem em uma paisagem na qual gostariam de se representar. A paisagem pode ser cotidiana, pode ser de um lugar que eles gostariam de conhecer, ou pode ser imaginária. Disponibilize materiais para desenho: folhas de papel, lápis colorido, giz de cera etc. Os estudantes poderão contar com o auxílio de fotografias ou de um espelho, para que possam observar a própria imagem antes de se desenhar, se isso for possível. No final, peça a cada um para comentar sua produção, explicando o que desejou retratar e quais materiais escolheu. Espera-se que eles retomem os conteúdos do capítulo e os utilizem como ponto de partida para as criações autorais, exercitando a expressividade e a prática do desenho e dialogando com as próprias produções.



MODERNA

Capítulo 5: A arte do cordel

Introdução

O capítulo aborda a arte do cordel em diálogo com diferentes linguagens artísticas e com a literatura. Os estudantes terão contato com as técnicas de gravura e vão apreciar reproduções dessa linguagem não apenas no cordel, mas também em outros contextos. A musicalidade será trabalhada, trazendo o caráter declamatório do cordel e sua relação com a embolada. A turma será convidada a produzir um *e-book*, explorando meios tecnológicos de criação e compartilhamento dos trabalhos. No final, a seção **Musicando** desenvolve conceitos da notação musical convencional, dando continuidade ao que foi apresentado no capítulo anterior.

As atividades têm como objetivo consolidar os conteúdos, promover a reflexão e exercitar a leitura, a oralidade e a escrita. Também será proposta uma atividade prática de confecção de gravura, utilizando materiais do cotidiano, visando desenvolver o repertório visual e plástico dos estudantes. A última atividade do livro prevê a organização de um sarau, mobilizando a turma em torno do evento, como maneira de estimular a autonomia, o diálogo e a busca de soluções coletivas na realização de ações conjuntas.

Objetivos do capítulo

- Conhecer objetos de arte e aspectos culturais relacionados à literatura de cordel.
- Conhecer as diferentes técnicas de gravura e realizar uma experimentação.
- Criar um livro digital a partir dos temas discutidos e das produções realizadas.
- Organizar e promover um sarau, de maneira coletiva, mobilizando os conhecimentos e as práticas desenvolvidas.

Competências favorecidas

Competências gerais

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competência específica de Linguagens

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competências específicas de Arte

5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR03)** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

- **(EF15AR05)** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.
- **(EF15AR06)** Dialogar sobre sua criação e a dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
- **(EF15AR16)** Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
- **(EF15AR23)** Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
- **(EF15AR25)** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
- **(EF15AR26)** Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares* etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
5	28	Realização da atividade preparatória. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 58-59
	29	Leitura dialogada do texto “A arte e a cultura popular”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 60-62
	30	Leitura dialogada dos textos “A gravura” e “Gravuras coloridas”. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 63-67
	31	Leitura dialogada do texto “Identificação das gravuras”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar	p. 67-69
	32	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 69
	33	Finalização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 70
	34	Leitura dialogada dos textos “Do Oriente ao Ocidente” e “Cordel cantado”. Realização das atividades do livro.	p. 71-73
	35	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 74
	36	Finalização e compartilhamento (visualização digital) da atividade da seção Mãos à obra .	p. 74
	37	Leitura dialogada e realização das atividades da seção Musicando . Realização de atividade complementar (opcional).	p. 75-78
	38	Realização da atividade da seção Para fazer com os colegas .	p. 79
	39	Finalização e apresentação da atividade da seção Para fazer com os colegas .	p. 79
40	Realização da avaliação processual e avaliação de resultados.	p. 80-83	

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

Neste capítulo, os estudantes entrarão em contato com diferentes expressões artísticas e culturais ligadas à tradição do cordel. Eles estudarão práticas de gravura e observarão obras de arte que utilizam essa técnica, não somente com a temática do cordel, mas também em outros contextos. O texto com características de poema também será abordado fazendo um paralelo com as narrativas visuais que aparecem nos livretos. Os estudantes serão estimulados não somente a conhecer e apreciar aspectos linguísticos e temáticos, como também perceber a sonoridade do texto poético e sua relação com a expressão musical conhecida como **embolada**.

Pergunte a eles que manifestações artísticas conhecem em que há o uso de imagens e de escrita. Espera-se que todos se recordem das tirinhas e histórias em quadrinhos, porém outros exemplos podem ser citados, como os livros ilustrados.

Organize a turma em duplas para que escolham uma história para contar. Os estudantes podem inventar a história, ou escolher uma história conhecida. Peça que escolham momentos marcantes da história, que possam apresentar situações vividas pelas personagens. Depois, eles deverão produzir de dois a quatro desenhos representando as personagens no momento citado. Os desenhos podem ser realizados a quatro mãos, ou alternadamente, por cada um dos componentes da dupla. O uso de cores é opcional. No final, peça a cada dupla que compartilhe seu desenho com a turma e conte resumidamente a história que inventaram ou escolheram.

Capítulo

5

A arte do cordel



Obras de literatura de cordel à venda no Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, no Rio de Janeiro (RJ), 2018.

58



HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

Comente com os estudantes que a literatura de cordel, incluindo o texto e as ilustrações, faz parte da arte e da cultura popular brasileira. A literatura de cordel tem maior representatividade nos estados do Norte e Nordeste brasileiro, mais especificamente em Alagoas, Ceará, Pará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna e Guimarães Rosa são alguns dos escritores brasileiros influenciados pela literatura de cordel.

Orientações e comentários das atividades

1. Explique para a turma que a literatura de cordel é uma manifestação artística popular que se baseia em técnicas e histórias passadas de geração em geração. Os livros de cordel costumam ficar expostos em varais de barbante, daí o nome de literatura de cordel (*cordel* significa corda fina, barbante).
2. O cordel pode tratar de qualquer temática do cotidiano, desde a realidade sofrida do sertanejo, como a seca, até casos de desavenças, namoros, migrações ou eventos históricos e políticos. As narrativas também podem ser religiosas, folclóricas e contar as aventuras de seres fantásticos.
3. Não é esperado que os estudantes saibam a resposta. Depois de fazer o levantamento de hipóteses, comente que os artistas que produzem os folhetos de cordel são conhecidos como cordelistas.

Sugestão de atividade complementar

Esta atividade pode ser realizada individualmente ou em duplas. Proponha aos estudantes a criação de uma obra artística que remeta a elementos tradicionais da cultura brasileira. A linguagem pode ser escolhida por eles (pintura, desenho, escultura etc.) ou sugerida por você, mas a obra precisa trazer elementos da cultura popular brasileira, garantindo esse foco. A intenção é de que identifiquem esses elementos e possam expressá-los de forma artística.

O que eu vejo

 Converse com os colegas. **1. Resposta pessoal.**

1. O que você sabe sobre literatura de cordel?
2. Que tipos de história são contados nas obras de cordel?
3. Quem produz essas obras?

2. A literatura de cordel conta histórias variadas, baseadas em fatos do cotidiano, acontecimentos políticos, situações amorosas, temas relacionados à vida no sertão nordestino, como a seca, o deslocamento das pessoas em busca de melhores condições de vida, fatos sobrenaturais etc.
3. As obras são produzidas por escritores conhecidos como cordelistas.

A arte e a cultura popular

HABILIDADE DA BNCC EF15AR25

Na literatura de cordel, o texto, ora escrito em forma de poema, ora em prosa, costuma ser ilustrado com imagens feitas com a técnica da xilogravura. No princípio, os autores de cordel no Brasil eram cantadores (ou trovadores) que viajavam por pequenas cidades do sertão e criavam seus versos de improviso. Nos textos da literatura de cordel predomina uma linguagem regional e informal, fato que os torna muito acessíveis e populares.

Quando se trata da literatura de cordel que circulou em Portugal, muito se confunde com o cordel produzido no Nordeste brasileiro. Em Portugal, os cordéis eram escritos tanto em prosa quanto em verso; no Brasil, as rimas são predominantemente escritas em versos. Em Portugal, os folhetos ficavam expostos em varais; no Brasil, o hábito de pendurá-los em cordéis ainda existe, porém atualmente os folhetos são vendidos em bancas ou expostos no chão. E, apesar de a maioria dos cordéis ser ilustrada com xilogravuras, alguns não têm ilustrações.

Depois de lerem o trecho do cordel escrito por Leandro Gomes de Barros, peça aos estudantes que discutam algumas questões: “Do que trata esse cordel?”; “Vocês compreendem todo o texto?”; “Conhecem todas as palavras usadas?”. Em seguida, eles deverão fazer a leitura em voz alta e em grupo, interpretando o cordel. Faça a seguinte pergunta: “Como vocês acham que esse cordel deve ser recitado?”. Assim, cada estudante poderá encontrar uma maneira de declamar e interpretar os versos, com ritmo, voz e gestos próprios.

A arte e a cultura popular

A literatura de cordel surgiu em Portugal e na Espanha há cerca de 500 anos, quando era conhecida como “folhas soltas” ou “volantes”.

Esse gênero foi trazido ao Brasil pelos portugueses e se tornou bastante popular no Nordeste, onde foi incorporando características e elementos dessa região.

Os textos de cordel são geralmente inspirados em histórias orais transmitidas pelo povo, de geração em geração, ou tratam da realidade do homem nordestino, sobretudo do **sertanejo**.

O paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) é considerado o primeiro escritor brasileiro de literatura de cordel. Ele teve cerca de 240 livros publicados.

Leia um trecho do cordel que ele escreveu sobre a seca no estado do Ceará. Depois, faça um desenho para expressar seus sentimentos sobre o poema neste espaço.

GLOSSÁRIO

Sertanejo: habitante do sertão; interiorano.



Leandro Gomes de Barros. Fotografia, cerca de 1913. Fotógrafo desconhecido.

INSTITUTO LEANDRO GOMES DE BARROS, SÃO PAULO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 6.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A seca do Ceará

Seca as terras as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes
Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão,
Acabam-se os animais
Ficando limpos os currais
Onde houve a criação.

[...]

BARROS, Leandro Gomes de. *A seca do Ceará*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000013.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2021.

A concordância verbal correta na frase inicial do cordel seria: “Secam as terras, as folhas caem”, porém foi mantido o texto original, conforme a escrita do poeta.

Desenho pessoal.

Originalmente, os folhetos com as histórias ficavam expostos para venda pendurados em barbantes, cordas ou cordéis, daí o nome “literatura de cordel”. Hoje em dia, ainda é possível encontrar cordéis sendo vendidos dessa forma em praças ou feiras, para adultos e também para crianças.

Além dos folhetos tradicionais, a literatura de cordel também é publicada em livros impressos, ou digitais, que são vendidos em livrarias ou pela internet.

Leia agora um trecho do cordel *Medo*, do escritor cearense Manoel Moreira Junior (1961-), mais conhecido como Moreira de Acopiara. O texto trata dos medos que geralmente as pessoas sentem em algum momento da vida.

Medo

Medo é uma palavrinha
Que faz a gente tremer,
Arrepiá o corpo todo,
Dá vontade de correr,
Dá **comichões** no pescoço,
Deixa a gente em alvoroço,
Sem saber o que fazer.

Arregala os olhos, faz
A gente **ficar sem norte**,
Seca a boca, treme a fala,
E nem adianta ser forte.
Medo não poupa ninguém!
Parece um monstro que tem
A cara feia da morte.

Medo é coisa que
Tem a **cadência** das **valsas**,
Dá moleza, faz a gente
Ir atrás de pistas falsas
Em lugares diferentes.
Bate o queixo, bate os dentes,
Gela o corpo, molha as calças.
[...]

MOREIRA DE ACOPIARA. *Medo? Eu, hem?*
São Paulo: Duna Dueto, 2009.

GLOSSÁRIO

Comichão: coceira.

Ficar sem norte: ficar sem rumo, desorientado.

Cadência: ritmo.

Valsa: dança e ritmo musical surgidos no século 18.



RON AND JOESHUTTERSTOCK

61

HABILIDADE DA BNCC EF15AR25

Peça aos estudantes que leiam o cordel em voz alta e pergunte a eles se entenderam todas as palavras. Se a palavra não fizer parte do glossário da página, dê pistas para que eles possam inferir o significado; se mesmo assim não conseguirem, explique ou pesquise com eles a palavra no dicionário. Depois, solicite que recontem o texto de acordo com sua compreensão. Pergunte: “Conforme o texto, o que o medo causa nas pessoas?”; “Que outros tipos de medo as pessoas podem ter?”; “Vocês já tiveram medo de alguma coisa?”; “Como vocês reagiram a esse medo?”.

Proponha, então, que representem o medo de forma artística, dramatizando a cena, desenhando ou pintando. Proponha ações diferentes aos grupos de estudantes ou direcione a atividade para uma forma específica de arte. Eles também podem criar poemas ou produzir outros gêneros de texto.

Sugestão de atividade complementar

Mostre aos estudantes de que maneira o medo é representado no universo artístico. Pesquise e depois reproduza, ou projete, algumas obras de arte para que falem livremente sobre a sensação que elas transmitem. Ressalte que essa sensação é diferente de pessoa para pessoa. Se possível, organize as imagens lado a lado para que possam visualizar e fazer a comparação entre todas elas. Apresente obras que sejam representativas, como *O grito*, de Edvard Munch (1893); *O sono da razão produz monstros*, de Francisco de Goya (1799); e *Cabeça de medusa*, de Caravaggio (1597). O objetivo é fazê-los compreender qual imagem desperta mais desconforto ou medo. Estimule-os a perceber que nem todas as obras de arte representam o belo e que há artistas que têm a intenção de despertar outros sentimentos no observador.

Orientações e comentários das atividades

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR25

1. Antes de os estudantes realizarem o registro, retome com eles o conceito de literatura de cordel, as características do texto e das imagens e o que expressam os cordelistas. Utilize alguns exemplos ilustrativos para essa discussão. Por fim, proponha a cada um fazer o registro com suas próprias palavras.

Caso tenham dificuldades para se lembrar ou para verbalizar os aprendizados, peça que releiam o cordel *A seca do Ceará* e lembre com eles os principais pontos do momento expositivo da aula. Chame a atenção para os elementos do cotidiano da vida dos sertanejos, para os fatos da cultura local ou nacional, para temas como lendas e histórias transmitidas de gerações em gerações, que aparecem no cordel.

2. Comente com os estudantes que, ao falar da seca e da vida do sertanejo, o autor trata de assuntos políticos importantes. Ajude-os a pensar em outros temas relacionados, incentivando-os a refletir sobre o que eles gostariam de transformar na sociedade.
3. Ajude-os a escolher um tema relevante para a maioria. Conduza a atividade pedindo a cada um que crie uma frase. Auxilie-os a organizar os versos e refazê-los até chegarem ao produto final. Caso eles tenham dificuldades, sugira possíveis rimas.
4. Incentive os estudantes a envolver os familiares na atividade, não somente realizando a tarefa, mas compartilhando o que sabem e perguntando para os adultos o que eles acham e conhecem sobre o tema. Se achar oportuno, sugira que registrem suas experiências em forma de desenho, relato escrito, áudio ou vídeo para compartilhar com a turma.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1 Explique com suas palavras o que é literatura de cordel e quais são os temas mais comuns abordados em suas histórias.

Resposta pessoal. Sugestão: *As histórias de cordel são geralmente inspiradas em relatos orais transmitidos pelo povo, de geração em geração, em fatos da política e da cultura regional ou nacional, ou, ainda, na vida sofrida do sertanejo.*

- 2 O cordel *A seca do Ceará* trata das consequências que a seca tem para as pessoas que moram na região afetada. Que outros temas você acha que poderiam ser abordados em um cordel?

Resposta pessoal.



- 3 Agora, em conjunto com toda a turma, crie uma estrofe de cordel.

Escolham um tema e mãos à obra. Depois de pronto, o professor escreverá os versos no quadro para que sejam lidos por todos em voz alta.

Resposta pessoal.



- 4 Convide seus familiares para ler com você, em voz alta, os trechos dos cordéis *A seca do Ceará* e *Medo*, reproduzidos no livro. Cada um lê um verso ou uma estrofe. Vocês decidem. Depois, explique o que você entendeu de cada cordel.

62

Sugestão de atividade complementar

Como forma de aprofundar o tema e continuar com as produções artísticas com base na linguagem do cordel e da xilogravura, sugira uma atividade em que os estudantes transformem personagens já existentes, presentes em lendas ou contos de fadas, por exemplo, em personagens com as características daqueles da literatura de cordel. Para se inspirarem, poderão observar a capa dos livros da Coleção Clássicos em Cordel ou de *O pequeno príncipe em cordel*, de Josué Limeira (texto) e Vladimir Barros (ilustrações), edição de 2015.

A gravura

Na literatura de cordel, as imagens que acompanham os versos e ajudam a contar a história são produzidas com a técnica da gravura, que é uma arte muito antiga de imprimir imagens usando uma **matriz**.

Dependendo da matriz, a gravura recebe um nome diferente: **xilogravura** quando a matriz é madeira, **litogravura** quando é pedra e **calcogravura** quando é metal.

Nessas técnicas de impressão, a imagem da matriz é transferida para um suporte, como papel ou tecido. As fotografias a seguir mostram gravuras impressas em matrizes de madeira, pedra e metal. Depois de secas, as cópias são numeradas e assinadas pelo artista.

GLOSSÁRIO

Matriz: placa de madeira, metal ou pedra, entalhada e/ou em relevo, da qual se fazem cópias em papel.



Xilogravura do artista paulista Fernando Vilela impressa em matriz de madeira. São Paulo (SP), 2018.



Estudantes da Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris examinam uma matriz de pedra para produção de litografia. Paris, França, 2019.



Calcogravura produzida em matriz de metal na Gráfica Lira Nordestina, Juazeiro do Norte (CE), 2020.

A gravura

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

Comente com os estudantes que as gravuras são bastante valorizadas por serem elaboradas artesanalmente. Embora a tecnologia tenha modificado muitas técnicas artísticas, a gravura se manteve da mesma forma, já que aparatos tecnológicos não conseguem reproduzir a beleza dos traços feitos à mão. Pergunte para a turma quais as diferenças entre um objeto confeccionado artesanalmente e um objeto feito de maneira industrial. Comente com eles que as obras e os objetos feitos artesanalmente têm um caráter único, pois carregam as marcas das mãos do artista que criou as peças e não consegue repeti-las de uma peça para outra. Na indústria, as peças são feitas em série.

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

A xilogravura (impressão em madeira), também conhecida como xilografia, provavelmente se originou na China, no século VI, e facilitou a produção de imagens em larga escala, pois permitiu que uma mesma imagem pudesse ser reproduzida a partir de uma matriz original, como um carimbo. No século XIX, as gravuras coloridas criadas por artistas japoneses revolucionaram essa arte no Ocidente.

A partir do ano de 1500, na Europa, a calcografia (impressão em metal) começou a ganhar o espaço que era da xilogravura. Na segunda metade do século XVIII, com os avanços tecnológicos advindos da Revolução Industrial, descobriu-se que essa técnica gerava imagens de alta qualidade, além de ter grande resistência e se prestar a grandes tiragens com uma mesma matriz.

Gravuras coloridas

Permita aos estudantes comentar as sensações que a obra *A grande onda de Kanagawa* transmite e o que se assemelha e se diferencia das outras xilogravuras que eles já viram. A intenção é que percebam, principalmente, a temática abordada. Ela transmite a ideia da fragilidade humana diante da força da natureza, já que o predomínio das ondas faz com que os observadores se sintam pequenos diante da imensidão dos mares. Os barcos dessa xilogravura são praticamente suprimidos pela força das águas, pois pouco aparecem, o que reforça a ideia do artista de exaltar a natureza e todo o poder que ela tem. O destaque dado à natureza é um diferencial da obra, já que nas xilogravuras a partir do século XVIII o homem e as atividades humanas passaram a ser os protagonistas.

A matriz é como um carimbo. Com ela, a imagem pode ser reproduzida (gravada) diversas vezes. Por isso, essa técnica é chamada de **gravura**. E o profissional que produz ou imprime a matriz é chamado de **gravador** ou **gravurista**.

Na literatura de cordel, a técnica usada para produzir as imagens que ilustram os textos é a xilogravura, que usa a madeira como matriz e se tornou uma característica marcante desse gênero literário.



Artista entalhando o desenho na madeira com ferramentas, como a goiva e o macete de madeira. Fotografia sem data.

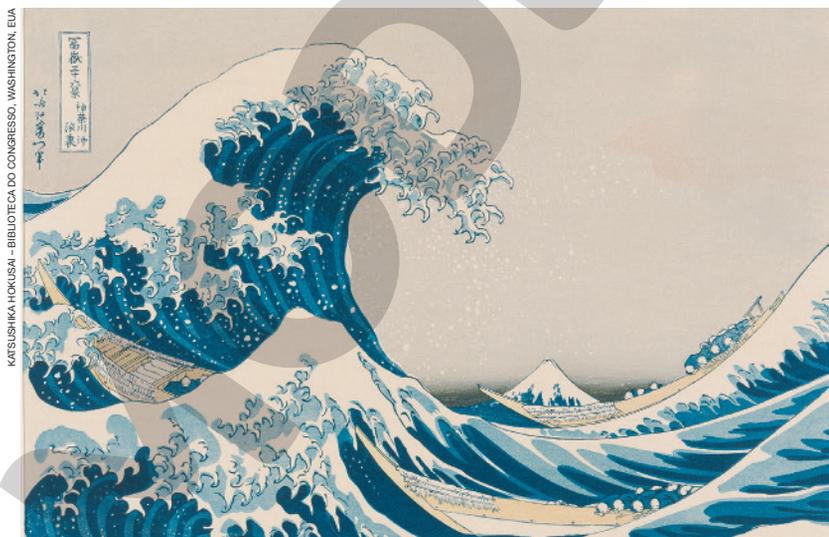
CARLOS ANDRE SANTOS/SHUTTERSTOCK

Gravuras coloridas

Também é possível produzir gravuras coloridas e elas são confeccionadas por gravuristas de todo o mundo. Algumas xilogravuras de artistas japoneses, por exemplo, são consideradas obras-primas desse tipo de arte.

Observe a reprodução de uma famosa xilogravura produzida pelo artista japonês Katsushika Hokusai (1760-1849).

Essa obra faz parte de uma série de trabalhos desse artista intitulada *Trinta e seis vistas do monte Fuji*. No fundo da paisagem, o topo do monte Fuji se confunde com as ondas do mar.



KATSUSHIKA HOKUSAI – BIBLIOTECA DO CONGRESSO, WASHINGTON, EUA

HOKUSAI, Katsushika. *A grande onda de Kanagawa*. Cerca de 1830 -1832. Xilogravura, tinta colorida sobre papel, 25,7 cm × 37,9 cm. Biblioteca do Congresso, Washington, EUA.

REPRODUÇÃO



Antigamente, a gravura no Brasil era produzida sem cores, pois essa era a forma mais simples e barata de fazer impressão de imagens e textos, principalmente no caso da xilogravura usada nos livretos de cordel.

Com o tempo, além da tinta de cor preta, os gravadores passaram a usar outras cores, como vermelho e azul.

Reprodução da capa do livreto de cordel *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*, escrito por Rodolfo Coelho Cavalcante e com xilogravura de Minelvino Francisco Silva, 1976.

GLOSSÁRIO

Entintar: aplicar rolo com tinta sobre uma matriz ou molde.

Para entintar a matriz com uma única cor, o gravador Claudio Caropreso (1975-) passa um pequeno rolo com tinta sobre sua superfície. São José dos Campos (SP), 2014.



LUCAS LAJAZ RUIZ/FOTODARENA

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que criem desenhos baseados nas xilogravuras. Para se inspirarem, eles podem folhear o livro e rever a página de abertura com os desenhos nas capas dos cordéis. Nesse momento, eles ainda não aplicarão a técnica da xilogravura, apenas vão pintar ou desenhar tendo como base temas e ideias da xilogravura (personagens do ideário popular, acontecimentos do cotidiano). A produção dessas pinturas e dos desenhos pode enriquecer as atividades e ampliar o conhecimento da turma sobre o tema, ainda que não se valham, nesse momento, de técnicas de gravura. No final, sugira que montem um varal na sala para que possam ser apreciadas todas as produções, e promova uma roda de conversa para que os estudantes expressem as percepções e sensações transmitidas pelas obras dos colegas.

Na abordagem da capa do livreto de cordel *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*, comente a importância histórica das personagens. Inicialmente, verifique se os estudantes já ouviram falar delas ou que hipóteses têm sobre quem foram essas pessoas. Em seguida, conte um pouco da história. Lampião, cujo nome era Virgulino Ferreira da Silva, foi um famoso cangaceiro. Os cangaceiros eram camponeses pobres que viviam em regiões áridas do Nordeste do Brasil e vestiam chapéus, roupas de couro e carregavam consigo muitas armas. Lutavam contra o poder dos coronéis pela disputa de terras e eram considerados heróis por uma parte da população local. Maria Bonita era o apelido de Maria Gomes de Oliveira, mulher de Lampião, que foi a primeira mulher cangaceira. Ambos são representados em várias obras da literatura de cordel e em xilogravuras. Se achar apropriado, pesquise outros folhetos ou textos de cordel que tenham imagens e contem a história de Lampião e Maria Bonita, mas é importante que o material seja adequado à faixa etária dos estudantes.

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03

A xilogravura é uma técnica de impressão que utiliza como matriz a madeira. Podem ser usados retalhos encontrados em marcenarias. Uma madeira macia e fácil de ser encontrada é a conhecida por pinus (madeira de caixote), porém, quando gravada contra o fio, esfiapa um pouco, sendo necessário passar uma lixa de leve para tirar as rebarbas. Para um trabalho mais elaborado, pode-se usar pinho, cedro ou mogno (este último é bem mais caro). Deve ser uma placa lisa do tamanho que de-seja fazer a gravura.

Já a gravura em linóleo utiliza a placa de linóleo, que se encontra em lojas especializadas em artigos de borracha. O linóleo é um material caro, podendo ser substituído por placas de borracha. As ferramentas que se utilizam tanto para a madeira como para o linóleo são as goivas, que se encontram em papelarias ou casas especializadas em material de arte. Sendo o linóleo um suporte bem mais macio que a madeira, aconselha-se iniciar por ele, pois o aluno poderá controlar melhor o manuseio das goivas.

TATIT, Ana; MACHADO, Maria Silvia M. *300 propostas de artes visuais*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 118.

Atualmente, existem diversos métodos para produzir gravuras e xilogravuras coloridas.

O gravador faz várias matrizes, utilizando uma matriz para cada cor. Então imprime uma cor e deixa o papel secar em um varal. Depois, imprime a outra cor no mesmo papel, e assim por diante, até completar todas as cores do desenho.

A matriz também pode ser pintada com pincéis: cada área em relevo recebe a cor escolhida pelo artista, como se ele estivesse pintando um quadro. Assim, na impressão, as cores são aplicadas todas de uma vez.

Observe a matriz pintada com pincéis e a impressão dessa mesma matriz em papel.



J. BORGES. *Briga da onça com a serpente*. 1992. Matriz (acima) e xilogravura (à direita), 52 cm x 30 cm. Memorial J. Borges e Museu da Xilogravura, Bezerros (PE).



66

Xiloteca

No *site* do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular há um acervo *on-line*, a xiloteca, com cerca de mil xilogravuras. Sugerimos que pesquise nesse *site* imagens para apresentar aos estudantes.

Na xiloteca, você encontra reproduções organizadas por artista, em pastas que contêm também informações biográficas.

Para acessar, utilize o *link*: <<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Xilogravuras>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

Alguns cordelistas também são gravuristas. Um deles é o pernambucano José Francisco Borges (1935-), ou J. Borges, como ele prefere ser chamado.

J. Borges é considerado o maior gravurista popular em atividade no Brasil. Ele costuma pintar a matriz de suas xilogravuras usando pincel.



J. Borges em sua oficina, localizada em Bezerros (PE), 2019.

Pela qualidade de seu trabalho como gravurista, J. Borges foi convidado a dar aulas de xilogravura e entalhamento em madeira na Europa e nos Estados Unidos.

Identificação das gravuras

Normalmente, o gravurista produz diversas cópias de uma mesma gravura registrando nela dois números. Um dos números corresponde à quantidade de reproduções da gravura e o outro identifica a ordem da gravura nessa série de reproduções. Dessa maneira, o artista sabe exatamente quantas cópias fez da gravura e a pessoa que compra sabe quantas cópias foram feitas antes da sua.

67

Sugestão de atividade complementar

Caso haja cordelistas em sua região, convide-os para virem à escola ou proponha aos estudantes que visitem o local de trabalho desses artistas. Em caso contrário, faça uma pesquisa prévia para encontrar cordelistas que tenham obras adequadas à faixa etária dos estudantes e indique-os à turma. Outra opção é organizar uma videochamada com o artista no horário da aula e realizar um pequeno bate-papo, caso haja recursos disponíveis na escola. Ao realizar o bate-papo e a pesquisa, os estudantes poderão ampliar a lista de artistas conhecidos e descobrir um pouco mais sobre as obras e a história de vida dessas pessoas, que fazem parte da cultura brasileira.

HABILIDADES DA BNCC EF15AR01; EF15AR25

Comente com os estudantes que José Francisco Borges, ou apenas J. Borges, é o nome do xilogravurista e cordelista brasileiro mais conhecido mundialmente. Ele nasceu em 1935, em Pernambuco, começou a trabalhar confeccionando colheres de pau aos 10 anos de idade e, em 1964, passou a escrever cordéis. Sua primeira obra, intitulada *O encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina*, cuja xilogravura foi feita por Mestre Dila, vendeu mais de 5 mil exemplares em dois meses. Em razão do grande sucesso, quando escreveu seu trabalho seguinte (*O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vêm*), pela falta de dinheiro para pagar um ilustrador, também decidiu fazer as xilogravuras. Ao todo, fez e ilustrou mais de 200 cordéis ao longo da vida, comprados por artistas, admiradores e colecionadores de arte. Seus trabalhos já foram expostos em países como Alemanha, França, Cuba, Venezuela, Suíça e Itália e ele já recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. J. Borges foi considerado Patrimônio Vivo de Pernambuco, com suas gravuras pretas e coloridas, e mantém-se ativo até hoje em sua cidade natal, Bezerros. Lá também foi inaugurado em 2006 o Memorial J. Borges, que expõe parte de sua obra e de objetos pessoais. Certa vez, ele mencionou: “Trabalho com pensamento, com as coisas que acontecem, com o que o povo fala. Tudo isso faz parte de um imaginário que compõe as minhas obras”.

Após a leitura, verifique se os estudantes conhecem outros artistas ou cordelistas.

HABILIDADE DA BNCC**EF15AR01**

Após realizar a leitura do tópico **Identificação das gravuras** com os estudantes, comente que todas as cópias da gravura têm o mesmo valor e geralmente a tiragem não ultrapassa muito mais do que uma dezena de exemplares. A assinatura do artista é o que garante que a obra é original e não uma fraude. Se uma segunda tiragem for feita, é preciso haver a aprovação do artista e ser colocada a letra B ou algarismos romanos, após a numeração, sinalizando a tiragem. Se for a segunda tiragem indica-se II, também em algarismos romanos. Também é comum grafar a sigla P.E. no lugar da numeração, que significa “Prova de Estado” (registro da criação). Ainda existem outras siglas, como P.A. (Prova do Artista) e P.I. (Prova do Impressor) para mostrar que quem imprimiu o trabalho não foi o próprio artista, mas outro profissional, no caso um impressor. Se houver outros exemplos além da imagem disponível no livro, solicite aos estudantes que observem as identificações nas gravuras. Verifique, ainda, se eles compreenderam o que as siglas significam e qual é a relevância delas no trabalho do artista.

Quando apresentar a obra de Oswaldo Goeldi, faça alguns comentários sobre as características de seu trabalho, explicando que o artista gostava de usar temas definidos em suas xilogravuras. A solidão foi um tema frequente em suas criações. Apesar de Goeldi utilizar o mesmo objeto em diversas obras, há outras questões recorrentes, como a técnica utilizada; a paisagem; o fato de que as cenas parecem acontecer em uma cidade grande, onde as pessoas andam com pressa e intimamente isoladas.

No passado, o gravurista não determinava a **tiragem** de uma gravura. Ele ia reproduzindo a mesma matriz de acordo com os pedidos que recebia até que a matriz ficasse gasta, comprometendo a qualidade da gravura.

Atualmente, o artista define quantas cópias de uma matriz serão feitas, coloca a numeração e assina.



GOELDI, Oswaldo. *Chuva*. Cerca de 1957. Xilogravura em cores, 2/12, 22 cm × 29,5 cm. Coleção particular.

Por **convenção**, na parte inferior esquerda da gravura, são colocados o título da obra, o número da cópia e a tiragem. A assinatura do artista geralmente fica no canto inferior direito. Observe os destaques nos quadrinhos.

Embora não esteja nítido na reprodução, a xilogravura *Chuva* segue essa convenção. Do lado esquerdo, nota-se o título e o número da cópia com a tiragem: 2/12. Do lado direito, a assinatura do artista.

GLOSSÁRIO

Tiragem: número de exemplares impressos de uma só vez ou em cada edição.

Convenção: prática adotada em certas atividades, em especial nas artísticas.

68

Oswaldo Goeldi

Oswaldo Goeldi nasceu no Rio de Janeiro em 1895. Filho do importante naturalista Emilio Goeldi, que estudou a flora e a fauna da Amazônia, Oswaldo foi morar com a família em Belém do Pará, em 1901. Lá, seu pai ajudou a fundar o Museu Paraense, que mais tarde receberia o nome dele. O artista estudou na Suíça e, nos anos 1920, voltou a viver e a trabalhar no Brasil. Além de gravador, foi ilustrador de jornal e professor de belas-arts. Suas obras são conhecidas no Brasil e no exterior. Goeldi morreu em 1961 em sua cidade natal.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1** Com base nas informações do texto, no total, a matriz da xilogravura *Chuva* foi reproduzida quantas vezes?

12 vezes.

- 2** Tendo as mesmas informações do texto como base, qual é o número de cópia dessa xilogravura reproduzida no livro?

É o número 2.

Mãos à obra

Agora, você vai produzir uma isogravura, isto é, uma gravura feita em matriz de isopor. Siga o roteiro.

Material

- ✓ Bandeja de isopor – daquelas que vêm com alimentos
- ✓ Folhas de papel sulfite branco ou colorido
- ✓ Rolinhos de espuma para pintura
- ✓ Lápis preto ou caneta esferográfica
- ✓ Pratinhos plásticos
- ✓ Tesoura com pontas arredondadas
- ✓ Tinta guache de diversas cores
- ✓ Folhas de jornal

Como fazer



Forre o local de trabalho com jornal. Com a tesoura, recorte as bordas da bandeja, pois você só vai usar a parte plana do isopor.



Faça um desenho em uma folha de papel que tenha o tamanho da bandeja.

ILUSTRAÇÕES: ALAN CARVALHO

69

Orientações e comentários das atividades

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR06

1 e 2. Comente com os estudantes que os quadrinhos destacados em vermelho na parte inferior da xilogravura *Chuva* mostram detalhes como a tiragem e a assinatura do artista. 2/12 significa que esta é a segunda de um total de 12 gravuras impressas. Peça a eles que leiam a legenda da imagem, onde a informação aparece de maneira legível.

Sugestão de atividade complementar

No *site* Oswaldo Goeldi – *Site* Oficial do Projeto Goeldi, pesquise obras do artista adequadas à faixa etária dos estudantes e apresente-as na sala de aula para que eles apreciem e comparem algumas dessas imagens. Inspirados nas gravuras, eles farão uma produção artística, que pode ser desenho, pintura, escultura com massinha de modelar, texto de cordel etc., o que preferirem. No final, organize uma roda de conversa para que mostrem a obra aos colegas e discutam sobre a experiência de usar uma gravura como inspiração para a criação de outra obra artística.

Mãos à obra

Organize os materiais com antecedência, solicitando, se possível, a participação dos estudantes para a coleta de bandejas de isopor. Oriente-os a recolher somente bandejas limpas, secas e em bom estado. Leia todas as etapas da atividade em conjunto com os estudantes, para que tirem dúvidas e estabeleçam combinados para auxiliar na organização e limpeza do espaço, durante e depois da atividade.

- Peça a eles que conversem e compartilhem suas ideias com os colegas sobre o que querem representar, antes do início do trabalho. Auxilie-os a pensar sobre a materialidade com a qual vão trabalhar e a escolher representações que sejam possíveis nesse suporte. Se possível, tenha disponível mais de uma bandeja por estudante, para que eles possam refazer o processo, caso o resultado não seja satisfatório para eles, ou queiram experimentar um caminho diferente.

No final, eles poderão compartilhar suas produções e comentar o processo, mencionando as dificuldades e descobertas.

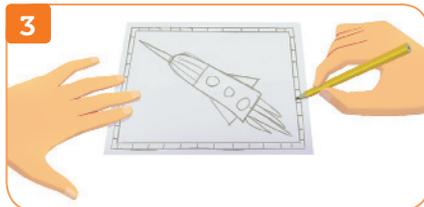
HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR06

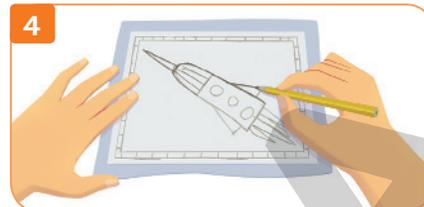
Sugestão de atividade complementar

Solicite aos estudantes, com antecedência, que tragam os seguintes materiais para a sala ou providencie-os junto à escola, se houver essa possibilidade: batata; lápis preto (lápis grafite ou lápis de cor); papel absorvente; colher de chá; pincel; tinta guache de diversas cores; folhas de sulfite.

Corte as batatas ao meio, de modo a criar uma superfície lisa, na qual os estudantes poderão trabalhar. Peça a eles que mantenham a batata na posição horizontal e façam nela um desenho com o lápis. Oriente-os a fazer um desenho simples, sem muitos detalhes. Em seguida, com a colher, eles deverão esculpir a batata ao redor do desenho, para fazer o relevo. O papel absorvente deve ser usado para manter a batata seca. Então, com o pincel, passarão a tinta sobre o desenho e, em seguida, vão carimbar a folha sulfite. O procedimento pode ser repetido quantas vezes for desejado. Quando a tinta secar, o estudante poderá escrever seu nome no trabalho e deixá-lo secar em exposição na classe para que todos possam admirar a produção.



Se quiser, você pode colocar uma borda em volta do desenho para que a gravura fique bem-acabada quando for impressa.



Coloque o desenho sobre o isopor e passe o lápis com um pouco de força sobre o traçado para que ele fique bem marcado no isopor. Se precisar, reforce com o lápis o desenho sobre a placa.



Ponha um pouco de guache no pratinho plástico e passe o rolinho na tinta várias vezes.



Passes o rolinho sobre toda a superfície da placa de isopor.



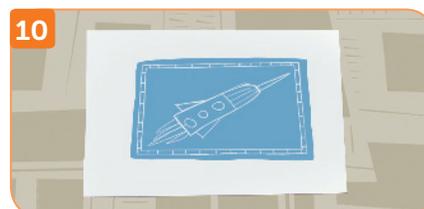
Coloque uma folha de papel sobre o isopor entintado.



Segurando um dos lados da folha, deslize a mão sobre o papel para transferir o desenho para ela.



Retire o papel do isopor com cuidado para não borrar. Sua gravura está pronta!



Espere secar, dê um título para ela e a assine. Se fizer mais de uma gravura usando essa matriz, numere as cópias e assine cada uma delas.

Do Oriente ao Ocidente

A técnica da xilogravura foi criada pelos chineses provavelmente no século 6. Posteriormente, os japoneses aprimoraram essa técnica, que foi levada do Japão para a Europa e, de lá, foi trazida ao Brasil pelos portugueses.

A xilogravura a seguir, do artista japonês Kitagawa Utamaro (1753-1806), mostra três artistas japonesas preparando xilogravuras: a que está ao fundo entalha a madeira de uma matriz; a que está no meio esboça imagens na superfície da madeira, que depois serão entalhadas; e a que está na parte inferior da imagem prepara a tinta.



UTAMARO, Kitagawa. *Três xilogravuristas* (detalhe de tríptico). Cerca de 1803. Xilogravura, 38,3 cm × 25 cm (detalhe). Instituto de Arte de Chicago, Chicago, EUA.

HABILIDADES DA BNCC EF15AR01; EF15AR03

[...] E a gravura, o que é? Incurção íntima, forte. Nasce ‘dentro’ da madeira; não ‘sobre’ papel. Madeira é receptiva, contém a energia. Não é pior nem melhor do que outra arte, mas aquela com que mais me identifiquei. É trabalho coletivo – entra o operário, o impressor, o artista e quem quiser. [...] Pois gravura tem mil possibilidades – cores, sobreposição de matrizes. [...] Gravura é a arte de maior alcance, toda a cópia é original. [...]

LAUDANNA, Mayra. *Maria Bonomi: da gravura à arte pública*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2007. p. 196.

Cordel cantado

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR03; EF15AR13

Solicite aos estudantes que leiam o cordel composto pelo cordelista Evanildo Pereira. Procure trabalhar detalhadamente cada estrofe observando se, pelo contexto, eles compreendem as palavras desconhecidas comentando o que entenderam do texto. Se houver dificuldade, utilize o glossário. O texto aborda a origem do cordel e sua chegada ao Brasil, além de citar autores renomados da literatura e de cordelistas brasileiros.

Comente que as estrofes de cordel apresentam, em geral, de quatro a sete versos e que os versos nem sempre precisam apresentar rimas.

Converse com a turma sobre as diferentes linguagens que se relacionam na cultura do cordel. Estimule-os a perceber a relação entre imagem e narrativa, entre declamação e poesia, cultura oral e escrita, música e narrativa.

Aponte as técnicas de improviso como uma característica do cordel. Pergunte a eles se acham que os emboladores se prepararam para improvisar. Comente que, para que o improviso aconteça, nessa e em outras linguagens, o artista deve ter um grande repertório que lhe permita criar novos versos no momento em que está se apresentando. O repertório do artista é composto de tudo aquilo que ele já experimentou e conhece. Para relacionar esse repertório com os acontecimentos momentâneos do local onde improvisa é preciso ensaio e experiência. ▶

Cordel cantado

No Nordeste, os textos de cordel começaram a ser impressos apenas no final do século 19. Antes, os versos eram cantados por **emboladores** de coco, que faziam **emboladas**, isto é, **cantorias** tocando pandeiros ou acompanhados por violeiros.

Com o tempo, os versos começaram a ser impressos para que não fossem esquecidos. Contudo, como havia muitas pessoas que não sabiam ler, os versos também passaram a ser declamados em voz alta em praças públicas, em festas particulares e em eventos.

Acompanhe a leitura do cordel composto pelo cordelista Evanildo Pereira.

Cordel

Antes que eu diga a origem do cordel que ainda é vivo
Vou no significado de modo **dissertativo**
Cordel quer dizer cordão, mas é no diminutivo.

O Brasil era **cativo** da corte de Portugal
De lá o cordel chegou, um folheto original
Que circulou no sertão como se fosse um jornal.

Entre Espanha e Portugal o cordel ganhou **feição**
Mas ao chegar no Nordeste teve maior projeção
Estrutura e preferência, poesia e perfeição.

Rima, métrica e oração tem que ter o menestrel
Temas diversificados são botados no papel
Permanecendo a origem da cultura de cordel.

Denominação cordel é de origem **erudita**
Na capa, xilogravura, não há coisa mais bonita
No miolo, a poesia, outra grandeza infinita.

GLOSSÁRIO

Embolador: quem compõe e/ou canta embolada.

Embolada: forma musical e poética que ocorre nos cocos e desafios, caracterizada por textos declamados rapidamente.

Cantoria: disputa poética, em geral cantada de improviso, tradicional do Nordeste.

Dissertativo: expor algum assunto de modo detalhado, oralmente ou por escrito.

Cativo: dominado.

Feição: aparência exterior.

Erudita: culta, instruída.



MARCO DE MELLO

- ▶ Pergunte aos estudantes se eles já viram outras improvisações, como uma cena teatral criada na hora ou um outro estilo de música que também se utiliza do improviso. Pergunte também se eles já improvisaram alguma vez. Chame a atenção para o fato de que, quando brincamos de faz de conta, também estamos improvisando.

O cordel que a gente cita sobre vilões e heróis
 Ganhou força de Cervantes, Castro e Rachel de Queiroz
 A Europa lhe deu vida, mas quem lhe criou foi nós.

O cordel de vez e voz era narrado direto
 A Paraíba seu berço, foi o Nordeste o seu teto
 Leandro Gomes de Barros, o seu autor mais completo.

Houve um elenco completo de poeta cordelista
 Cuíca de Santo Amaro, João Batista Evangelista
 João Martins de Ataíde, Francisco Chagas Batista.

O cordel deu projeção até para os festivais
 Está inserido nas músicas e em peças teatrais
 Só faltava ir pras escolas, agora não falta mais.

PEREIRA, Evanildo (letra e música). Canção criada especialmente para esta edição, 2021.

GLOSSÁRIO

Cervantes: referência a Miguel de Cervantes (1547-1616), um dos maiores escritores espanhóis.

Castro: referência a Castro Alves (1847-1871), um dos maiores poetas brasileiros.

Rachel de Queiroz (1910-2003): referência a uma das maiores escritoras brasileiras.

- 1** Você já conhecia algum texto de cordel? O que achou desse que acabou de ler?

Respostas pessoais.

- 2** Ao longo dos versos, o compositor usou uma linguagem mais próxima da linguagem falada no dia a dia, como nas frases “... são botados no papel” e “... quem lhe criou foi nós”. Na sua opinião, por que ele escolheu esse modo de se expressar? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal. Espera-se que o estudante conclua que o cordel está diretamente ligado à oralidade e à arte popular, por isso a linguagem se aproxima do público a quem se dirige.

Evanildo Pereira

O cearense Evanildo Pereira é conhecido como poeta repentista. Ele começou a cantar aos 18 anos, principalmente com improviso. Mudou-se para São Paulo em 1994, onde lançou seu primeiro álbum dois anos depois, intitulado *Sertão em versos*. Realizou trabalhos e compôs em parceria com outro mestre no improviso popular, o repentista de viola Orlando Dias.

Orientações e comentários das atividades

1. Estimule os estudantes a pensar sobre as aulas de outras disciplinas, sobre excursões feitas com a escola e sobre as experiências com seus familiares, para ajudá-los a recordar.
2. Comente que as línguas, além de terem seus padrões oficiais, apresentam variações que correspondem a diferentes modos de expressão e comunicação de diversos grupos, marcando regionalidades, entre outros aspectos.

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR06; EF15AR26

Para esta atividade, selecione e reserve os equipamentos ou o laboratório de informática da escola. Se houver necessidade, peça apoio à coordenação e à equipe de informática para mediar a criação dos grupos e auxiliá-los com os recursos disponíveis. Com antecedência, pesquise *e-books* gratuitos adequados à faixa etária dos estudantes e faça o *download*.

Apresente os *e-books* para a turma e peça que leiam trechos das obras em voz alta. Converse com eles sobre esse tipo de publicação e pergunte quais são as vantagens e desvantagens do *e-book* em relação ao livro de papel, na opinião de cada um.

Depois, conduza a atividade, auxiliando os grupos em todas as etapas. Os *e-books* não precisam ter uma história contínua ou um tema único. Mas, se os grupos observarem semelhanças entre as ilustrações, por exemplo, e quiserem criar uma história, surge uma possibilidade interessante de trabalho. O mais importante é estimular a troca de ideias e a colaboração dos estudantes no grupo.

Para auxiliar na criação dos *e-books*, utilize editores de texto ou de apresentação que estiverem disponíveis nos equipamentos da escola ou escolha plataformas gratuitas *on-line* para a edição. Oriente os estudantes a escolher as fontes de texto, colar e dimensionar as imagens. Se possível, ajude-os a criar fundos e efeitos. Depois, baixe os *e-books* em PDF. Disponibilize um momento para que todos da sala possam ver e compartilhar as produções dos outros grupos.

Mãos à obra

Você sabe o que é um *e-book*?

E-book é um livro digital. Isso significa que ele não é impresso em papel e pode ser lido na tela de um telefone celular, em um *tablet*, no computador ou em leitores especializados para esse tipo de mídia.



Menina lendo *e-book* em um *tablet*. Cidade do Cabo, África do Sul, 2019.

Que tal criar um *e-book* com gravuras e versos inspirados na arte do cordel? Siga as orientações.



1. Forme um grupo com três colegas para criar o *e-book* pensando de forma colaborativa.
2. Compartilhe com os integrantes do grupo a gravura de isopor que você fez em um momento anterior e observe com atenção a gravura feita por eles.
3. Seu grupo deverá escrever um pequeno conjunto de versos de cordel para cada uma dessas gravuras. Troquem ideias para criar versos bem interessantes.
4. Depois de criados os versos, fotografem as gravuras ou copiem as imagens em um aparelho de *scanner*, se houver um disponível na escola, com a ajuda do professor.
5. Em seguida, também com a ajuda do professor, vocês criarão as páginas do *e-book* no computador, escrevendo os versos e colando as palavras e as imagens no mesmo arquivo. Escolham a cor e o estilo da letra que usarão.
6. Criem um título para o *e-book* e façam a capa, que poderá ter imagens ou não.
7. Depois de pronto, salvem o arquivo no computador para compartilhar o *e-book* com os colegas, o professor e os familiares.



Musicando

Geralmente, os cordelistas acompanham a declamação do texto tocando a viola caipira.



Viola caipira (cerca de 94 cm de comprimento).

FERNANDO FAVORITO/GRIAR/IMAGEM

Converse com os colegas e o professor.

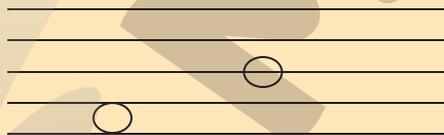
- No caso do cordel, o instrumento musical faz apenas o acompanhamento dos versos, construindo a melodia e o ritmo do texto que será cantado ou declamado. Na sua opinião, que outros instrumentos poderiam ser usados para esse mesmo fim? Faça um desenho para representar a sua resposta.

Desenho pessoal.

Notação musical

A posição de uma nota no pentagrama indica a altura do som. Quanto mais alta a nota musical estiver no pentagrama, mais aguda ela será.

No exemplo a seguir, a nota escrita na terceira linha é mais aguda que a grafada no espaço inferior.



FERNANDO JOSÉ FERREIRA

75

Musicando

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR13; EF15AR16

Orientações e comentários da atividade

Comente com os estudantes que existem outras formas cênicas, como o teatro ou a contação de histórias, que também utilizam a música. Retome com a turma o que estudaram nos anos anteriores sobre os instrumentos musicais empregados no teatro. Relembre que, além de acompanhar o ritmo e a melodia, os instrumentos podem criar efeitos sonoros, colaborando com a história.

Notação musical

Trabalhe com os estudantes a ideia de registro gráfico de sons. Eles entrarão em contato com o sistema ocidental de notação musical, mas é importante que compreendam que existem outras formas de registrar os sons e a música. Diversos povos em diferentes épocas desenvolveram maneiras de fazer esse registro. Faça algumas perguntas como: “Será que a partitura musical sempre existiu?”; “Você acha que os símbolos da partitura musical foram modificados ao longo do tempo?”; “Podemos reinventar a escrita musical?”.

A partitura musical, como a conhecemos atualmente, não existiu desde sempre. Ela foi evoluindo ao longo dos séculos. Contudo, diferentemente desse registro, vários povos criaram notações musicais e formas de registro sonoro que correspondiam ao pensamento musical da época.

- Nesse momento, o objetivo não é ensinar os estudantes a ler as notas musicais, mesmo porque compreender elementos da partitura musical demanda tempo e ler uma partitura implica saber escutar sistematicamente os sons. O objetivo desta seção é introduzir os conceitos de registro e de notação musical convencional para que os estudantes compreendam que é possível registrar graficamente os sons, que futuramente poderão ser lidos e reproduzidos em tempos diferentes. Com a escrita musical, tornou-se possível conhecer obras produzidas em épocas diferentes da que vivemos.

Pauta ou pentagrama são as cinco linhas entre as quais são escritas as notas musicais. Uma partitura contém o pentagrama, as claves, as notas e os demais símbolos que fazem parte do registro. Ela foi criada para registrar as músicas, que assim podem ser reproduzidas por quem sabe interpretá-las.

HABILIDADE DA BNCC EF15AR16

Observar as transformações da notação ao longo das sucessivas épocas da escrita musical permite apreender as características que os músicos esforçaram-se por privilegiar no mundo sonoro, considerando-se as mutações do pensamento estético. Seria imprudência admitir como o mais adequado o sistema atual de notação, que tende a universalizar o resultado de muitos séculos de tentativas. [...] Outras civilizações deram maior importância a qualidades deixadas em segundo plano por nosso sistema de notação. A notação chinesa, por exemplo, destinada a instrumentos de cordas pinçadas, revela-se de uma minúcia preciosa quando se trata de precisar o modo de ataque e de sustentação do som. [...] Querer um sistema de notação generalizável, que pudesse abranger todas as músicas, seria tentar impor um único Sistema de pensamento e análise.

MASSIN, Jean; MASSIN, Brigitte.
História da música ocidental. 1. ed.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira,
1997. p. 135.

Assim, a posição das notas nas linhas ou nos espaços do pentagrama indica a relação de grave e agudo entre elas.

No entanto, são necessários os símbolos chamados de **clave** para identificar quais notas estão escritas.

As claves existem para permitir a escrita de composições para vozes ou instrumentos musicais.

Existem os seguintes tipos de clave: a de **sol**, a de **fá** e a de **dó**. Elas indicam como ler as notas no pentagrama, pois determinam a posição da nota musical que servirá de referência para a leitura de todas as outras. Para sons de altura indefinida, como os sons de instrumentos de percussão, é utilizada uma outra clave.

Observe as claves e leia as legendas.



A **clave de sol** determina o lugar da nota **sol** no pentagrama.

A **clave de fá** determina o lugar da nota **fá** no pentagrama.

A **clave de dó** determina o lugar da nota **dó** no pentagrama.

A nota que tem o mesmo nome da clave é escrita na linha em que a clave inicia.

Por exemplo, a clave de sol indica a escrita da nota **sol** na segunda linha.

A partir daí, as demais notas são escritas ou nas linhas ou nos espaços, uma após a outra: **sol** na linha, **lá** no espaço, **si** na linha e assim por diante.

Em geral, a clave de **sol** é usada para registrar as notas mais agudas, a clave de **fá** é indicada para grafar as notas mais graves e a clave de **dó** é empregada para sons de altura média.

76

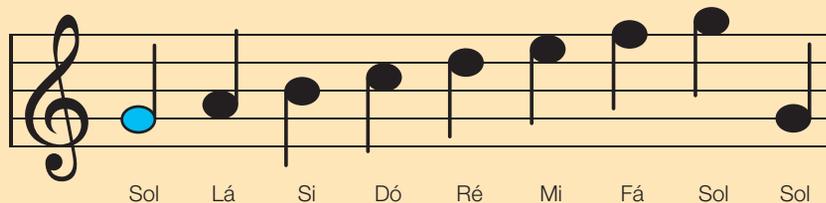
Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que formem uma dupla. Um dos integrantes vai explorar sons agudos e graves, continuamente. O outro deverá responder aos sons com a movimentação do corpo, relacionando os sons com os planos alto, médio e baixo. Reforce a ideia de que os sons agudos são considerados altos, e os graves são considerados baixos, o que corresponde à sua posição na partitura. Os movimentos são livres, mas devem corresponder a esse padrão. Estimule os estudantes a explorar diversas partes do corpo durante a movimentação, como os braços, a cabeça e os pés.

HABILIDADE DA BNCC
EF15AR16

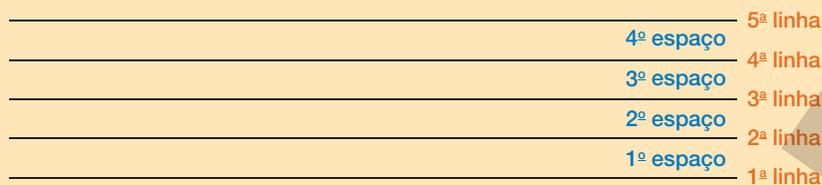
Verifique se estão claros para os estudantes os conceitos de grave e agudo, tratando-se de sons. Sugira brincadeiras, extraindo sons de alguns objetos para que comparem e percebam quais são graves e quais são agudos. Também busque sons facilmente encontrados na internet para que percebam a diferença entre eles.

A menor distância entre duas notas no pentagrama é de um espaço para uma linha ou de uma linha para o espaço mais próximo.



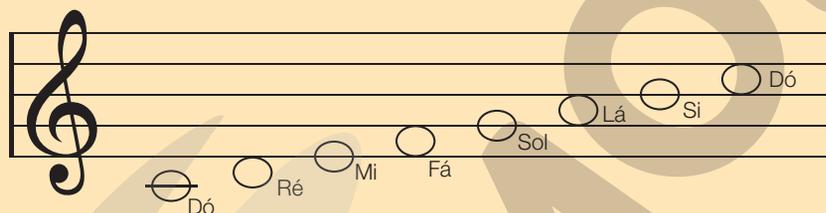
A nota ao final de cada pentagrama é a representação da nota de referência indicada pela clave e que aparece em azul na ilustração.

Se usarmos apenas os quatro espaços e as cinco linhas do pentagrama para a escrita de uma composição musical ou um arranjo vocal, só é possível representar nove notas musicais.



Porém, grande parte dos instrumentos musicais apresenta uma extensão maior de notas. Assim, os compositores usam linhas e espaços acima ou abaixo do pentagrama para registrar essa extensão. Essas linhas e espaços são chamados de **suplementares**.

Veja a nota dó e a nota ré que iniciam a pauta a seguir. Elas foram registradas em linha e espaço suplementares, abaixo do pentagrama.



Quando você ouvir suas músicas preferidas, tente perceber como as diferentes propriedades do som resultam em uma obra artística.

Por exemplo: as alturas criam as melodias, as durações geram os ritmos, as intensidades conferem expressividade à música pela interação entre sons fortes ou fracos e os timbres são as “cores” do som, sua “personalidade”.

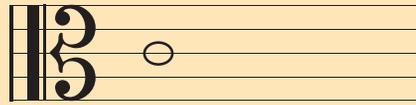
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ILUSTRAÇÕES: FERNANDO JOSÉ FERREIRA

HABILIDADE DA BNCC**EF15AR16**

Leia com os estudantes o comando das atividades e verifique se eles compreenderam os enunciados. Oriente-os a retomar a leitura das páginas anteriores para auxiliar na execução das respostas. Caso, durante o processo, eles apresentem dificuldades, forme duplas ou pequenos grupos para facilitar a colaboração mútua. Desse modo, também será mais fácil acompanhá-los durante as atividades e sanar as possíveis dúvidas.

A seguir, veja outros exemplos da posição das notas em relação às claves:



Dó

Clave de dó na terceira linha.



Fá

Clave de fá na quarta linha.

Vamos testar? 2. A nota escrita na terceira linha é mais grave que a grafada no espaço superior.

1 Explore os sons graves e agudos da sua voz seguindo as orientações do professor.

2 No pentagrama, faça um X na nota mais grave e circule a mais aguda.



3 Circule as notas dó.



4 Observe os pentagramas a seguir. Neles estão representadas as claves de **dó** e de **fá** com as respectivas notas.

a) Escreva o nome das notas que aparecem na escala do **dó**.



b) Escreva o nome das notas que aparecem na escala do **fá**.



ILUSTRAÇÕES: FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Para fazer com os colegas

Agora você e os colegas da sala vão organizar um sarau de cordel.

O objetivo de um sarau é compartilhar experiências literárias e estéticas. Esses eventos podem ajudar a divulgar o trabalho de escritores e de outros artistas, conhecidos ou não. Muitas vezes, também podem ter um sentido comunitário, atraindo poetas do bairro ou da região, que se reúnem para debater assuntos de interesse comum.

Em um sarau, podem ser feitas leitura de textos, apresentações de teatro e de música, exposição de fotografias e quadros, oficinas de xilogravura, apresentação de filmes, documentários e de outros recursos audiovisuais.

Para organizar um sarau na escola, sigam o roteiro:

1. Conversem com o professor para definir:
 - a) o que cada um gostaria de apresentar. Pensem no que querem promover: exposição de xilogravuras, leitura de textos de cordel, improvisação de versos etc.
 - b) quem trabalhará em grupo, em dupla ou individualmente. Lembrem-se de que trabalhar em conjunto é sempre uma oportunidade para trocar ideias e aprender com os colegas.
 - c) os equipamentos e as tarefas necessárias à realização do evento e quem ficará responsável por cada uma delas.
 - d) data e horário do sarau.
2. Reservem os equipamentos necessários para o evento. Caso a escola não os possua, verifiquem se alguém da comunidade pode emprestá-los.
3. Façam uma pesquisa sobre os artistas locais, como pintores, cantores e gravuristas. Descubram também se entre as pessoas da comunidade escolar há artistas que façam apresentações de embolada. Entrem em contato para verificar se podem participar do evento.
4. Planejem a decoração da escola de acordo com o tema do cordel e preparem a divulgação do evento:
 - a) criem convites para enviar às famílias;
 - b) produzam cartazes para fixar pela escola e em outros lugares da comunidade, como no comércio do bairro.

Bom sarau!



ANATSI/SHUTTERSTOCK

Para fazer com os colegas

HABILIDADES DA BNCC EF15AR06; EF15AR23

Verifique se os estudantes já ouviram falar em sarau ou se já participaram de algum. Esclareça que o sarau é um evento cultural em que os participantes se expressam artisticamente diante de um público. Geralmente, esse evento é associado à poesia e à música, mas também pode envolver dança, *performance*, leitura, cinema, vídeo, diálogo sobre um determinado tema, pintura, entre outros temas. O sarau pode servir como forma de aproximação entre as pessoas, troca de experiências culturais, vivências coletivas, fortalecimento do grupo e pode despertar o gosto e a sensibilidade para diferentes linguagens artísticas.

Planeje com a turma, e também com outros professores que queiram aderir ao trabalho, uma maneira de organizar o sarau. Na internet, há vídeos de saraus realizados em diferentes locais, inclusive em escolas. Selecione um deles para compartilhar com os estudantes e servir de inspiração. O sarau pode ser desenvolvido de diferentes formas. Por exemplo, para um sarau de leitura, podem ser organizados, em uma mesa grande, livros de autores renomados, com os participantes sentados em volta dela e fazendo leituras em voz alta; em um sarau de artes plásticas, na escola ou em um espaço específico, podem ser apresentados e comentados, em uma exposição, os trabalhos de artistas locais; em outro sarau, os estudantes podem declamar textos de cordelistas ou cordéis criados por eles mesmos; podem também oferecer uma oficina de criação poética, musical ou de cordel, ou de contação de histórias. Os saraus poderão envolver a participação dos estudantes e familiares, dos professores e funcionários da escola, entre outros convidados.

Conclusão

O capítulo abordou a arte do cordel, privilegiando aspectos da literatura, das artes visuais e da música presentes nessa tradição. Espera-se que os estudantes compreendam as relações estabelecidas entre as diferentes linguagens e mobilizem seus repertórios pessoais nos momentos de criação, durante a realização das atividades individuais e coletivas, prezando pela cooperação com os colegas como forma de aprofundar seus aprendizados. É esperado também que eles valorizem tanto a tradição do cordel quanto os diferentes artistas apresentados no capítulo, compreendendo a importância das diferentes matrizes culturais brasileiras.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante o ano, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividade presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação a seguir poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades. Caso ainda haja dificuldades ao final do processo, é sugerida uma atividade de remediação, presente nesta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 5

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco	Observações
(EF15AR26)	O estudante reconhece o cordel como expressão estética que integra diferentes linguagens?				
(EF15AR01)	O estudante aprecia diferentes gravuras, identificando seus diferentes temas, contextos e técnicas?				
(EF15AR03) e (EF15AR25)	O estudante reconhece as matrizes estéticas, incluindo a europeia, nas manifestações do cordel e a importância da gravura na arte brasileira?				
(EF15AR04)	O estudante explora materialidades, criando soluções para suas produções de acordo com as propostas do capítulo?				
(EF15AR05) e (EF15AR06)	O estudante participa das propostas de atividade coletiva, mobilizando seu repertório e dialogando para encontrar soluções conjuntas?				
(EF15AR26)	O estudante compreende o conceito de <i>e-book</i> e explora criativamente o meio digital, de acordo com seu repertório e suas possibilidades?				
(EF15AR16)	O estudante compreende e explora os conceitos apresentados sobre notação musical convencional, relacionando aos conteúdos trabalhados no capítulo anterior?				
(EF15AR23)	O estudante participou ativamente da criação do sarau, mobilizando seu repertório e explorando a integração entre linguagens?				

Atividade de remediação

Esta atividade pode ser feita individualmente ou em duplas. Os estudantes deverão criar e executar uma canção a partir de um tema que escolherem no capítulo. Peça que retomem os conteúdos, lembrando as histórias que foram contadas, os artistas que conheceram etc., e então escolham um assunto para criar a canção. Disponibilize um momento para que eles ouçam canções já existentes e depois façam um esboço da letra. Selecione uma embolada para a apreciação da turma e estimule-os a sugerir outras canções conhecidas e das quais gostem. O momento de apreciação poderá auxiliá-los a criar o ritmo e a melodia de suas canções. No final, disponibilize um tempo para o ensaio, a apresentação e uma conversa sobre o processo. É esperado que os estudantes retomem e aprofundem os conteúdos, usando-os como ponto de partida para a criação musical, mobilizando o próprio repertório e exercitando a composição e a exploração vocal de maneira lúdica.



MODERNA

O que aprendemos

Avaliação processual

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR06;
EF15AR12

1. Observe se os estudantes demonstram facilidade em explicar com as próprias palavras os movimentos explorados na atividade. Caso tenham dificuldade, proponha uma conversa com a turma para que relembrem a experiência e, assim, possam colaborar na ampliação de vocabulário entre todos.
2. Fique atento ao tipo de recurso utilizado pelos estudantes para compor o desenho e compare com a atividade realizada no início do ano na Avaliação diagnóstica. Verifique se houve evolução no desenvolvimento de habilidades e se foram incorporados os aprendizados do ano letivo. Confirme se o que estudaram serviu de inspiração para o trabalho.
3. Peça aos estudantes que localizem no livro sua obra preferida e tentem descrevê-la com as próprias palavras. Solicite que complementem suas impressões pessoais com informações contidas no livro sobre a obra, seu contexto e o artista que a criou. Eles poderão comparar a obra escolhida com outras estudadas ressaltando as diferenças e semelhanças, como traços, cores, estilos etc.

O que aprendemos

Olá! Agora você fará algumas atividades e descobrirá que já aprendeu muitas coisas!

- 1  Em uma das atividades do capítulo 3, você realizou diferentes movimentos com o corpo, sozinho e em grupo. Que tipos de movimento foram explorados? Descreva-os para o professor e os colegas. **Sugestões de resposta: movimentos pequenos e grandes, próximos e distantes, rápidos e lentos.**
- 2  Antes do surgimento da fotografia, as famílias costumavam ser retratadas em pinturas. Os artistas faziam o registro das pessoas em cenas do cotidiano, dentro de casa ou ao ar livre. Agora é sua vez: desenhe a cena de um retrato representando você e sua família ou, se preferir, você e seus amigos.

Desenho pessoal.

- 3 Escolha no livro o retrato ou o autorretrato do qual você mais gostou e comente sobre a obra e o artista.

Resposta pessoal.

Para terminar**Avaliação de resultado****HABILIDADES DA BNCC
EF15AR06; EF15AR12**

1. Verifique se os estudantes demonstraram envolvimento com os assuntos trabalhados no livro. Observe se estabeleceram relação entre o conteúdo e as próprias experiências ao relatar um fato ocorrido na família. Avalie se o aprendizado foi significativo para eles.
2. Sugira aos estudantes que relembrem o processo de criação da coreografia. Se houver algum registro, disponibilize-o para ajudá-los a recordar. Depois que escreverem as respostas, promova uma conversa com toda a turma sobre as dificuldades na criação de uma obra coletiva e auxilie-os a encontrar estratégias para superá-las. Valorize as conquistas da turma e os momentos de colaboração, escuta e troca entre todos.
3. Pergunte aos estudantes se gostaram de trabalhar com recursos digitais em algumas atividades propostas nesta coleção, durante o Ensino Fundamental I. Peça que reflitam sobre os aprendizados e as criações neste período da escolaridade. Incentive-os a perceber em que aspectos houve maior desenvolvimento e a pensar sobre o que ainda podem aprender utilizando essas ferramentas como forma de registro, criação e pesquisa, não só em relação à disciplina de Arte mas também nas outras disciplinas que fazem parte da grade curricular.

**Para
terminar**

Para encerrar o trabalho com este livro, faça as atividades a seguir com atenção.

- 1 A fotografia e o cinema nos permitem registrar e contar muitas histórias, entre elas, as histórias de nossa família e de nossos ancestrais. Conte como foi conversar com seus familiares e conhecer suas histórias. Escreva em poucas palavras o que você mais gostou de descobrir sobre a sua família.

Respostas pessoais.

- 2 Ao longo do ano, você e a turma trabalharam algumas vezes com o corpo. Para você, como foi criar uma coreografia? Comente suas principais dificuldades e conte como a cooperação do grupo ajudou a superá-las.

Resposta pessoal.

- 3 Durante o ano letivo, você e seus colegas criaram *e-books* para compartilhar com a turma e seus familiares. Conte como foi a experiência de criar um livro digital.

Resposta pessoal.

- 4** Escolha uma forma de arte que tenha causado um grande impacto em você ao conhecê-la e faça uma colagem para representá-la usando materiais recicláveis, embalagens, recortes de revistas e de folhetos e o que mais tiver à mão. Essa arte pode ser a dança, a fotografia, o cinema, a literatura, a arquitetura, a escultura, a música, a instalação, a *performance*, o teatro, a pintura, o que você preferir. Se quiser, misture desenho e colagem para o trabalho ficar mais interessante. Use a imaginação e expresse seus sentimentos no espaço abaixo.

Resposta pessoal.

- 5** Leia as perguntas com atenção e responda marcando um **X**.

	SIM	NÃO	ÀS VEZES
Foi prazeroso aprender novos conteúdos e compartilhar com os colegas?			
Houve uma boa integração entre todos este ano?			
Percebi as mudanças que contribuíram para melhorar meu desempenho nas atividades corporais?			
Estou preparado para iniciar uma nova etapa no próximo ano?			

HABILIDADES DA BNCC EF15AR04; EF15AR06

- 4.** As manifestações artísticas envolvendo desenho, pintura e colagem, além de outras manifestações artísticas, foram sistematicamente trabalhadas por esta coleção na disciplina de Arte, durante o todo o Ensino Fundamental. Assim, será possível avaliar, nesta atividade, o desenvolvimento da turma no aspecto da criação e sua evolução no aprendizado e na utilização das técnicas que foram ensinadas. Observe a desenvoltura dos estudantes quanto às escolhas no momento da criação, como se deu a utilização do espaço na página, se foi feito uso das técnicas mistas de desenho e colagem, se escolheram realizar um trabalho colorido ou monocromático.
- 5.** Se achar conveniente, leia com os estudantes as questões da autoavaliação e deixe que comentem cada uma delas antes de responder. A cada ano é importante passar por este processo de autoavaliação porque isso permite a cada um deles perceber sua evolução durante o ano letivo, não só no desenvolvimento físico como também no que diz respeito à aprendizagem, tendo em vista que, neste ano, se encerra um ciclo com a finalização do Ensino Fundamental I.

Vamos ler

Espelho de artista (autorretrato)

KATIA CANTON.

SÃO PAULO: SESI-SP, 2017.

O autorretrato espelha e reflete a importância do artista e também a do mundo e da época em que viveu. Esse livro analisa vários tipos de autorretrato – das marcas de mãos nas cavernas pré-históricas às telas e aos desenhos criados por grandes artistas, antigos e modernos.



REPRODUÇÃO

Massinha de farinha

ALDA. SÃO PAULO:

COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 2005.

Nesse livro, você verá como é fácil fazer massa de modelar usando apenas farinha, sal e um pouco de água. Aprenderá também a modelar diferentes objetos, como porta-retratos, molduras de quadros, porta-lápis e muito mais.



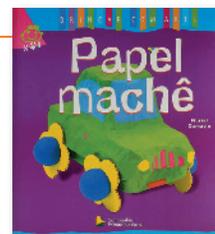
REPRODUÇÃO

Papel machê

MURIEL DAMASIO. SÃO PAULO:

COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 2005.

Esse livro ensina os segredos do papel machê e como fazer cabides velozes, flor colorida, serpente porta-CD, casal engraçado, abelhas e borboletas, carrinhos-surpresa, cofrinhos malucos, entre outros objetos.



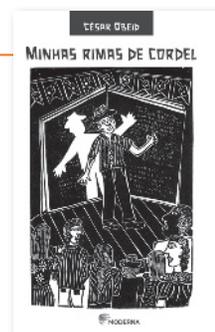
REPRODUÇÃO

Minhas rimas de cordel

CÉSAR OBEID.

SÃO PAULO: MODERNA, 2013.

Nesse livro, a cultura popular é contada em versos de cordel. Brincadeiras como “o que é, o que é?”, crendices ou superstições, ditados populares, histórias engraçadas, tudo isso está aqui.



REPRODUÇÃO

Referências bibliográficas comentadas

ARAÚJO, E. *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. 1. ed. São Paulo: Imesp, 2010.

O livro oferece um panorama sobre a participação dos afrodescendentes na arte brasileira.

ARSLAN, L. M.; IAVELBERG, R. *Ensino de arte*. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

A obra aborda diversas teorias que embasam o trabalho com arte-educação.

BEDRAN, B. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Rico estudo sobre a importância das narrativas orais para o desenvolvimento da criatividade.

BOEIRAS, G. (org.). *Maravilhas do Brasil: festas populares*. 1. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

O livro retrata a riqueza das comemorações religiosas e folclóricas brasileiras apresentadas em 110 fotografias.

BRITO, T. A. de. *Música na Educação Infantil: proposta para a formação integral da criança*. 2. ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.

Nesse livro, a autora oferece reflexões teóricas e sugestões práticas sobre o trabalho com a educação musical.

BRUIT, H. H. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Iluminuras, 1995.

Estudo acerca do frei Bartolomé de Las Casas, figura que exerceu enorme influência no império espanhol durante o período de colonização das Américas.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Nessa série de conferências, Ítalo Calvino exalta o papel insubstituível e formador da literatura diante da crise contemporânea da linguagem.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2010.

A obra reúne verbetes sobre superstições, crendices, mitos, danças e lendas adotadas e vividas pelo povo brasileiro em seu cotidiano.

CAVALLEIRO, E. (org.). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

Nesse livro, diversos pesquisadores procuram reconhecer o racismo presente no cotidiano escolar e propor alternativas pedagógicas para enfrentá-lo.

COLLET, C.; PALADINO, M.; RUSSO, K. *Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Laced, 2014. (Série Traçados).

A obra procura desconstruir preconceitos e estereótipos sobre os indígenas e propor atividades que auxiliem o professor nos diferentes níveis de ensino.

CURRAN, M. J. *Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas*. 1. ed. Bloomington: Trafford Publishing, 2014.

Essa publicação se constitui um material bastante completo sobre a arte do cordel, apresentando uma pesquisa extensa e minuciosa sobre o tema.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

Nesse livro, Dewey descreve a vivência educativa como um processo que implica continuidade, interação e reconstrução da experiência.

FEIST, H. *Pequena viagem pelo mundo da Arquitetura*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

Nesse livro, a autora apresenta as obras arquitetônicas mais inovadoras da História, assim como as técnicas que revolucionaram a arte da Arquitetura ao longo do tempo.

FERREIRA, M. *Como usar a música na sala de aula*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

A obra serve como um guia para professores que desejam potencializar a criatividade e o prazer musical de seus estudantes.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

Nesse livro, o autor reflete sobre os diferentes aspectos envolvidos no ato de ensinar e sobre o que este exige de educadores e educandos.

GASPAR, M. *A arte rupestre no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Coleção Descobrimos o Brasil).

Esse volume apresenta um panorama da arte rupestre brasileira.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

Essa obra clássica serve como uma ótima introdução aos mais variados assuntos do mundo da Arte.

IABELBERG, R. *O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores*. Porto Alegre: Zouk, 2006.

A obra aborda o desenho criativo como objeto simbólico e cultural.

KOUDELA, I. D. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

O livro é uma boa referência para todo aquele que deseja aprofundar seus estudos em teatro-educação.

LABAN, R. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus, 2011.

A obra explora a relação entre as motivações do movimento e o funcionamento corporal.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Importante estudo sobre os processos de alfabetização e letramento.

MARQUES, I. A. *Dançando na escola: textos e contextos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

O livro busca propor a difusão de um ensino de dança mais crítico e transformador.

MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Clássico estudo sobre a linguagem do cinema.

MARTINS, A.; KOK, G. *Artes indígenas*. São Paulo: Claro Enigma, 2014. (Coleção Roteiros visuais no Brasil).

O livro apresenta um panorama sobre a história e a cultura dos povos indígenas brasileiros por meio do estudo de suas manifestações artísticas.

MASSIN, J.; MASSIN, B. *História da música ocidental*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

A obra trata da história da música ocidental com uma linguagem acessível, porém sem perder o rigor técnico.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

Nesse livro, os autores procuram analisar os impactos e as possibilidades do uso das tecnologias no processo educativo.

PAVIS, P. *Dicionário de Teatro*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Essa obra se constitui uma referência valiosa para o conhecimento e o ensino de teatro.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros passos).

Obra introdutória ao tema dos patrimônios culturais intangíveis.

PILLAR, A. D. (org.). *A educação do olhar*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

O livro trata do papel dos professores como educadores do olhar dos estudantes na tarefa de ler imagens.

PROENÇA, G. *História da Arte*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011.

Esse livro apresenta os principais movimentos artísticos, tendências e artistas, além de técnicas e materiais utilizados na confecção de obras artísticas.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

Nessa obra, Milton Santos expõe sua teoria sobre o espaço geográfico.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

O livro propõe um modo especial de olhar para o mundo e descobrir as surpreendentes relações com a música que ele oferece.

SHAW, S. *Stop Motion: técnicas manuais para a animação de modelos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Além de oferecer uma visão detalhada da animação em *stop motion*, o livro conta com um verdadeiro guia para produzir filmes bem-sucedidos com essa técnica.

SILVA, J. F. *Avaliação formativa: pressupostos teóricos e práticos*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação: 2019.

Nessa obra, o autor discorre sobre orientações metodológicas e instrumentos de avaliação adequados à concepção de avaliação formativa.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Nesses ensaios, Sontag analisa o significado e a evolução das fotografias desde o aparecimento do daguerreótipo, no século XIX.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Manual útil para os diversos profissionais envolvidos com teatro, incluindo educadores.

TATIT, A.; MACHADO, M. S. M. *300 propostas de artes visuais*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

O livro apresenta propostas simples e acessíveis para o trabalho com artes visuais.

TINHORÃO, J. R. *Pequena história da música popular: segundo seus gêneros*. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

O livro é um estudo completo acerca das origens e da configuração de cada um dos movimentos musicais que formam a cultura brasileira.

VASCONCELLOS, L. P. *Dicionário de Teatro*. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Um guia completo sobre termos do teatro antigo e contemporâneo.

VISCONTI, M.; BIAGIONI, M. Z. *Guia para educação e prática musical em escolas*.

1. ed. São Paulo: Associação Brasileira de Música, 2002.

Esse guia, dirigido a professores do Ensino Fundamental, apresenta diversas atividades e sugestões de práticas para o trabalho com educação musical.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Nessa obra, Vygotsky analisa as relações entre pensamento e linguagem, o que resulta em uma teoria original sobre o desenvolvimento intelectual.

SITES E VÍDEOS

ACERVO Digital do Museu Afro-Brasil. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/acervo-digital>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Nesse *site* do Museu Afro-Brasil, é possível pesquisar artistas no acervo e ver reproduções das obras, que abrangem os universos das culturas africanas, indígenas e afro-brasileira.

BLOG da Emia. Disponível em: <<https://emiasp.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

No *blog* dessa escola pública de artes localizada em São Paulo (SP), é possível ter contato com relatos, fotografias e sugestões de atividades.

EXPOSIÇÃO Castelo Rá-Tim-Bum Live + Tour 360°. Disponível em: <<http://www.fotosintese360.com.br/tour/ratibum>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Tour virtual da mostra *Castelo Rá-Tim-Bum – A exposição*, realizada pelo Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo entre 2014 e 2015, em homenagem ao aclamado programa infantil dos anos 1990.

PORTAL do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

O *site* reúne informações sobre diversos temas abordados na coleção, como patrimônio arqueológico e patrimônio imaterial brasileiro.

TAKORAMA Festival Internacional de Cinema. Disponível em: <<https://www.takorama.org/pt>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Nesse *site*, é possível assistir a 15 curtas-metragens de animação infantojuvenis a respeito do tema "solidariedade". Também há *lives* sobre educação e roteiros de atividades para baixar.



MODERNA



MODERNA

ISBN 978-65-5779-750-1



9 786557 797501